

**Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos**

**Semióticas da(s) masculinidade(s) em um grupo de homens
que exercem violência contra as mulheres**

**Belo Horizonte
2012**

Cláudia Natividade

**Semióticas da(s) masculinidade(s) em um grupo de homens
que exercem violência contra as mulheres**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de Concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2012

Tese intitulada *Semióticas da(s) masculinidade(s) em um grupo de homens que exercem violência contra as mulheres*, defendida por Cláudia Natividade em 29/02/2012 e aprovada pela banca examinadora composta pelos seguintes professores:

Prof. Dra. Sônia Maria de Oliveira Pimenta
Orientadora – UFMG

Prof. Dra. Viviane Heberle – UFSC

Prof. Dr. Orlando Vian Júnior – UFRN

Prof. Dra. Maria Carmem Aires Gomes – UFV

Prof. Dra. Maria Lúcia Miranda Afonso – UNA

Belo Horizonte
2012

Para Ian, com toda admiração.

AGRADECIMENTOS

Para minha família, sempre presente, provendo apoio incondicional nesta caminhada tão difícil: minha mãe, minhas irmãs, minha sobrinha, meu pai e, muito especialmente, meu querido filho Ian. Ao pai do Ian, que cuidou dele para que eu fizesse um estágio no exterior totalmente tranquila.

Para minha orientadora, por me acompanhar uma vez mais com competência, carinho e cuidado super especial. Para meus colegas de UFMG Carlos Lírio, Cássia Helena Lima, Francis Paiva, Guilherme Brent, Fátima Garrido, Raquel Loyola, Regina Brito, Valdirécia Taveira e Zaira Bonfante, pelas preciosas conversas e trocas. Agradecimentos à UFMG por me acolher e à CAPES que financiou esta pesquisa.

Para o Prof. Carlos Gouveia, que me recebeu no ILTEC e na Faculdade de Letras de Lisboa e contribuiu imensamente com minha pesquisa. Pelo carinho e acolhida em terras estrangeiras, agradeço também aos colegas, professores, amigos e funcionários que encontrei por lá: Elaine Silva, Fernanda Morais, Isabel França, Prof. Lachlan Mackenzie, Mafalda Mendes, Maria Krebber, Mário Martins, Marta Filipe, Ricardo Giomi, Rita Cardoso, Sóstenes Rego. Muitas conversas e valiosas contribuições que não esquecerei.

Para meus companheiros de trabalho do Instituto Albam André Diniz, Dalcira Ferrão, Fátima Pessali, Flávia Gotelip, Luci Diniz, Luciene Melo, Rebeca Rohlf, e para os recém-chegados Adilson Schultz, Fellipe Lattanzio, Fernanda Porfírio e Gustavo Fortunato, muitos agradecimentos pelas constantes trocas, pelo trabalho que realizamos e pelo que ainda realizaremos juntos. Agradecimentos especiais a João Paulo Bernardes, meu companheiro de coordenação de grupo que figurou nessa pesquisa. Para os especiais parceiros da SEDS Ariane Gontijo, Fabiana Lima, Paula Jardim e Thalles Andrade. Agradecimento especial a Eliana Piola, que sempre acreditou no nosso trabalho e sempre incentivou. A Eduardo Machado, amigo querido, que sempre influenciou positivamente no trabalho e na vida.

Para Maressa Miranda, presença fundamental e com quem dialoguei todo o tempo sobre minha tese. Com quem dividi angústias e alegrias e que me proporcionou segurança nos momentos difíceis e alegrias quando era hora de rir. Para Vânia de Souza, pela sua clareza da realidade, por ser grande conhecedora do mundo e por me aconselhar sempre. À amiga e incentivadora Cristina Leão, com quem troquei as primeiras ideias sobre o trabalho de intervenção com homens que exercem violência contra as mulheres. Imensos agradecimentos sempre. Aos novos amigos Marcela Maximo, Raquel Portugal, Reinaldo Pimentel e Silvia Sander, pelas boas risadas.

RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos os discursos de homens que exercem violência contra mulheres a partir da moldura analítica da Semiótica Social e da multimodalidade. Para tal, utilizamos o instrumento do grupo focal para coletar dados orais/visuais de uma interação em grupo com estes sujeitos. O objetivo foi analisar o processo de produção de significados deles sobre suas experiências pessoais, com atenção a: a) suas escolhas para representar o mundo à sua volta; b) avaliações que eles atribuem a si mesmos, aos outros e às coisas a sua volta; e c) forma como eles constroem tais significados, entendendo que o contexto de produção está permeado por jogos de poder e posicionamentos ideológicos. Na investigação do sistema representacional dos sujeitos, nos amparamos na Gramática Sistêmico-Funcional e, mais especificamente, no mapeamento dos Processos, para investigar quais ações eles denotam a si mesmos e quais aos outros, compondo assim suas experiências relacionais. Para investigar o sistema interpessoal dos sujeitos, nos amparamos na teoria da avaliatividade e, mais especificamente, no componente atitudinal, mapeando as escolhas de itens lexicais relacionados com julgamentos, apreciações e afetos. Os Modos e Recursos semióticos tais como gestos, posturas e movimentos corporais foram analisados, tendo em vista seus potenciais de significação de origem e/ou latente e como, acoplados às escolhas verbais, produzem sentidos diversos. Assim, a partir do paradigma da multimodalidade, foi possível investigar como o significado foi produzido por meio de vários Recursos e vários Modos semióticos. Os significados produzidos foram discursivamente analisados segundo propostas de leituras críticas do problema da violência contra as mulheres, ou seja, relacionados com os estudos de gênero e os estudos sobre masculinidade(s). A análise dos dados evidenciou como os participantes produziram significados segundo suas escolhas de significação em uma dinâmica interacional em grupo e, por isso, com diferentes tipos de configurações vinculares e jogos de posicionamento. Os resultados apontam para a produção de um signo com o qual os participantes se identificam, se orientam e se representam nas suas relações de intimidade. Por isso, procuramos analisar como tal signo se liga às relações de poder instituídas pela dinâmica das relações de gênero e da construção social da(s) masculinidade(s) para, posteriormente, pesquisar como ele se relaciona com o contexto de violência nas relações de intimidade.

Palavras-chave: Semiótica Social, Multimodalidade, Gênero, Violência, Masculinidade(s).

ABSTRACT

In this study we analyzed the discourses – based on the analytical framework of Social Semiotics and Multimodality – of men who exercise violence against women. To this end, our tool to collect oral/visual data was three focus groups. Our aim was to analyze the participants meaning making process related to their personal experience with attention to the following items: a) their lexical choices to represent the world around them; b) the evaluations that they attribute to themselves, to others and, to things around themselves; c) the way they construct these meanings, having in mind that the context of production is permeated by power and ideological positions. To investigate the representational system of the participants in question we based our study on Systemic Functional Grammar and, more specifically, on transitivity aiming to investigate the actions they denote themselves and other people, thus creating their relational experiences. To investigate the interpersonal system of the participants we based our research on the appraisal and, more precisely, on the attitudinal component, mapping their lexical choices regarding judgments, appreciations and affects. The semiotic Modes and Resources like gestures, postures and body movements were analyzed bearing in mind their affordances and how they coupled to the lexical choices producing several meanings. Thereby, from the paradigm of multimodality was possible to investigate how meaning was produced through various semiotic Modes and Resources. The meaning making process was discursively analyzed according to proposals of critical readings related to the problem of violence against women, that is, under the paradigm of gender and masculinity(ies) studies. The data analysis showed the participants process of meaning making revealing their choices in group interactions, thus with different types of bound configurations and stance. The results show the production of a sign in which the participants identify, orient and represent themselves in their intimate relationships. Therefore, we analyze how such a sign is connected to the power relations established by gender dynamics and the social construction of masculinity(ies) to, later, to inquire how this sign relates to the context of violence in intimate relationships.

Keywords: Social Semiotics, Multimodality, Gender, Violence, Masculinity(ies).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração, segundo Halliday, 2004, p. 176.....	52
FIGURA 2 – A gramática da experiência: tipos de Processos em inglês, segundo Halliday, 2004, p. 172.....	53
FIGURA 3 – Tipos de Orações Relacionais.....	56
FIGURA 4 – O componente atitudinal do sistema de avaliatividade segundo Martin e White (2005).....	63
FIGURA 5 – Configuração da sala de grupo e disposição das câmeras para gravação.	88
FIGURA 6 – Postura corporal com braços e pernas cruzados.....	99
FIGURA 7 – Postura corporal relaxada: recostados nas cadeiras e com pernas esticadas.....	109
FIGURA 8 – Postura corporal atenta: pernas encolhidas e posição ereta nas cadeiras.....	109
FIGURA 9 – Gestos de ênfase.....	121
FIGURA 10 – Movimentos com as mãos.....	127
FIGURA 11 – Gesto de ênfase com as mãos.....	136

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Processos e Participantes do sistema de transitividade.....	54
QUADRO 2 – Padrões conversacionais e formatos interativos encontrados nos recortes do <i>corpus</i> de pesquisa.....	93
QUADRO 3 – Transcrição da interação – análise 1.....	96
QUADRO 4 – Modos Semióticos e Orquestração de Significados – análise 1.....	100
QUADRO 5 – Orquestração dos significados – análise 1.....	103
QUADRO 6 – Transcrição da interação – análise 2.....	106
QUADRO 7 – Orquestração dos significados – análise 2.....	116
QUADRO 8 – Transcrição da interação – análise 3.....	118
QUADRO 9 – Orquestração dos significados – análise 3.....	122
QUADRO 10 – Transcrição da interação – análise 4.....	124
QUADRO 11 – Orquestração dos significados – análise 4.....	131
QUADRO 12 – Transcrição da interação – análise 5.....	133
QUADRO 13 – Orquestração dos significados – análise 5.....	138

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – VIOLÊNCIA, PODER E RELAÇÕES DE GÊNERO.....	17
1.1 Conceitos de Violência(s).....	17
1.2 O Conceito Analítico de Gênero.....	22
1.3 A Violência contra as Mulheres.....	25
1.3.1 Os pesos e as medidas quando escolhemos definir o que é a violência contra as mulheres.....	27
1.4 Construção Social Masculina e Movimentos da(s) Masculinidade(s).....	30
1.4.1 Desenvolvimento do conceito de masculinidade e a pesquisa social.....	32
1.4.2 Relações e práticas envolvidas na construção social da(s) masculinidade(s).....	34
1.5 Panorama Geral dos Programas de Intervenção com Homens Que Exercem Violência contra as Mulheres.....	36
1.5.1 Buscando sentido nos conceitos de reflexão e responsabilização.....	39
1.6 A Psicologia de Grupos.....	42
CAPÍTULO 2 – ESTUDOS SÓCIO-SEMIÓTICOS.....	47
2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional.....	47
2.1.1 Texto, logogênese e metafunções.....	49
2.2 O Sistema Representacional: a Metafunção Ideacional.....	51
2.2.1 Processos Materiais.....	54
2.2.2 Processos Mentais.....	54
2.2.3 Processos Relacionais.....	55
2.2.4 Processos Comportamentais.....	58
2.2.5 Processos Existenciais.....	58
2.2.6 Processos Verbais.....	58
2.3 O Sistema Interacional: a Metafunção Interpessoal.....	59
2.3.1 O sistema de avaliatividade: a atitude.....	60
2.4 A Semiótica Social e a Multimodalidade.....	64
2.4.1 Semiótica social e atores sociais.....	70
2.4.2 Multimodalidade, modo e orquestração de significados.....	72

2.4.3 Orquestração multimodal numa perspectiva da interação face a face.....	77
2.4.4 O humor como característica interpessoal	78
2.5 A linguagem oral e o tipo conversação	80
2.5.1 Características semióticas da conversação.....	81
2.5.2 Características gramaticais da conversação	81
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA.....	85
3.1 O Cenário e os Sujeitos de Pesquisa.....	86
3.2 Metodologia de Coleta e Transcrição dos Dados de Pesquisa.....	87
3.3 Metodologia de Análise dos Dados.....	90
3.3.1 Os critérios para instituir os recortes da análise.....	90
3.3.2 Os critérios da micro e da macroanálise dos dados.....	90
CAPÍTULO 4 – RESULTADO E DISCUSSÃO.....	92
4.1 A Semiótica da Sala de Grupo.....	94
4.2 Discussão dos Dados.....	95
4.2.1 Análise 1 – Negociando similaridades por meio do humor: “Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono”	95
4.2.2 Análise 2 – Tensionando as relações de gênero: “Uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente”.....	104
4.2.3 Análise 3 – Invertendo posições: “Fala pra ele procurar a lei Mário da Penha”	117
4.2.4 Análise 4 – Reflexão e responsabilização: “Não adianta eu dizer que eu não sou culpado”	123
4.2.5 Análise 5 – A construção da masculinidade: “Pra ser homem tem que beber”.....	132
4.3 Síntese da Discussão.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICES.....	156

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa está relacionada com o tema da violência de gênero e pretende examinar os discursos de homens que exercem/exerceram violência contra mulheres. Para tal, buscamos fazer uma investigação a partir da análise de uma interação em grupo dentro de um programa de intervenção psicossocial/jurídico, formatado para homens que foram denunciados nas instâncias judiciais por violência doméstica contra a mulher. Este programa de intervenção denominado, *Andros: homens gestando alternativas para o fim da violência*, acontece no âmbito de uma organização não governamental¹⁷ e, desde seu nascimento, em 2005, contou com várias parcerias institucionais¹⁸. O objetivo central do programa Andros consiste em prover um espaço reflexivo/responsabilizante no qual os participantes possam ter a experiência de refletir criticamente sobre suas práticas violentas no contexto de suas relações de intimidade. Ele é manejado por profissionais da área da psicologia social, cuja experiência está centrada em intervenções em grupo. Os participantes do programa Andros são encaminhados pelo aparato judicial (Varas Criminais de Violência Doméstica, Juizado Especial Criminal, Promotoria de Justiça Especializada de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra as Mulheres, Tribunal de Justiça e Secretaria Estadual de Defesa Social) para participarem do grupo seguindo proposições previstas em lei¹⁹.

O foco desta pesquisa recai, portanto, nas questões relacionadas com a violência contra as mulheres e, mais especificamente, na investigação da violência perpetrada por homens contra suas (ex)companheiras, (ex)namoradas, ou seja, mulheres que vivem ou viveram em situação de intimidade e/ou conjugalidade com eles e que os denunciaram nas instâncias judiciais. Muitas pesquisas já foram desenvolvidas sobre o tema da violência contra as mulheres, mas poucas tematizam os discursos/práticas dos homens que exercem violência a partir das produções de significado deles mesmos, ou seja, a partir de seus discursos. Além desse aspecto, esta investigação possui outro diferencial, na medida em que analisa os discursos de homens no contexto de um grupo reflexivo/responsabilizante, ou seja, um tipo de

¹⁷ A ONG em questão é o Instituto Albam – Instituto Mineiro de Saúde Mental e Social, com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, e da qual esta investigadora é sócia fundadora.

¹⁸ Este programa surgiu, pela primeira vez, numa parceria entre a citada ONG e o Juizado Especial Criminal de Belo Horizonte. Ele já teve como parceiros a SEDESE (Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social), a partir de conveniamento com a CEPAM (Coordenadoria de Políticas Públicas para as Mulheres), e atualmente é financiado pela SEDS (Secretaria de Estado da Defesa Social), a partir de contrato com a CEAPA (Central de Acompanhamento de Penas e Medidas Alternativas).

¹⁹ A Lei em questão é a de n. 11.340/06 – Lei Maria da Penha –, que cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, entendida como qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial.

abordagem/intervenção (de grupo) que tem sido instituído seguindo recomendações nacionais e internacionais, sendo considerado adequado para intervir junto a esse público.

O tema da investigação em questão é de interesse de várias áreas, especialmente das ciências sociais, que estão voltadas para o questionamento e abordagem dos problemas sociais. Dentre elas, destacamos a Antropologia, a Comunicação, a História, a Linguística, a Semiótica Social, a Análise do Discurso, a Ciência Política, a Psicologia Social, o Direito e a Sociologia. Tal afirmação vai ao encontro da forma como localizamos o objeto dessa pesquisa, ou seja, a violência contra as mulheres enquanto problema social de grandes proporções e que se coloca como desafio para várias áreas, tais como a educação, a saúde, a justiça, os direitos humanos e, especialmente, o campo de formulação de políticas públicas voltadas para o enfrentamento dessa questão.

Para investigar a produção de significados de homens que exercem violência contra as mulheres, organizamos uma pesquisa qualitativa, com instrumental de coleta de dados, a partir da composição de um grupo focal no âmbito do programa Andros, já mencionado anteriormente. O grupo focal teve o objetivo de extrair as representações e experiências dos participantes para que pudéssemos analisar seus discursos ancorados num paradigma linguístico-discursivo. Coletamos, portanto, um *corpus* oral/visual proveniente da gravação audiovisual de três encontros de grupo focal, e focamos nossas análises na interação, ou seja, consideramos a dinâmica de produção de significados num contexto de interação face a face.

Amparado num paradigma de investigação linguístico de origem sócio-semiótico e entendendo a linguagem como fundamental para se estudar qualquer atividade humana, por estar relacionada com a veiculação de valores, a constituição de identidades e de práticas sociais, a proposta é investigar a produção de significados veiculados pelos sujeitos de pesquisa a partir do escopo teórico da Semiótica Social e da multimodalidade (HODGE e KRESS, 1988; KRESS, 1989, 2008, 2010; KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, 2001, 2006); da Linguística Sistêmico-Funcional e sua gramática (HALLIDAY, 1973, 1978, 1989, 1995, 2004); e dos estudos de gênero e masculinidade(s) (BUTLER, 1990, 1993, 2002, 2004; CONNELL, 1995, 2005; SCOTT, 1995).

A Semiótica Social busca investigar o processo de significação enquanto construção social, considerando a circulação de significados com origens, funções, contextos e efeitos culturalmente, historicamente e ideologicamente localizados (HODGE e KRESS, 1988). Ela será a teoria norteadora deste estudo e se ligará às outras, procurando instituir diálogos sobre a produção de significados, seus processos de construção, distribuição e circulação. A forma como o significado é construído pelos sujeitos de pesquisa será investigado a partir do campo

de estudos da multimodalidade, que considera a produção de significados como conjunto dinâmico que é operado por meio de vários Modos e Recursos semióticos. No contexto desta investigação, analisaremos a fala, os gestos, as posturas e movimentos corporais dos sujeitos de pesquisa no contexto de interação face a face, procurando entendê-los como conjunto orquestrado de produção de significados.

A Linguística Sistêmico-Funcional e sua gramática, de concepção semântica, baseada em metafunções, será a base teórica que guiará as análises do texto verbal desta tese. De forma mais atenta, procuraremos investigar a organização de Processos e Participantes provenientes do sistema de transitividade (HALLIDAY, 2004) – enquanto representação de ações e agentes – e o sistema de avaliatividade (MARTIN e WHITE, 2005) – enquanto forma de estabelecimento de relações sociais. Através da análise de Processos e Participantes poderemos identificar as formas como os sujeitos de pesquisa organizam suas ações sobre o mundo externo (representação de coisas, eventos e qualidades) e sobre o mundo interno (representação de pensamentos, crenças e sentimentos), investigando como tais escolhas produzem determinado significado e com que efeitos. Por meio do sistema de avaliatividade e, mais especificamente, do conteúdo atitudinal, podemos identificar de que maneira os sujeitos de pesquisa se relacionam com o mundo à sua volta em termos de afetos, julgamentos e apreciações, ou seja, como estabelecem relações a partir da veiculação de emoções, valores éticos e valores estéticos.

Os estudos de gênero e sobre masculinidade(s) serão utilizados aqui para investigar a produção de significados no contexto relacional dos sujeitos de pesquisa, entendendo-o como permeado por jogos de poder e posicionamentos ideológicos. Nesse sentido, investigaremos as *performances* discursivas dos sujeitos de pesquisa enquanto ações no mundo relacionadas com seus posicionamentos nas relações de gênero. Caberiam, nesse momento, considerações sobre o título desta pesquisa, que indica a investigação de semióticas da(s) masculinidade(s), observando que a forma de grafia aponta para duas dimensões distintas e, ao mesmo tempo, complementares. O uso do(s) termo(s) no plural indica que há várias representações sociais de masculinidade e, em contrapartida, o uso do(s) termo(s) no singular indica que há um modelo hegemônico de masculinidade que circula nas práticas sociais e que é constantemente refeito. Uma dimensão não exclui a outra, pelo contrário, elas convivem, criando efeitos complexos no campo social e, por isso, por elas não se fecharem numa síntese, segundo nossa concepção, serão escritas aqui de modo a contemplar as duas grafias e a fazer referência aos dois sentidos semânticos a que se ligam.

Para investigar que significados os sujeitos de pesquisa produzem sobre suas experiências, vamos nos guiar pela abordagem sócio-semiótica, paradigma central deste estudo, procurando responder às seguintes perguntas: 1) Como os sujeitos de pesquisa representam o mundo à sua volta? 2) Que avaliações eles atribuem a si mesmos, aos outros e às coisas à sua volta? 3) Como eles constroem tais significados, entendendo que o contexto de produção está permeado por jogos de poder e posicionamentos ideológicos?

Para responder à primeira pergunta da pesquisa, analisaremos as escolhas de significação dos sujeitos de pesquisa mapeando os Processos e Participantes, ou seja, nos apoiaremos na Gramática Sistêmico-Funcional para investigar quais são as ações que estão sendo realizadas por eles, por outros, e em que contextos. A análise de Processos e Participantes (componentes da transitividade) será a base para investigar de que maneira a experiência é expressa em termos de produção de significados, ou seja, como ela se configura em termos de acontecimento, pensamento, comportamento, verbalização, existência e/ou pertencimento/identidade.

Para responder à segunda pergunta de pesquisa, vamos analisar as escolhas de significação relacionadas com o sistema de avaliatividade e, mais especificamente, o componente atitudinal. Para isso, faremos um mapeamento das escolhas de itens lexicais relacionados com julgamentos, apreciações e afetos dos sujeitos de pesquisa, buscando identificar quais estão relacionados a eles mesmos, quais se referem aos outros e quais estão direcionados às coisas em volta deles.

Por fim, para responder à terceira pergunta de pesquisa, nos apoiaremos na perspectiva sócio-semiótica e multimodal, buscando identificar que Modos e Recursos estão ativados na construção do significado. De forma mais atenta, nos deteremos na dinâmica de orquestração de significados, conforme nomeado por Smith *et al* (2009), procurando identificar também como os significados surgem e se configuram a partir de vários Recursos e Modos, como seguem no *continuum* da interação face a face e, finalmente, quais jogos de poder e de posicionamentos ideológicos eles mantêm, subvertem ou contradizem, se tomamos como base análises amparadas na leitura das relações de gênero.

De forma resumida, neste trabalho consideraremos a produção de significados dos sujeitos de pesquisa enquanto representações e avaliações da realidade, enquanto posicionamentos identitários – a partir de suas representações e avaliações – e enquanto sistemas dinâmicos permeados por negociações de poder e de ideologias. Nesse sentido, investigaremos os discursos de homens que exercem violência contra as mulheres enquanto construções representacionais, identitárias e relacionais dentro do contexto sócio-histórico em

que vivem e, de forma mais específica, no contexto de suas relações de intimidade, atravessadas pelas construções de gênero.

Dessa forma, este trabalho constitui uma tentativa de congregar vários olhares, e estamos cientes da complexidade teórica, metodológica e dos riscos que assumimos quando construímos uma investigação que segue pelas fronteiras. Esperamos, contudo, que esta pesquisa seja entendida como aquela que seguiu um canal, uma brecha, e, por isso, é bem mais reflexiva do que conclusiva. Portanto, passamos agora a explicitar como a tese foi construída e a divisão dos capítulos.

No capítulo 1, abordamos o tema central, ou seja, a questão da violência contra as mulheres enquanto fenômeno proveniente das relações desiguais de gênero. Para tal, abordamos a parte conceitual sobre violência, poder e relações de gênero, com a qual nos afiliamos buscando diálogos com Arendt (2009) – a partir de sua definição de violência e de poder – e com autores que tematizam as relações de gênero e a construção social da masculinidade, tais como Butler (1990, 1993, 2004) e Connell (1995, 2005). Ao final desse capítulo, tecemos algumas considerações sobre os trabalhos de intervenção em grupo com homens que exercem violência contra mulheres e buscamos identificar dois conteúdos da teoria de grupos – advindos de leituras da psicologia, especialmente a de orientação social –, que serão norteadores na discussão e análise dos resultados.

No capítulo 2, abordamos os estudos sócio-semióticos, seus paradigmas e desdobramentos. Iniciamos pela explicitação do referencial teórico da Linguística Sistêmico-Funcional e sua gramática, organizada pelas metafunções, explorando de forma mais atenta o sistema representacional da linguagem – partes metafunção ideacional, ou seja Processos e Participantes – e o sistema interacional da linguagem – a metafunção interpessoal e a semântica do sistema de avaliatividade e, mais especificamente, dos componentes atitudinais. Nesse capítulo, abordamos também as principais características gramaticais e semióticas da linguagem oral numa situação de interação face a face, com a intenção de explorar os dados da pesquisa enquanto um texto multimodal.

No capítulo 3, explicamos a metodologia aplicada nesta pesquisa desde a coleta, a transcrição, até a análise dos dados. No capítulo 4, seguimos com a discussão e apresentamos os resultados da pesquisa, analisando os dados, que foram separados em recortes, buscando identificar quais significados os sujeitos de pesquisa estão construindo sobre sua experiência relacional. Por fim, fechamos este trabalho com as considerações finais da pesquisa, refletindo sobre seu processo de construção, limitações, avanços e desdobramentos possíveis.

CAPÍTULO 1

VIOLÊNCIA, PODER E RELAÇÕES DE GÊNERO

Neste capítulo, discutiremos o tema central desta tese, relacionado com o problema da violência contra as mulheres, advinda das relações desiguais de gênero. Para tal, serão apresentados e discutidos conceitos sobre a violência, as relações de gênero socioculturalmente construídas em sistemas de desigualdade e as tensões de poder nesse campo. Discutiremos também a construção social tradicional da masculinidade e teceremos algumas considerações sobre os trabalhos de intervenção em grupo com homens que exercem violência contra as mulheres.

1.1 Conceitos de Violência(s)

A violência toca a vida de todas as pessoas e é considerada uma das mais preocupantes questões de direitos humanos da atualidade. Apesar de a repressão à violência ser consenso nas sociedades atuais, a definição do que seja violência não é tão pacífica. A literatura provê muitas definições sobre o tema (MINAYO e SOUZA, 1998; ARENDT, 2009; WIEVIORKA, 2007; CHAÚÍ, 1980, 1999; KRUG *et al*, 2002). Segundo Arendt (2009), este conceito passa inclusive por indiferenciações com os de poder, de vigor, de força e de autoridade. De acordo com essa autora, tais conceitos têm sido usados de forma sinônima, o que demonstra “surdez aos significados e [...] cegueiras às realidades a que eles correspondem.” (ARENDT, 2009, p. 60). Mais adiante explicitaremos o conceito de violência utilizado por essa escritora, referencial com o qual nos afiliamos no âmbito desta pesquisa.

Minayo e Souza (1998) analisam a complexidade de se definir a violência e comentam que as teorias que versam sobre o tema equivalem ao objeto em si, pois definem um fenômeno polissêmico, controverso e com diversas causas. Nesse sentido, as autoras conceituam violência como

ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações, que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual. Na verdade, só se pode falar de violências, pois se trata de uma realidade plural, diferenciada, cujas especificidades necessitam ser conhecidas. (MINAYO e SOUZA, 1998, p. 514)

Dentre as definições amplas do conceito de violência, destacamos o de Chauí (1980, p. 16), que o define como “um processo pelo qual um indivíduo é transformado de sujeito em coisa.” Posteriormente, Chauí (1999, p. 5) define a violência como:

1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito. Consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror.

Para a Organização Mundial de Saúde, violência é

o uso intencional de força física ou poder, de forma ameaçadora ou real, contra si mesmo, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem alta probabilidade de resultar em ferimentos ou morte, dano psicológico, baixo desenvolvimento ou privação. (KRUG *et al* 2002, p. 5)

Butler (2002) afirma que, diante de um ato de violência, há exposição da vulnerabilidade humana, e a ação de um fica paralisada pela vontade do outro. A autora explica ainda que a vulnerabilidade se encontra exacerbada em certas condições sociais e políticas consideradas desfavoráveis.

Muitas são as definições e explicações para violência. A partir de uma perspectiva essencialista, ela é definida como algo inerente à natureza humana e que pode ser ativado sempre que há um contexto de insegurança. Neste caso, é uma forma de manifestação do instinto de sobrevivência. Fora essa abordagem biologizante, podemos identificar também um discurso psicologizante-individual-patológico que parte do pressuposto de que fatores psicológicos interferem na conduta individual, podendo produzir processos sociais violentos. Essa compreensão do fenômeno da violência aponta para as inegáveis influências dos fatores bio-psico-sociais quando se pretende caracterizar e explicar as dinâmicas humanas. Contudo esta perspectiva não considera as características contextuais e históricas, como apontam Minayo e Souza (1998), pois influenciada por uma visão positivista e universalizante da questão da violência.

Em contraposição à perspectiva essencialista, podemos identificar também o que denominamos perspectiva sociológica da violência. A partir desse paradigma, a desagregação que as aceleradas transformações industriais e urbanas provocaram nos processos sociais modernos gera a violência. Esse modelo explicativo é influenciado por uma lógica normativa, já que fatores estruturais, tais como a pobreza, as baixas condições de vida, as amarras para se

exercer plenamente a cidadania, a delinquência das áreas socialmente desfavorecidas, dentre outros, são reconhecidos como *locus* de violência. O problema dessa perspectiva é que ela suporta um modelo estigmatizante, pouco móvel e padronizado quando explica a violência somente por meio de fatores sociológicos. Como foi observado com relação à perspectiva essencialista da violência, não podemos deixar de considerar as influências dos fatores sociológicos, em grande medida determinantes para nosso estar no mundo. No entanto, é importante considerar essas questões menos como determinantes/causais e mais como processuais/performativas.

De modo mais ampliado, a proposta aqui é de que a violência seja vista a partir de uma perspectiva sócio-semiótica, ou seja, considerando suas origens, funções, contextos e efeitos culturalmente, historicamente e ideologicamente localizados. A perspectiva sócio-semiótica de que se trata aqui foi consolidada por Hodge e Kress (1988), quando, a partir de um paradigma linguístico/social, abordaram o processo de significação como parte da construção social do signo. O princípio de conexão e de arranjo sistemático é o que organiza a construção e o entendimento de um signo, considerações que serão mais explicitadas no capítulo 2 desta tese. O mais importante neste momento é marcar a dinâmica e o tom da análise do fenômeno da violência que será usado neste trabalho, ou seja, considerando-o a partir do processo de sua construção, dos lugares que ele marca/delimita, do contexto em que ocorre e seus efeitos, salientando, sobretudo, seus arranjos móveis e cambiantes.

Com a tarefa de definir a violência, a primeira providência será instituir um diálogo com Hannah Arendt (1981, 2004, 2009) e sua separação conceitual do que seja poder e violência. Para a autora, apesar da convivência entre essas duas instâncias, onde há a dominância absoluta de uma não há a outra, e quando a violência toma o palco o poder sai de cena. Retomando o que foi dito na introdução deste capítulo, sobre a necessidade de elucidar os conceitos, passaremos à descrição e diferenciação dos termos *poder*, *força*, *vigor*, *autoridade* e *violência*, assim como propostos por Hannah Arendt.

O poder é sempre um potencial de poder e existe “entre os homens quando estes agem juntos e desaparece no instante em que eles se dispersam” (ARENDR, 1981, p. 212). Poder é uma habilidade humana, mas não a propriedade de um indivíduo, pois ele guarda a característica de ação em concerto, ou seja, pertence a um grupo e, quando nos referimos a alguém com poder, isso significa que ele(a) foi empossado nesse lugar por determinado grupo. Por isto, o poder é uma situação metafórica e se diferencia dos outros conceitos, conforme veremos.

O poder se diferencia da força, pois esta é mais definida, imutável e mensurável; quando comparamos um com o outro, percebemos que o poder guarda um “grau de independência de fatores materiais, sejam estes números e meios” (ARENDT, 1981 p. 212), fato que não corresponde à força, conceito relacionado mais à “energia liberada por movimentos físicos ou sociais” (ARENDT, 2009 p. 61) e que deveria se referir mais a forças da natureza e das circunstâncias.

A autoridade é algo que pode ser reconhecida como investida em pessoas – no caso da relação entre pais e filhos, em que os primeiros são autoridade sobre os segundos; pode estar investida em cargos – como os postos políticos; e pode também estar investida em postos hierárquicos – como a igreja e o judiciário, que absolvem ou condenam. A insígnia da autoridade “é o reconhecimento inquestionável daqueles a quem se pede que obedeçam e nem a coerção nem a persuasão são necessárias” (ARENDT, 2009, p. 62). Arendt afirma que o poder institucionalizado aparece frequentemente sob a forma de autoridade em comunidades organizadas.

O vigor é uma entidade individual, ou seja, uma propriedade pessoal e singular, pertencente ao caráter, mas que não necessariamente institui poder à pessoa, principalmente se esta característica não for utilizada em concerto, como no caso do poder. Uma pessoa com vigor nem sempre tem poder e, na maioria das vezes, pode ser confrontada por um grupo por causa das características de independência do vigor. Contudo, Arendt (2009, p. 63) aproxima, de forma comparativa, o vigor da violência quando afirma que

a violência distingue-se pelo seu caráter instrumental. Fenomenologicamente, ela está próxima do vigor, posto que os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo.

Ainda sobre a violência, Arendt (2009) acrescenta que caráter instrumental significa que a violência se dá por meios que dependem de orientação e de justificação, ou seja, ela tem um fim racional e justificável, de acordo com uma lógica contextualmente vigente. No entanto, a autora adverte que esse fim racional e justificável só se aplica a ações violentas, com objetivos a curto prazo, pois a longo prazo, não podemos prever as consequências finais da violência. Ao contrário da violência, o poder não age por justificação, mas por legitimidade e, apesar de a violência ser justificável, nunca será legítima.

Como afirma Arendt (2009, p. 69), “poder e violência, embora sejam fenômenos distintos, usualmente aparecem juntos”. Tanto um quanto outro podem se apresentar como estado puro – o caso de uma invasão com objetivos de dominação, ou mesmo o imperativo do

cano de uma arma –, mas o mais comum é que poder e violência sejam intercambiantes nas relações. Muitas vezes, o poder costuma ser o momento primeiro de uma prática de violência e, nesse caso, “a violência sempre pode destruir o poder” (ARENDT, 2009, p. 70). Isso significa dizer que a violência aparece onde o poder está se esvaindo e, por isto, toma o lugar deste, desfazendo-o e, por vezes, aniquilando-o.

Apesar da diferenciação e, ao mesmo tempo, da íntima relação exposta entre poder e violência, não se pode dizer que um seja o oposto do outro. Minayo e Souza (1998) afirmam que o contrário da violência é a cidadania e a valorização da vida, ou seja, a definição de violência e de sua contraparte deveria ser questão conceitual que tematizasse a práxis sociopolítica, visto que os processos violentos inibem, enfraquecem e minam o potencial humano.

Nas definições explicitadas até o momento, surgem importantes conceitos ligados à violência, compondo uma rede conexas de significados. Num primeiro plano, podemos identificar que a violência tem um caráter instrumental, ou seja, ela é direcionada a algo/alguém como ato de imposição, como espécie de agir humano. Num segundo momento, ocorre mediante determinados contextos e condições sociopolíticas específicas. Num terceiro, identificamos o resultado das práticas violentas como negativas e danosas.

Com relação ao primeiro aspecto, de que a violência é instrumental, falamos precisamente de sua forma, ou seja, pensamos inevitavelmente que as escolhas dos atos violentos têm direcionalidade. Com relação ao segundo, de que a violência é contextualmente sensível, tematizamos a configuração de exercício da mesma, ou seja, um ambiente de autorização, desigualdade e afirmação radical de uma parte sobre outra. Quanto ao terceiro aspecto, de que a violência tem efeitos negativos, colocamos em foco o resultado dessa maquinaria que subjuga, danifica e explora sujeitos. Assim, quando tematizamos a violência a partir da perspectiva sócio-semiótica, consideramos sempre suas funções, contextos e efeitos.

Passaremos agora a desenvolver o conceito de violência de forma mais contextualizada, para atender aos propósitos deste trabalho, ou seja, a violência contra as mulheres como um tipo específico de ação instrumental. Para tal, explicitaremos primeiramente o conceito de gênero e de relações de gênero, pois consideramos aqui que a violência contra as mulheres é fruto das relações desiguais de gênero que historicamente vivenciamos.

1.2 O Conceito Analítico de Gênero

O conceito de gênero é um construto analítico marcado por heteroglossia desde sua primeira aparição. No contexto de diversidade de vozes e pontos de vista, tentaremos apresentar aqui o que consideramos serem algumas formas explicativas desse conceito. O trabalho de mapeamento e desenvolvimento histórico de tal conceito só poderia ser abordado em contraste e em conexão com o desenvolvimento teórico-político impulsionado pelo movimento feminista, tarefa que por si só demandaria uma tese. Nesse sentido, abdicaremos dessa abordagem minuciosa, passando pelas várias definições desse conceito e buscando afiliação com alguns autores, como ficará explicitado no decorrer do texto.

Um dos primeiros planos conceituais para se entender o conceito de gênero passa pela diferenciação entre sexo e gênero, sendo que o primeiro se refere às características e diferenças biológicas que correspondem a homens e mulheres, e o segundo, às construções sociais e culturais que se desenvolvem a partir dos elementos biológicos. Algumas abordagens sobre o gênero utilizam do sintagma relações sexo-gênero para demonstrar as dinâmicas produtivas que estão em jogo quando se tematizam as relações humanas. A partir dessa perspectiva, a organização de práticas, modos e normas socioculturais e de subjetividade são gerenciadas por finos mecanismos que (re)constroem as relações de poder entre os sujeitos (MATHIEU *apud* HIRATA, 2009).

Scott (1995, p. 16) sugere que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. A autora comenta que tais proposições estão imbricadas e devem ser consideradas analiticamente. Como elemento constitutivo das relações sociais, a categoria analítica de gênero permite a leitura dos fenômenos sociais a partir de suas dinâmicas de poder, tematizando nossas organizações sociais hierarquizadas, gerenciadas pela lógica heteronormativa, falocêntrica e desigual. Assim, a categoria analítica gênero serve para explicar as formas de construção social dos sexos, mas serve também para compreender como a dinâmica social está articulada, funcionando como uma máquina. Utilizamos aqui o conceito de máquina e/ou agenciamento maquínico proposto por Deleuze e Guattari (1995) que, a partir de uma perspectiva semiótica, evidenciam as dinâmicas sociais organizadas como redes, como rizomas e como um organismo que produz (pessoas, práticas, ideias, crenças etc.) e ao mesmo tempo é produzido (por pessoas, por práticas, por ideias, por crenças etc.).

Representar o gênero como uma máquina semiótica significa desvendar os caminhos que ele percorre para instituir regimes de significação sobre o que é ser homem, o que é ser mulher, o que é ser homo/heterossexual, o que é reconhecido como valioso/não valioso etc. Butler (2004) propõe abordar as regulações de gênero instituídas como normas, ou seja, padrões que pertencem à arte do julgamento. Para a autora, “a norma não é o mesmo que uma regra e não é o mesmo que uma lei. A norma opera dentro das práticas sociais como um padrão implícito de normalização” (BUTLER, 2004, p. 41). Ela acrescenta que, a partir dessas dinâmicas, as pessoas são reguladas pelo gênero e que essa operação é uma condição cultural de inteligibilidade de cada pessoa. Isso significa dizer que, seguindo a influência foucaultiana (1979, 1987, 1988), uma regulação normativa opera através da disciplina e vigilância de vidas corporificadas.

Neste ponto, relembramos inevitavelmente Scott (1995, p. 18), que explica que “o conceito de gênero estrutura a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social”. Judith Butler (1990) comenta que o gênero não é um atributo fixo dado a alguém e deve ser visto como uma variável fluida, que muda em diferentes contextos e tempos. A autora argumenta que o sexo (macho, fêmea) parece ser a causa do gênero (masculino, feminino), que, por sua vez, causa o desejo (direcionado ao outro gênero). Tal construção binária é insuficiente para explicar a complexidade humana, e por isto, a autora propõe quebrar essa lógica, dizendo que o gênero e o desejo são flexíveis, livres e causados por vários fatores. Ela comenta que “não há identidade de gênero atrás de expressões de gênero; a identidade é constituída performativamente pelas várias expressões” (1990, p. 25). Em outras palavras, gênero é uma *performance*, é o que fazemos em situações e formas diferentes mais do que o universal “quem é você?”. Inspirada na teoria dos atos de fala²⁰ (Austin, 1999), Butler (1990) afirma que o gênero não se limita ao que somos ou ao que temos, mas se estende ao efeito produzido pelo que fazemos, ou seja, é uma *performance*.

Cameron *et al* (1988) sugerem que a vantagem desse prisma se encontra na noção de variedade de identidades de gênero que este pode gerar e, conseqüentemente, na variedade performática que o comportamento pode assumir. A ideia da identidade não deve ser conectada com uma essência, mas com um caráter performativo e construído. Butler (1990)

²⁰ Na teoria dos atos de fala de Austin (1999) são consideradas três dimensões: 1) ato locucionário — a locução ou a unidade de fala (perguntar ou responder a uma pergunta, dar informação, declaração ou aviso, anunciar um veredicto ou uma intenção, pronunciar sentenças, fazer críticas, fazer uma identificação ou dar uma descrição); 2) ato ilocucionário — a intenção de fala; e 3) ato perlocucionário (ou performativo) — a ação que se dá em consequência de uma locução, como, por exemplo, o ato de fechar uma janela diante da declaração “está frio aqui!”.

comenta que a configuração cultural predominante do gênero é tomada como naturalizada e hegemônica e afirma que, apesar disso, podemos encontrar mobilizações, subversões, confusões e uma proliferação de gêneros e, conseqüentemente, identidades.

Para Connell (2005), o gênero é uma forma através da qual a prática social generificada é ordenada, e a conduta cotidiana é organizada em relação à arena reprodutiva humana. Essa arena nos diz do processo histórico que envolve o corpo não como um conjunto biológico de determinantes físicos, mas como uma prática que constantemente se refere aos corpos e ao que os corpos fazem. Para ela, o gênero “marca um daqueles pontos de transição no qual o processo histórico substitui a evolução biológica como forma de mudança” (CONNELL, 2005, p. 71).

Para Connell (2005), masculinidade e feminilidade podem ser entendidas como projetos de gênero e, por isto, propõe considerar o gênero a partir de relações de: 1) poder; 2) produção; e 3) catexia, como explicitaremos no parágrafo a seguir. Segundo ela, esses três pontos podem auxiliar nas análises e se configuraram como importantes tópicos da construção da masculinidade, como veremos nos tópicos do item 1.4, com mais detalhes.

No momento, o importante a ser ressaltado é que, segundo as proposições de Connell (2005) e várias outras autoras (SAFIOTTI, 2004a, 2004b, BANDEIRA, 2009), em primeiro lugar, as relações de poder na organização do gênero traduzem-se pela subordinação das mulheres e pela dominância dos homens — legado da estrutura patriarcal. Essa estrutura geral existe independentemente de outras configurações locais e persiste, apesar das resistências, principalmente do movimento feminista. Em segundo lugar, as relações de produção na organização social do gênero dizem respeito à divisão do trabalho, que obviamente traz conseqüências econômicas não só no nível de diferenças salariais, mas precisamente no processo de acumulação gerenciado pela economia capitalista. O fato de as maiores corporações e fortunas pessoais serem de homens pode ser também considerado como uma questão de gênero e, mais precisamente, como importante tópico na construção da masculinidade. E, em terceiro lugar, a catexia da organização social do gênero diz respeito ao desejo sexual que, por sua vez, é organizado de acordo com a ordem tradicional de gênero. As práticas que organizam o desejo sexual podem ser vistas também como questões políticas, na medida em que podemos perguntar se elas são consensuais ou coercitivas, se o prazer é igualmente dado e recebido. Connell (2005) comenta que há estreita relação entre a heteronormatividade – posição tradicional das relações de gênero – e a posição de domínio social masculino, como veremos mais à frente.

De forma sintética, a perspectiva de gênero será empregada neste trabalho para investigar os mecanismos utilizados pelos participantes da pesquisa para criar efeitos de identidade e de relacionamento com o mundo a partir do lugar em que se reconhecem. Como o tópico central deste estudo é a violência contra as mulheres, baseada nas relações desiguais de gênero, tomaremos agora a descrição deste tema.

1.3 A Violência contra as Mulheres

A expressão *violência contra as mulheres* é sugestiva e, ao mesmo tempo, pouco explicativa para olhos não críticos. Para entender tal fenômeno é preciso, como já evidenciado em outros momentos, considerá-lo a partir de um paradigma de complexidade, ou seja, entendê-lo como algo multiforme, dinâmico e contextualizado. Por isso, a partir de uma perspectiva sócio-semiótica, tom geral desta tese, a questão será tratada aqui por meio da investigação das origens, funções, contextos e efeitos da violência direcionada às mulheres, entendendo que esses eixos analíticos devem ser culturalmente, historicamente e ideologicamente contextualizados.

Entre diversos autores críticos²¹, o tema da violência contra a mulher é abordado por meio do entendimento da categoria gênero como elemento constitutivo das relações sociais, baseadas, sobretudo, nas diferenças construídas entre os sexos em sistemas de hierarquia e desigualdade. Saffioti (2004b) explica que as relações de gênero pautadas na hegemonia da ordem patriarcal, caracterizando-se por relações de poder do tipo dominador-dominado, são fruto de uma construção histórica que ainda rege os padrões de comportamento de nossa sociedade atual. Dessa forma, a violência é entendida como um produto social e, ao mesmo tempo, estrutura a subordinação das mulheres. Isso significa dizer que, para que a violência contra as mulheres se mantenha, ela necessita de um lugar de não sujeito, subordinado, dominado, e “por isso ‘atravessa’ as demais relações sociais, sobrepondo-se a elas, e manifestando-se de forma relativamente homogênea em todas as classes e segmentos sociais” (PORTELLA, 2005, p. 93). Segundo Bandeira (2004, p. 404), a ordem social simbólica marcada pela desigualdade “ancora-se, necessariamente, na existência de relações de poder assimétricas, de hierarquias, visíveis ou não, pois se trata, concomitantemente, de uma violência derivada de relações sociais de gênero”.

²¹ Excluem-se as perspectivas psicologizantes/patologizantes da violência contra as mulheres. Uma perspectiva crítica é entendida aqui, seguindo as formulações nascidas na Escola de Frankfurt, como aquela que tematiza as relações ideológicas e de poder.

O primeiro beneficiário desse intrincado sistema social desigual é principalmente o homem branco, urbano, classe média e alta, que tem sua condição social de dominação tida como garantida (CONNELL, 1995, 2005). Os homens, ajudados pelo patriarcado, têm autorização para exercer poder sobre mulheres e crianças e, se possível, utilizar a violência. (SAFFIOTI, 2001). O processo de socialização, tanto de homens quanto de mulheres, opera como uma grande máquina para manter esse sistema e, por um lado, socializa as mulheres para serem ambivalentes, atuando com uma consciência dominada (SAFFIOTI, 2004b) e, por outro lado, socializa os homens para ocuparem o lugar de poder econômico, social e moral da sociedade (CONNELL, 1995, 2005).

Essa forma de explicar a violência contra as mulheres, advinda, principalmente, da perspectiva do feminismo radical, foi alvo de críticas, pois as mulheres sempre seriam vítimas da organização social simplesmente pelo fato de serem mulheres. A própria nomeação ‘mulher vítima de violência’ foi, segundo Santos e Izumino (2005), contestado por alguns movimentos de mulheres, pois lhes parecia uma forma de marca definitiva da mulher nesse lugar. Assim, passou-se a usar a nomeação ‘mulher em situação de violência’ no lugar da primeira. Esse movimento foi estimulado também pela entrada no campo de discussão de outra perspectiva que explicitaremos agora.

Segundo Santos e Izumino (2005), no início dos anos 1990, começa-se a discutir uma espécie de cumplicidade da mulher na relação de violência a partir do trabalho de Gregori (1993 *apud* SANTOS e IZUMINO, 2005). As autoras comentam que, nesse momento, houve muitas reações, tanto no mundo acadêmico quanto no político, ora a favor, ora contra essa perspectiva. A perspectiva relacional sobre a violência contra as mulheres procura quebrar com as dicotomias fixas vítima-algoz a partir da formulação de que as mulheres são protagonistas nas relações violentas. Segundo Santos e Izumino (2005, p. 7), “Gregori considera que a mulher tem autonomia e participa ativamente na relação violenta”. Isso explicaria por que elas procuram os caminhos legais para fazer a denúncia e desistem de dar prosseguimento à queixa e por que permanecem nas relações violentas, ou seja, essas ações são vistas como protagônicas. Nesse sentido, as mulheres passam da polaridade vítimas – construída pela perspectiva do feminismo radical – e assumem outra polaridade, a de cúmplices – delineada pela perspectiva relacional. Da mesma forma como há um deslocamento da mulher para o papel de agente na relação violenta, o próprio relacionamento é considerado uma parceria na qual a violência é mantida como forma de comunicação (GREGORI, 1993 *apud* SANTOS e IZUMINO, 2005). Santos e Izumino (2005) fazem

críticas a tal perspectiva, as quais serão reforçadas e realçadas neste texto um pouco mais adiante.

De acordo com a formulação da perspectiva relacional sobre a violência contra as mulheres, o poder é operado na relação violenta de forma móvel. Essa concepção tem a ver com o paradigma de que o gênero é uma forma de posicionamento dentro das relações sociais, a qual foi explicitada principalmente por Judith Butler (1990, 1993). Crítica de uma visão dualista, a importante autora quebra uma lógica vigente ao afirmar que o gênero e o desejo são flexíveis, livres e não causados por outros fatores. Assim, deslocando-se do aspecto identitário do conceito de gênero formulado pelo feminismo radical, as relações de gênero são tematizadas em um campo de forças flexíveis e (re)criadoras, situando os sujeitos e sua agência em campos abertos de possibilidades. Esta parece ser a ótica tomada pela perspectiva relacional quando tematiza a relação violenta e seus movimentos inerentes.

Dessa forma, quando investigamos a perspectiva relacional sobre a violência contra as mulheres, percebemos que ela é influenciada pelo pensamento pós-estruturalista, cujo principal objetivo é investigar os fenômenos a partir de seus movimentos processuais. Aqui, a moldura analítica se expande, e as mulheres em situação de violência passam a ser vistas como operadoras de poder dentro da relação. Tal discurso se apresenta com a função de revisar categorias estabelecidas até então no campo de conhecimento e práticas sobre o tema e, como efeito, identificamos que ele movimenta a percepção que se tem da mulher no contexto de uma relação violenta.

1.3.1 Os pesos e as medidas quando escolhemos definir o que é a violência contra as mulheres

Se, de um lado, temos a perspectiva do feminismo radical, e do outro, a perspectiva relacional sobre a violência contra as mulheres, nos vemos diante de um impasse teórico e metodológico. De fato, são discursos antagônicos e, se consideramos que discursos são práticas, estamos visivelmente diante de um desafio ainda maior, pois não se trata apenas de escolher uma ou outra afiliação teórica e sustentá-la, mas de pesar e medir quais os efeitos de uma e de outra nas análises de uma pesquisa e no campo prático de intervenção relacionado com o enfrentamento da violência contra as mulheres. Por este motivo, tentaremos fazer aqui algumas ponderações sobre esses discursos.

Em primeiro lugar, é justo e necessário salientar as importantes discussões que o feminismo radical trouxe para clarear a violência contra as mulheres. Se antes a máquina de

gênero estava escondida por uma estratégia político-ideológica da naturalização da condição feminina, com as contribuições do feminismo radical há uma espécie de desnudamento frontal da questão das mulheres e do contexto e intermitências que as fazem alvo de violência baseada pela sua condição. A seu modo, essa corrente teórico-prática mapeou os mecanismos do gênero, suas ações, suas artimanhas, suas peças mais escondidas.

Em segundo lugar, nos parece evidente que toda teorização sobre algo passe por revisões, afinamentos, transposições. Apesar de ter sido esta a proposta da perspectiva relacional, a sensação é de que se jogou fora a água da banheira com o bebê. No momento em que se nomeia a mulher como cúmplice das relações – mesmo que essa formulação tenha a ver com a tentativa de conferir agência às mulheres – e salienta-se que a violência é uma forma de comunicação do casal, subtrai-se muito da crítica feminista construída pensando a partir da perspectiva das mulheres.

A primeira questão que merece ser ressaltada dentro desse conjunto discursivo é o deslocamento da nomeação das mulheres de “vítimas” para “cúmplices”. Ser vítima não significa consentir, nem necessariamente constitui um posicionamento de não agência expresso e/ou intencional. A submissão não é causada por passividade extrema, segundo Arendt (2006) e, por isto, dizer *mulher vítima de violência* não significa impor um lugar de imobilidade permanente ou transitório, mas afirmar que elas são colocadas nesse lugar por uma máquina de gênero. Até mesmo dentro de uma perspectiva relacional (na acepção semântica do termo), que supõe a investigação de um fenômeno contrastando o que se distingue com aquilo de que se distingue, a nomeação *vítima* poderia ser empregada sem danos metodológicos. No entanto, há que se perceber e admitir o trabalho semiótico produzido pela nomeação *vítima* e o incômodo que o termo causa no nosso meio sócio-histórico, menos por causa de seu conteúdo semântico e mais por causa do sentido que ele adquiriu pelo uso no senso comum. Por isso, reconhecemos como válida a transposição da nomeação de *mulheres vítimas* para *mulheres em situação de violência*, pois certamente a qualificação de um termo muda a forma e a relação que se estabelece com ele. Assim, quando se acrescenta o qualificador *vítima* ou *em situação de violência* ao substantivo *mulher*, muda-se certamente a perspectiva de ação prático-discursiva. No entanto, cabe destacar que as mulheres em situação de violência são nomeadas de formas diferentes em outros países e em outras línguas, sendo que a expressão *mulher maltratada* é de uso comum no castelhano. Tal terminologia nos remete a outra forma de qualificação das mulheres, a qual faz referência mais aos efeitos gerados pelo contexto de violência. No caso da nomeação *cúmplice*, parece-

nos uma forma de re-vitimizar as mulheres, fato indesejável no campo de pesquisa e de intervenção.

A segunda questão de destaque é que, de certa forma, tem relação com a forma de nomear um fenômeno, como realçado acima, refere-se à declaração de que a violência é uma forma de comunicação na relação. Não devemos perder de vista que violência é um ato que causa dano às pessoas e, por isso, nomeá-la como uma forma de comunicação é um rebaixamento de seu significado que obscurece seus alcances e efeitos. O mesmo se refere ao uso do sintagma *violência relacional*, que, por causa do qualificador *relacional*, produz significado de reciprocidade e semelhança ao léxico *violência*. Se abordamos a violência contra as mulheres como um problema de violação de direitos humanos, não podemos ler a relação estabelecida num contexto de desigualdade com lentes de proporcionalidade, ou seja, usando o mesmo peso e a mesma medida, pois trata-se de fenômeno complexo e multiforme. Poderíamos fazer um esforço para acrescentar outro qualificador ao sintagma, de forma que ele falasse mais por si mesmo ao nomear uma violência relacionalmente desigual, mas a fórmula precisaria de um pouco mais de conteúdo crítico, pois ela deixaria ainda de dar visibilidade à distância de gênero do contexto da violência contra as mulheres. Como argumentaremos no item 1.1 é necessário separar os conceitos de poder e de violência e, ao mesmo tempo, entender a lógica intercambiante que se estabelece entre os dois para que possamos ler os fenômenos de forma clara.

Muitas vezes, essa espécie de névoa que homogeneiza os conceitos de poder e de violência parece ser um fator que implica confusões no campo de busca de significado sobre a violência contra as mulheres. Se, por um lado, devemos ficar atentos a uma formulação discursiva que torna opaca a relação de violência contra as mulheres, devemos, por outro lado, incluir uma leitura crítica quando tematizamos essa questão. Isso significa dizer que devemos perguntar a quais interesses a opacidade serve quando falamos das relações violentas nas quais estão as mulheres. Visualizar um sujeito mulher com sua história pessoal e sociocultural inegáveis, bem como reconhecer o contexto e os efeitos da violência na vida das mulheres não passa somente pela abordagem dos aspectos pessoais de uma relação (frequentemente de afetos, de intimidade), mas pela consideração das formas rizomáticas da questão. Há aí uma orquestração de significados²² que não deveria ficar encoberta e que tem a ver com a semiose sociocultural criada historicamente no entorno das mulheres e com as razões pelas quais elas

²² A proposta de orquestração de significados, advinda da perspectiva sócio-semiótica, será mais explicitada no capítulo 2 desta tese. Ela se refere a uma proposta de leitura sobre a produção de significado considerando as variadas formas, recursos e seus acoplamentos, tal como uma orquestra que, a partir de notas musicais e instrumentos diversos atuando de forma conjugada, produz uma peça musical.

são alvos de determinados tipos de violência. Por isso, a violência contra as mulheres deve ser reconhecida como uma questão política ampla.

Passaremos agora a discutir o tema da(s) masculinidade(s), com o intuito de lançar luz sobre a questão dos homens que exercem violência contra as mulheres, bem como de evidenciar o campo de intervenção com esses sujeitos, alvos de investigação nesta pesquisa.

1.4 Construção Social Masculina e Movimentos da(s)

Masculinidade(s)

Nós sabemos o que significa “ser um homem” porque há uma representação da masculinidade como um conjunto de significados socialmente naturalizados. Uma representação é um discurso, um modo de construção de sentidos que influencia e organiza as nossas ações, bem como a concepção que temos de nós mesmos (HALL, 1995). Assim, os discursos, quando constroem sentidos, fazem com que possamos nos identificar e construir identidades.

Historicamente falando, a construção identitária masculina passou a ser tema de discussão, principalmente após o advento do movimento feminista, que discutia as relações de gênero. Antes, os homens brancos de classe média, quando se olhavam no espelho, viam-se como seres humanos universalmente generalizáveis. O homem não teria gênero, e, de forma muito distinta dos pobres, negros, mulheres, gays e todos os diferentes, sua identidade era fixa e estruturada. A partir dos anos 1970, os homens passam a se integrar no debate sobre gênero, desenvolvendo outros discursos sobre a masculinidade. Em muitos países (Estados Unidos, Canadá, Austrália, Inglaterra), surgiram movimentos de homens que desafiavam as construções androcêntricas e tinham a intenção de inaugurar outras formas de posicionamento masculino frente à mudança das mulheres. Méndez (1998) observa cinco vertentes dessas organizações: o movimento mitopoético, o movimento pelos direitos dos homens – ou *men’s right* –, o fundamentalismo masculino, o movimento profeminista e o movimento das terapias da masculinidade.

O movimento mitopoético, liderado pelo poeta Robert Bly, surgiu nos Estados Unidos, ao final dos anos 1980, e foi associado à etapa conservadora do governo Reagan e à sociedade anglo-saxônica contrária à luta feminista. Esse movimento, formado principalmente por homens brancos, de classe média e frustrados com a exigência de êxito laboral para o qual foram socializados, preconizava um trabalho introspectivo dos homens e não se opunha às

mudanças das mulheres, mas também não se ocupava das discussões sobre a desigualdade e se mantinha longe das discussões acadêmicas.

O movimento pelos direitos dos homens — *men's right* — é mesclado por defensores de direitos patriarcais e de direitos igualitários, e surgiu também ao final dos anos 1980, inicialmente nos Estados Unidos e, logo depois, na Europa, a partir de discursos que denunciavam situações sociais favoráveis às mulheres e adversas a eles. Tais grupos questionavam as representações sobre a violência de gênero, bem como as políticas públicas voltadas para as mulheres, e criticavam também a veiculação da imagem do homem agressor, dizendo que as mulheres são tão violentas quanto os homens. Grande parte da energia desse movimento se expressa pela crítica jornalística e literária, e os participantes “esperam que as mulheres se calem, já que se questionam seus direitos, sentem-se prontamente agredidos” (MÉNDEZ, 1998, p. 5). A ambivalência desse movimento se mostra quando, por um lado, veicula discursos de igualdade, e, por outro, sustenta a crença de que os homens são vítimas da violência, assim como as mulheres. Dentro desse movimento destacam-se também os grupos pelos direitos dos pais (*father's rights*), constituídos em sua maioria por pais separados e divorciados que reclamam dos obstáculos legais que limitam o exercício da paternidade, principalmente quando se trata da guarda legal das crianças, que tende a ser das mães. Esse grupo tem aumentado o número de adesões e o ativismo social, principalmente através da internet (MÉNDEZ, 1998).

O fundamentalismo masculino se opõe à mudança das mulheres e sustenta a restauração extremista da masculinidade tradicional. Dentre outros pontos, reforça a manutenção do papel do pai-provedor e da mãe-dona de casa. Muitos grupos nos Estados Unidos e Europa (Inglaterra, por exemplo) configuram-se como espiritualistas e contrários ao aborto, como, por exemplo, o Promise Keepers e a Coalizão Cristã, que têm organizado muitas manifestações populares. Outros grupos são racistas e/ou xenofóbicos e defendem o projeto político de reafirmação da supremacia masculina branca e heterossexual, com exaltação dos valores tradicionais da violência e da superioridade.

O movimento profeminista está associado aos movimentos pelos direitos civis e apareceu nos países anglo-saxões e escandinavos no princípio dos anos 1970. Os participantes desse movimento reconhecem a responsabilidade masculina na manutenção da subordinação social das mulheres e fazem uma autocrítica em relação ao próprio exercício da violência. Esse grupo critica a manutenção dos valores tradicionais da masculinidade e a homofobia, incentiva a investigação acadêmica e a formação de grupos de reflexão de homens para

discutir e desconstruir os padrões tradicionais da masculinidade e praticar a igualdade com as mulheres.

E, por último, o movimento das terapias da masculinidade tem basicamente dois grupos distintos, segundo Méndez (1998): o movimento mitopoético, que produziu a maior quantidade de publicações de autoajuda, com o objetivo de “compreensão do comportamento masculino para as mulheres” (MÉNDEZ, 1998, p. 8); e o movimento baseado na perspectiva de gênero que, apesar de ter menos publicações, tem importante presença institucional e amplitude internacional, frequentemente influenciando os programas direcionados para homens agressores.

O panorama geral sobre os movimentos que se propuseram a pensar a masculinidade, tema até então invisível, têm importância fundamental para se discutir e definir como tal conceito entra no debate acadêmico e político. No tópico a seguir, buscaremos evidenciar como tal conceito foi sendo desenvolvido e, nesse sentido, buscaremos afiliação com uma perspectiva específica, como ficará evidenciado um pouco mais à frente.

1.4.1 Desenvolvimento do conceito de masculinidade e a pesquisa social

A pesquisa social sobre masculinidade inicialmente centrava-se na discussão do conceito sociológico de *papel social*. Segundo Connell (2005), havia basicamente duas formas de abordagem do conceito de papel social na teoria de gênero: em uma delas, os papéis sociais eram vistos como específicos em determinadas situações (por exemplo, os papéis sociais dentro do casamento), e, em outra, ser homem e ser mulher significava desenvolver um conjunto geral de expectativas que estava acoplado ao sexo de cada um e, por consequência, ao papel social. Essa discussão operava com os pressupostos de que os papéis sociais eram bem definidos, que a socialização acontecia de forma harmoniosa e que os papéis sociais internalizados contribuíam para a estabilidade social, para a saúde mental e a *performance* das funções sociais necessárias. As pesquisas sobre papel social se transformaram em um tópico altamente político, na medida em que definiam um problema e sugeriam respostas para sua resolução (CONNELL, 2005). Para o citado autor, os pressupostos teóricos dos papéis sociais são muito extensos e vagos, visto que podem ser usados para descrever uma ocupação, um *status* político, um *hobby*, um estágio da vida e o gênero, além de assumir que tais prescrições são recíprocas e, frequentemente, não tematizam a iniquidade social e as relações de poder.

As pesquisas atuais sobre masculinidade não ficam limitadas à teoria de papel social por causa da evidência da diversidade e da transformação das masculinidades, que se tornaram visíveis a partir das pesquisas históricas e etnográficas. Segundo Connell (2005, p. 29),

a partir destes estudos fica claro que a definição de masculinidade está profundamente imbricada na história das instituições e na estrutura econômica. Masculinidade não é só uma ideia na cabeça ou uma identidade pessoal. Ela é também estendida ao mundo e combinada na organização das relações sociais.

Por esse ângulo, masculinidade é definida não como um objeto isolado, mas como algo ampliado e que demanda o entendimento da macroestrutura organizacional da sociedade e da identificação de como a masculinidade está localizada nela.

Para Connell (2005), de alguma forma as pesquisas falharam em uma produção coerente sobre a masculinidade. Isso se deve não a acidentes dos cientistas, mas muito mais à impossibilidade da tarefa, porque “masculinidade não é um objeto coerente sobre o qual uma ciência geral pode ser produzida, apesar de termos conhecimentos coerentes sobre os tópicos levantados nestes empreendimentos” (CONNELL, 2005, p. 67). Segundo esse autor, a construção do conceito de masculinidade só pode ser entendida em contraste com o conceito de feminilidade, porque estes são inerentemente relacionais.

Por se tratar de um conceito relativamente recente, as definições sobre masculinidade seguiram quatro estratégias diferentes, segundo Connell (2005): as definições essencialista, positivista, normativa e semiótica. Vale ressaltar que cada uma delas operava a partir de uma lógica preestabelecida e que, ao mesmo tempo em que definiam uma noção — a masculinidade —, também construía esta mesma noção.

A definição essencialista procurava delimitar o “núcleo da masculinidade”, com o objetivo de capturar a “essência da masculinidade” e definir a “verdadeira masculinidade”. O problema da abordagem essencialista é que a escolha do que definir como essência é totalmente arbitrária. O pressuposto sobre a “base universal da masculinidade nos diz mais sobre o *ethos* do requerente do que de qualquer outra coisa” (CONNELL, 2005, p. 69).

A ciência social positivista trabalhava com uma definição simplificada sobre a masculinidade: o que os homens realmente são. A “lógica básica”, “discriminada estatisticamente” e os “padrões da masculinidade” são os pressupostos dessa abordagem. A primeira dificuldade advém da impossibilidade de se fazer uma descrição sem um ponto de partida e, por esse motivo, a aparência neutra de tais pressupostos guarda muitas impressões sobre os gêneros. A segunda dificuldade advém do uso de tipologias de senso comum sobre os gêneros, as quais podem gerar tipificações tidas como fixas, não incorporando a noção de

dinâmica e de processo, tão importantes para a análise de gênero. A terceira dificuldade é a tendência a regular o caráter dinâmico que o gênero deve ter a partir de construtos, tais como a mulher masculina, o homem feminino, atitudes masculinas, atitudes femininas, considerando as diferenças de gênero em bloco e, conseqüentemente, desprezando as formas que diferem homens entre eles mesmos e mulheres entre elas mesmas.

A definição normativa reconhece as diferenças e oferece um padrão: masculinidade é o que os homens devem ser. Segundo Connell (2005), muitos estudos foram desenvolvidos sobre a mídia e tratavam da norma social de comportamentos masculinos, por exemplo, de atores como James Dean, que marcou época com seu estilo rebelde. Essa perspectiva pode se aproximar um pouco da abordagem essencialista.

A abordagem semiótica define masculinidade “através de um sistema de diferença simbólica no qual os lugares femininos e masculinos são contrastados” (CONNELL, 2005, p. 70). Esta abordagem escapa da arbitrariedade do essencialismo, bem como dos paradoxos das definições positivista e normativa. O princípio de conexão e a ideia de que um símbolo²³ só pode ser entendido em relação a um conjunto sistemático de símbolos faz com que, através dessa abordagem, a noção de masculinidade só possa ser tematizada em um sistema de relações de gênero. Mais do que definir masculinidade como um objeto (uma característica, um comportamento, uma norma), é preciso

focalizar no processo e relacionamento através do qual homens e mulheres conduzem suas vidas baseadas no gênero. Masculinidade [...] é simultaneamente um lugar nas relações de gênero, a prática através da qual homens e mulheres comprometem-se com este lugar no gênero e os efeitos destas práticas nas experiências corporificadas, na personalidade e na cultura (CONNELL, 2005, p. 71).

1.4.2 Relações e práticas envolvidas na construção social da(s) masculinidade(s)

Considerando o gênero como uma metáfora que organiza práticas sociais simbólicas e como um construto teórico que pode ser localizado de forma ampla na sociedade, Connell (2005) propõe pensar algumas práticas e relações envolvidas na construção da masculinidade. A autora lista quatro pontos a serem considerados na cultura ocidental: hegemonia, subordinação, cumplicidade e marginalização.

²³ A semiótica social não utiliza a nomenclatura “símbolo”, pois esta se refere à convenção ou contrato do signo, como, por exemplo, uma bandeira pode ser considerada um símbolo de um país. Para a semiótica social, importa o caráter motivado do signo. Os semiotistas culturais optam, portanto, por utilizar o termo *signo* para fazer referência à dinâmica de construção social deste. O sentido em que Kress e Connell usam o termo *símbolo* ou *signo* parece o mesmo, tratando-se apenas de um recorte importante a ser feito para a teoria da semiótica social por este ser um conceito-chave. Nesse sentido, será mantido o termo original que os autores atribuem a um mesmo aspecto, sem comprometer o sentido dos termos.

O conceito de hegemonia, derivado das análises sobre relações de classe de Gramsci, refere-se às lutas através das quais um determinado grupo lidera e sustenta uma posição na vida social. A masculinidade hegemônica diz respeito à legitimidade garantida (ou tida como garantida) do patriarcado, que pressupõe a posição dominante dos homens, e a dinâmica social mostra que, em determinados momentos, uma forma de masculinidade é exaltada em detrimento de outras. A hegemonia só pode ser estabelecida se houver correspondência entre o ideal cultural e o poder institucional. Assim, os altos cargos de negócios e as posições militares e governamentais podem ser considerados desfiles da masculinidade hegemônica. Esse lugar de autoridade tem mais poder do que a violência direta, apesar de o uso desta última marcar um espaço de autoridade. Para Connell (2005, p. 77), a masculinidade hegemônica “corporifica uma estratégia correntemente aceitável”. Méndez (1996) chama a atenção para o desenvolvimento dos “micromachismos” que, segundo o autor, são “miniobras interpessoais usadas pelos homens para dominar as mulheres” e partes “invisíveis” da relação cotidiana, tais como: intimidações, tomada repentina de mando de exercício, apelação ao argumento lógico, insistência abusiva, abuso da capacidade feminina de cuidar, exploração emocional, dentre outros exemplos. O conceito de hegemonia deve ser visto sempre em processo, e, quando as bases de domínio são modificadas, outro grupo entra em configuração, buscando hegemonia.

A hegemonia relaciona-se com a dominância cultural como um todo e, havendo relação de dominação, há também relação de subordinação entre os grupos. A maior expressão dessa questão na construção da masculinidade ocidental se dá através da dominação heterossexual e da subordinação homossexual. Segundo Connell (2005), essa questão ultrapassa a estigmatização cultural dos homossexuais ou da identidade gay. Homens gays são subordinados aos homens heterossexuais por um conjunto material de práticas, o que inclui exclusão política e cultural, violência urbana (variando de intimidações a assassinatos), discriminação econômica e boicotes pessoais. Para a ideologia patriarcal, a homossexualidade é o repositório de tudo o que é simbolicamente excluído da masculinidade hegemônica, “desde o gosto enfadonho pela decoração de casa até o prazer anal” (CONNELL, 2005, p. 78). Do ponto de vista da masculinidade hegemônica, a identidade gay é facilmente relacionada com a feminilidade.

Apesar de poucos homens compartilharem desses padrões ideais hegemônicos, a maior parte se beneficia deles. A maioria dos homens tem algum tipo de conexão com o projeto hegemônico e, por causa disso, Connell (2005) propõe tematizar a terceira forma de relação e prática da masculinidade: a cumplicidade. Esta autora comenta que tal conceito

equivale ao entusiasmo que se sente ao assistir a uma partida de futebol pela TV, mesmo não sendo você quem está jogando a bola, ou seja, a cumplicidade é uma força organizadora dos homens para conservarem e manterem o projeto hegemônico.

Os três conceitos desenvolvidos até aqui — hegemonia, subordinação e cumplicidade — participam ativamente da dinâmica interna do gênero. Contudo, outros aspectos, tais como classe e raça, também mantêm estreita relação com a masculinidade. As relações de raça podem se tornar parte integral da dinâmica entre as masculinidades. Em um contexto de supremacia branca, o homem negro desempenha um papel simbólico na construção da identidade masculina branca. Aqui também, o que pode ser chamado de *acaso*, ou seja, as maiores ocorrências de desemprego e violência entre os homens negros, pode ser lido como um problema de gênero. Nesse caso, a marginalização se refere à autorização que não se tem para o desenvolvimento do projeto hegemônico de um grupo dominante. A relação entre marginalização e autorização pode ser identificada entre masculinidades subordinadas.

A dinâmica entre hegemonia, dominação/subordinação, de um lado, e marginalização/autorização, de outro, é, segundo Connell (2005), uma moldura — mesmo que provisória — para analisar as masculinidades, lembrando sempre que, ao se falar de masculinidade hegemônica ou masculinidade marginalizada, não se busca fixar tipos e/ou características, mas configurações de práticas geradas em situações particulares em uma estrutura móvel de relacionamentos (CONNELL, 2005).

A partir do momento em que a academia e os movimentos sociais discutiam a construção social da masculinidade e sua dinâmica interna, o campo político foi sendo povoado por intervenções voltadas para homens, abordando os temas de sexualidade, paternidade e violência. Para os fins desta tese, faremos um recorte sobre os trabalhos que surgiram para intervir junto a homens que exercem violência.

1.5 Panorama Geral dos Programas de Intervenção com Homens Que Exercem Violência contra as Mulheres

Historicamente, os trabalhos com homens que exercem violência contra as mulheres iniciaram-se no final dos anos 1970, início dos anos 1980, nos Estados Unidos e no Canadá. O mais antigo deles é o EMERGE – Counseling and Education to Stop Domestic Violence²⁴ – que, desde 1977, organiza as ações no âmbito dos Estados Unidos. Outro programa de

²⁴ Veja <http://www.emergedv.com/>

referência internacional é o chamado modelo DULUTH – Domestic Abuse Education Program²⁵ –, que desde 1980 foi implantado em Minnesota (USA) e tem base conceitual cognitivo-comportamental. Na Europa, o programa RESPECT – UK Membership Association for Domestic Violence Perpetrator Programmes and Associated Support Services²⁶ – preconiza ações integradas com os serviços de atendimento às mulheres, e o programa DAPHNE – Work with Perpetrators of Domestic Violence in Europe²⁷ –, desde 2006, provê uma ampla base de informações sobre as intervenções com homens na comunidade europeia. O que esses programas têm em comum é o objetivo primeiro de garantir maior segurança para as mulheres, partilhando de uma base conceitual pró-feminista.

Na América Latina, o trabalho de Toneli *et al* (2010) mapeou trabalhos em cinco países: Argentina, Honduras, México, Nicarágua e Peru. No Brasil, o trabalho do Instituto Noos e o NAV (Núcleo de Atenção à Violência), ambos no Rio de Janeiro, são apontados na pesquisa de Toneli *et al* (2010). As metodologias desses programas são, de certa forma, congruentes, pois têm estratégias de abordagem em grupo, por meio de oficinas, sendo que alguns (NAV no Rio de Janeiro e os programas na Argentina) atendem também individualmente aos homens. As linhas teóricas adotadas são, por sua vez, diversas, com perspectivas terapêuticas/psicologizantes (desde a terapia sistêmica até a psicanálise lacaniana), outras com perspectivas de gênero e feminista (foco nas relações de poder e na construção de masculinidades) e ainda outras de cunho cognitivo-comportamental. A diversidade “parece indicar não haver uma linha única para o tratamento de um problema social desta relevância” (TONELI *et al*, 2010, p. 239).

Com relação ao objetivo desses programas, Toneli *et al* (2010) identificaram uma linha comum, que atua com o consenso de que é preciso que os homens parem suas práticas violentas. No entanto, eles advertem que há compreensões diferentes sobre o que isso significa e sobre como deve ser processado. Comentam também que a maioria dos programas tem consciência de que é necessário propiciar espaços reflexivos para que os homens possam mudar as relações pessoais e interpessoais com sua masculinidade, com o fim de obter modificações mais substanciais e duradouras.

Discutir uma intervenção com homens que exercem violência contra mulheres não é tarefa fácil no nosso momento histórico. Muitos estudos e pesquisas sobre masculinidade, violência e possibilidades de intervenções nesses campos têm suscitado discussões nem

²⁵ Veja <http://www.theduluthmodel.org/index.php>

²⁶ Veja <http://www.respect.uk.net/>

²⁷ Veja <http://work-with-perpetrators.eu/es/index.php>

sempre confortáveis, para não dizer contraditórias, desses temas. O grande movimento dessa área e seus tons altamente críticos suscitam ora opiniões a favor da intervenção com os homens, ora contra tais práticas. O fato mais marcante nesse contexto é que ainda observamos uma espécie de mal-estar profundo nos segmentos que historicamente militaram e intervieram nas questões relacionadas com a violência contra mulheres. É importante ressaltar que esse movimento, apesar das suas tensões, é o grande responsável para pensarmos e referendarmos as boas práticas existentes, bem como criticar aquelas que consideramos negligentes e perigosas para as mulheres.

Os debates que criticam as intervenções com homens que exercem violência contra mulheres estão relacionados com 1) os recursos destinados a essas práticas, que, na visão de alguns, concorrem com aqueles destinados às mulheres; 2) os tipos de práticas e visões do fenômeno da violência contra as mulheres que, necessariamente, devem estar relacionados com uma perspectiva de gênero, sendo considerados inadequados os outros tipos de abordagens; 3) intervenções com abordagens reducionistas, que minimizem o ato dos agressores e/ou que tenham formatos instrutivos e/ou teorizantes em detrimento dos formatos reflexivos. Todas essas críticas, certamente pertinentes, nos conduzem a conceber uma prática cuja principal característica seja o foco das intervenções com homens a partir da perspectiva das mulheres, de suas necessidades, suas condições e seus desejos.

Apesar de serem diversos, os formatos de intervenção com homens no Brasil seguem uma perspectiva reflexivo/responsabilizante e, neste caso, chamamos a atenção para a estratégia/meta de responsabilização dos homens nos chamados grupos reflexivos de gênero²⁸. Os termos *responsabilização*, bem como *grupo reflexivo*, são amplamente utilizados na literatura que postula sobre as intervenções com homens e, a nosso ver, são veiculados de formas diversas. Por esta razão, neste momento, discutiremos esses termos tentando clarear seus significados e alcances, de acordo com nossa perspectiva. No tópico 1.6, discutiremos de forma aprofundada o que acontece dentro de um grupo, e trabalharemos, de forma mais explícita, o que, tecnicamente falando, é o formato reflexivo de um grupo. Neste momento e, mais precisamente no tópico seguinte, faremos uma abordagem teórica dos temas *reflexividade* e *responsabilização* para, posteriormente, materializá-los nas práticas de intervenção com homens que exercem violência.

²⁸ Em 2008, a Secretaria de Políticas para as Mulheres do governo federal organizou um seminário para discutir as diretrizes dos programas de intervenção com homens agressores. No entanto, não encontramos, até a presente data, uma norma técnica organizada, fato que dificulta saber qual o entendimento do governo brasileiro sobre a questão. Direcionamos, portanto o leitor para o site: http://www.sepm.gov.br/noticias/ultimas_noticias/2008/07/not_workshop_reabilitacao_agressor/?searchterm=agressores. Acesso em 3 de dezembro de 2010.

1.5.1 Buscando sentido nos conceitos de reflexão e responsabilização

Quando nomeamos a intervenção em grupo junto a homens que exercem violência contra mulheres como *reflexiva*, chamamos ao debate as tendências das sociedades modernas teorizadas por autores como Hall e Giddens. O primeiro desses autores focaliza as intensas dinâmicas da sociedade moderna e seu amplo processo de mudança, que abala “os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 1997, p. 7). O segundo autor organiza o conceito de reflexividade, comentando que este aparece para marcar uma nova forma relacional instituída na vida social, capaz de romper com práticas e preceitos preestabelecidos. Assim, as grandes mudanças sociais se conjugam com o desenvolvimento de tendências de os atores sociais de fazerem uma revisão e/ou reflexão constantes das atividades sociais nas quais estão inseridos, bem como das formas de suas relações sociais (GIDDENS, 1993, 2002).

O conceito de *reflexividade* é empregado quando tematizamos as relações de intimidade e, por isto, sua utilização se justifica para referendar as intervenções grupais dos casos de violência. Segundo Giddens (1993), o palco da modernidade é tomado por intimidades, problemas pessoais, crises e sofrimentos que se relacionam com o panorama social, na medida em que as circunstâncias sociais não podem ser consideradas separadas da vida pessoal, e nem como pano de fundo para ela. De acordo com esse autor, “ao enfrentar problemas pessoais, os indivíduos ativamente ajudam a reconstruir o universo da atividade social à sua volta” (GIDDENS, 2002, p. 18). Para ele, a esfera das relações pessoais oferece espaços de intimidade e autoexpressão inconcebíveis nas sociedades tradicionais, dando origem à reflexividade. A consequência disto é que a autoidentidade tem que ser constantemente alimentada por narrativas biográficas coerentes, embora constantemente revisadas, num contexto de múltiplas escolhas. Assim, ao nomear uma intervenção como reflexiva, levamos em conta estas dinâmicas modernas de reconstrução constante de práticas sociais e movimentos de autoidentidade.

Para além do termo *reflexividade*, ao abordar as intervenções com homens que exercem violência, surge outro conceito – *responsabilização* –, compondo a dupla paradigmática com a reflexividade, conforme já explicitado. Assim, para conceituar responsabilização, chamaremos novamente para o debate Hannah Arendt (1981, 2004, 2009). A partir de seu livro, *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, Arendt (1999) institui importantes reflexões sobre o tema da responsabilidade, da moralidade, do julgamento e do pensamento. Convidada para fazer a cobertura jornalística, em Jerusalém, do

juízo de Eichmann²⁹, a autora relata ter se deparado com um homem comum, em nada comparado à imagem demoníaca de um assassino de grande proporção. A partir dessa constatação e dos relatos de Eichmann durante seu julgamento, Arendt (1999, 2004) diz que ele se esforçava para provar que era um mero dente da engrenagem do estado totalitário e, por esse prisma, não poderia ser responsabilizado, a não ser que todos o fossem, inclusive os judeus. Convencido de que tudo o que fez foi cumprir ordens, Eichmann se exime da responsabilidade de ter matado milhares de judeus, fato que parece curioso para Arendt (1999, 2004, 2009).

Num exame atento ao modo de racionalidade de Eichmann, Arendt (2004) propõe desenvolver o termo *responsabilização* a partir da faculdade de pensar, para ela uma atividade dialógica. A autora afirma que, pela atividade do pensamento, há um diálogo entre eu e eu mesma que pode ser ouvido falando em mim, ou seja, a ação é de natureza relacional, já que tenho um eu e me relaciono com ele como o meu próprio eu. Segundo ela,

esse eu não é de modo algum uma ilusão; faz-se ouvir falando para mim – falo comigo mesmo, não estou apenas ciente de mim mesmo – e, nesse sentido, embora eu seja um só, sou dois-em-um, e pode haver harmonia ou desarmonia com o eu. (ARENDR, 2004, p. 154).

Feita tal formulação, Arendt acrescenta que, “assim como sou meu parceiro quando estou pensando, sou minha própria testemunha quando estou agindo. Conheço o agente e estou condenado a viver junto com ele. E ele não é calado” (ARENDR, 2004, p. 155). O pensar é um diálogo solitário e silencioso, e o ato de não pensar, ou o vazio do pensamento, não significa uma incapacidade cerebral, mas o movimento de evitação do diálogo consigo mesmo.

A concepção de pensamento de Arendt (2004) é plural e se dá na multiplicidade e no movimento, pois pressupõe um estado de co-habitação entre mim e mim mesma. Pensar significa se comprometer com o eu como parte do nós, e a destruição de uma porção do todo (eu ou eu mesma) significa a ruína da própria condição do pensamento e, portanto, levaria à condição estática, inerte e acrítica. Sendo o pensamento uma forma de contato consigo mesmo, manter um diálogo consigo mesmo significa, em certa medida, manter uma relação com a pluralidade. Observamos aqui que a concepção de pensamento e/ou atividade de pensar arendtiana tem como referência o campo político, o campo da ação, extrapolando, assim, os campos filosófico, moral e da consciência do eu.

²⁹ Karl Adolf Eichmann foi o oficial da Alemanha nazista responsável pelo extermínio de milhões de judeus e, em particular, durante a denominada *solução final*.

Após essas reflexões, Arendt (2004) concebe a responsabilização como um desdobramento do ato de pensar, tal como descrito acima. Somente com a atividade de exame entre eu e mim mesma, movimento do pensamento, é que os sujeitos podem se voltar para o mundo e, na mesma perspectiva dialógica, estabelecer relações de alteridade. O conceito de responsabilização aparece, nesse contexto, como a capacidade que, conectada ao conceito de reflexividade, faz com que uma pessoa possa se posicionar diante do que ela pensa, faz e diz. Isso implica uma atitude reflexiva do sujeito cognoscente para 1) suas relações epistêmicas, ou seja, suas opiniões e convicções; 2) suas relações técnico-práticas, que dizem respeito às atitudes de um sujeito agente para com sua atividade orientada a fins; e 3) suas relações morais-práticas, que supõem a reflexão sobre suas ações articuladas com um projeto de vida próprio, no contexto de uma biografia individual, mas entrelaçada com formas coletivamente dadas de vida (HABERMAS, 2004).

Portanto, esse movimento de responsabilização exige o distanciamento da perspectiva egocêntrica, ou seja, a capacidade de descentrar-se de si mesmo e centrar-se nas consequências performativas de suas ações. Reflexão/responsabilização passa a ser um sintagma norteador das intervenções com homens autores de violência, e trabalhar com o paradigma da reflexão não significa, como apontado por Gondolf (2007), instituir uma dinâmica não diretiva na qual o principal foco é encorajar os participantes a descobrirem e perceberem suas necessidades e possíveis soluções para seus conflitos. Os programas de intervenção com homens que exercem violência contra mulheres têm (e devem ter) diretividade, pois partimos da premissa de que as práticas violentas contra mulheres são instrumentalmente orientadas, ou seja, têm direção e podem ser justificadas por aqueles que as cometem. Nesse sentido, as intervenções devem tematizar o contexto em que a violência é exercida, bem como as formas conexas e heterogêneas que ela toma. Esperamos que as análises dos dados desta pesquisa comecem a elucidar tal ponto, mostrando as estratégias utilizadas pelos homens para justificar suas práticas violentas e apontando, assim, caminhos para a intervenção.

Como a maioria dos programas de intervenção com homens que exercem violência contra as mulheres está organizada por procedimentos em grupos, passaremos agora a descrever, de forma sucinta, os desenvolvimentos teóricos sobre as dinâmicas dos grupos a partir do campo da psicologia. Posteriormente, salientaremos dois aspectos da leitura da dinâmica de grupos que serão utilizados nas análises do *corpus* de pesquisa.

1.6 A Psicologia de Grupos

A psicologia de grupos é caracterizada pela abrangência conceitual e pela multiplicidade de suas raízes. O resultado dessa complexidade é a variedade de concepções teórico-práticas que será possível explicar aqui somente de forma panorâmica, dado o foco principal do objeto desta pesquisa. Segundo Zimerman (1999), os principais referenciais teóricos vieram de áreas como a sociologia, a antropologia, a psicologia social e a psicanálise, criando, assim, mesclas no campo das ciências sociais. Dessa maneira, os sociólogos descreviam as formas de organização das famílias, das gangues, dos grupos de trabalho, dos grupos militares, dentre outros; por sua vez, os psicólogos estavam interessados na influência que os grupos tinham nos indivíduos e, de forma dialética, nas formas como os indivíduos influenciavam as dinâmicas dos grupos. Os antropólogos, por sua vez, estudavam grupos tradicionais e com funcionamento muito diverso dos enraizados na cultura industrial contemporânea. Os psicanalistas abordavam os grupos transpondo a dinâmica de leitura clínica para as formas de organização e manutenção dos mesmos. De forma resumida, segundo Zimerman (1999) as principais vertentes da psicologia de grupos podem ser classificadas em:

- Empírica – desenvolvida por J. Pratt, a partir de 1905, num hospital nos Estados Unidos, consistia numa reunião com os pacientes para falar sobre o tratamento deles.
- Psicodramática – inaugurada por Jacobo Levy Moreno e baseada em práticas de encenações conhecidas hoje como teatro de improvisação e na corrente de teoria grupal chamada psicodrama.
- Sociológica – inspirada em Kurt Lewin, criador da expressão *dinâmica de grupo* e responsável por importantes contribuições nesta área.
- Filosófico-existencial – com contribuições de Jean Paul Sartre, que cunhou a expressão *totalidade grupal*.
- Grupos operativos – desenvolvida por Pichon Rivière, que propõe o foco na “tarefa do grupo”, ampliando o referencial teórico-prático para além dos conteúdos terapêuticos.
- Institucional – mais desenvolvida por Elliot Jacques, com foco nos jogos de papéis e posições nos grupos.
- Grupos comunitários – teoria centralizada na formalização e institucionalização de “comunidades terapêuticas”.

- Comunicacional-interacional – focalizada nos tipos de comunicação dos grupos e desenvolvida principalmente pelo psicanalista D. Liberman.
- Gestáltica – interessada na melhora da percepção e comunicação nos grupos a partir da teoria da Gestalt.
- Teoria Sistêmica – interessada no mapeamento do “equilíbrio do grupo” a partir da distribuição dos papéis de seus membros, principalmente dentro da família.
- Cognitivo-comportamental – de origem comportamentalista e com foco na reeducação.
- Teoria psicanalítica – com abordagem do imaginário e do inconsciente dos grupos, dos processos de identificação, dinâmicas de transferência e contratransferência, dentre outros termos transpostos da atividade clínica psicanalítica.

Ainda que diversos, Zimmerman e Ozório (1997) propõem separar as abordagens de grupos pela sua finalidade e, por isso, partindo de uma divisão genérica, classificam-nos em operativos e psicoterápicos. Os grupos operativos são organizados a partir de seu esquema conceitual-referencial-operativo (Ecro), conceito desenvolvido por Pichon Rivière e que diz respeito a uma tarefa objetiva do grupo, como, por exemplo, a de ensino-aprendizagem, a de saúde-cuidado, dentre outras. Apesar de os grupos operativos desenvolverem funções terapêuticas, o foco deles são seus esquemas referenciais, ou seja, a tarefa. A segunda classificação, os grupos terapêuticos, “se destinam prioritariamente à aquisição de *insight*, notadamente, dos aspectos inconscientes dos indivíduos e da totalidade grupal” (ZIMMERMAN e OZÓRIO, 1997, p. 78). Esses autores ressaltam que não há um corpo teórico-técnico que possa ser considerado comum às psicoterapias de grupo e, por isso, nessa categoria podemos incluir as abordagens psicodramática, sistêmica, cognitivo-comportamental, psicanalítica e holística, a despeito de suas diferenças conceituais.

Como a diversidade está presente nas concepções teórico-práticas dos grupos, conceituar o que seja um grupo é tarefa repleta de tensões. Para Bleger (1980, p. 87),

um grupo é um conjunto de pessoas que entram em interação entre si, porém, além disso, o grupo é, fundamentalmente, uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação ou de sincretismo, no qual os indivíduos não tem existência como tais e entre eles atua um transitivismo permanente.

No entanto, para Zimmerman e Ozório (1997, p. 27), a linha que separa indivíduo e grupo parece ser mais tênue, pois eles afirmam que

todo indivíduo é um grupo (na medida em que, no seu mundo interno, um grupo de personagens introjetados, como os pais, irmãos, etc., convivem e interagem entre si), da mesma maneira como todo grupo pode comportar-se como uma individualidade.

Continuando sua proposição, Zimmerman e Ozório (1997, p. 27) acrescentam que

a palavra “grupo” tanto define, concretamente, um conjunto de três pessoas (para muitos autores uma relação bipessoal já configura um grupo) como também pode conceituar uma família, uma turma ou gangue de formação espontânea; uma composição artificial de grupos como, por exemplo, o de uma classe de aula ou a de um grupo terapêutico; uma fila de ônibus; um auditório; uma torcida num estádio; uma multidão reunida num comício, etc. Da mesma forma, a conceituação de grupo pode se estender até o nível de uma abstração, como seria o caso de um conjunto de pessoas que, compondo uma audiência, esteja sintonizado num mesmo programa de televisão; ou pode abranger uma nação, unificada no simbolismo de um hino ou de uma bandeira, e assim por diante.

Os autores propõem subdividir os grupos em grandes – pertencentes à área da macrossociologia – e pequenos – da micropsicologia. Eles advertem que, apesar da subdivisão, não significa que as dinâmicas dos dois grupos sejam tão diferenciadas, pois os pequenos grupos guardam profundas relações e características socioeconômicas e políticas com os grandes grupos. Ainda com relação aos pequenos grupos, principal foco desta pesquisa, Zimmerman e Ozório (1997) e Zimmerman (1997) diferem de *agrupamento*. O espaço de inter-relacionamento de pessoas em um ponto de ônibus, por exemplo, guarda o sentido de que elas compartilham o mesmo interesse, apesar de não haver vínculo, ou seja, as pessoas são um agrupamento, uma serialidade. No entanto, se ocorre algum incidente em que esse agrupamento passe a funcionar de modo interativo, ele se transforma em um grupo, pois de interesses comuns eles se transformam em aqueles que têm interesses em comum.

Um grupo não é só um aglomerado de pessoas: ele tem sua própria dinâmica, que é regulada, principalmente, pelos interesses em comum de seus membros, e se caracteriza também por ter um certo enquadre (*setting*), ou seja, regras, atitudes e combinados, dentro do grupo; funciona como uma totalidade, pois está organizado em torno de seus membros, que também retroalimentam o seu processo; e deve preservar a identidade individual, constituindo-se, concomitantemente, como entidade, como identidade grupal própria e genuína. Em todo grupo há forças contraditórias e paradoxais, pois alguns movimentos e dinâmicas inerentes ao processo de grupo propiciam a coesão, e outros, a desintegração; há, necessariamente, interações afetivas variadas, múltiplas e cambiantes; há hierarquia (em maior ou menor grau) de distribuição de papéis; e, por fim, há o denominado campo grupal dinâmico, em que gravitam forças coesivas e destrutivas, mecanismos de obscurecimento e/ou

revelação de afetos, fantasias e ansiedades, jogos e estratégias de compartilhamento de valores, dentre outros.

Dada essa explanação, é possível entender que um grupo funciona como uma espécie de microcosmo, pois podemos encontrar nele toda a dinâmica de relações humanas, com suas forças, configurações e dinâmicas. Nesse sentido, o conceito de campo grupal é de importância fundamental para esta pesquisa, pois ele explica o movimento do grupo, ou seja, seus múltiplos elementos, fenômenos e composições. No campo da psicologia, é comum explicitar o campo grupal como uma espécie de ambiente com características intra e intersubjetivas. No primeiro caso, os conteúdos inconscientes, os mecanismos defensivos intrapsíquicos, a estrutura de formação psíquica, com suas diversas formas e dinâmicas, são temas centrais que configuram as chamadas características intrapsíquicas, que, no caso do grupo, se organizam naquele contexto específico. No segundo caso, as dinâmicas intersubjetivas dizem respeito a um jogo ativo de relações no contexto do grupo, ou seja, o foco sai do interior, do individual e se direciona para os processos interacionais e microsociais do grupo. Esta pesquisa focalizará este segundo aspecto, ou seja, as dinâmicas intersubjetivas e, mais especificamente, os jogos de posicionamento e as configurações vinculares do grupo, como explicitado a seguir.

Os jogos de posicionamento, em primeiro lugar, dizem respeito aos diversos lugares que os participantes assumem na interação. Eles não são fixos, mas intercambiantes, construídos e reconstruídos através das práticas discursivas que os sujeitos veiculam, ou, melhor dizendo, constituem-se como formas identitárias, com diversas posições pessoais e morais. Muitas vezes, os posicionamentos dentro do grupo podem se apresentar com formas estereotipadas, tais como o líder, o engraçado, o raivoso, assumindo, assim, configurações mais cristalizadas. No entanto, a partir de uma perspectiva semiótica, o que nos interessa neste estudo é identificar os movimentos e forças dos participantes dentro do grupo, especificamente, como eles manejam e constroem os significados de suas posições identitárias e de poder na dinâmica do grupo.

Em segundo lugar, identificar as configurações vinculares dentro do grupo assume ponto central nesta pesquisa, pois o significado é produzido numa interação como laço, como união e como articulação. Assim, preferimos a expressão *configurações vinculares* no lugar de *vínculo grupal*, pois ela diz mais do processo de articulação e sua dinâmica, que pode ser também, à equivalência dos jogos de posicionamento, móveis e com múltiplas configurações. As configurações vinculares podem ser identificadas quando os participantes expressam afetos, chamam os colegas para assumir com eles a cumplicidade de uma proposição e/ou não

reconhecem algo que outro membro do grupo está dizendo ou assumindo, ou seja, as semióticas que eles usam para produzir determinado significado relacionado com a busca de vínculos no processo grupal.

Os jogos de posicionamento e as configurações vinculares acontecem concomitantemente no grupo e são separados aqui por uma questão de pedagogia, já que a linha que separa um e outro é opaca, com pouca definição. Isso se dá por causa da própria dinâmica do grupo, pois no momento em que há a expressão de um posicionamento, há também a criação de vínculos que podem referendá-lo ou rejeitá-lo. Dessa forma, o grupo vive uma complexa rede semiótica de articulação entre seus membros, atraindo ou repelindo posições e valores, numa constante negociação compartilhada.

Entender a semiótica de um grupo como complexas junções de elementos está condizente com uma tendência atual dentro dos estudos linguísticos que propõem estudar os significados como formas combinadas de escolhas na rede do sistema linguístico (KNIGHT, 2010). Tal conceito linguístico será mais desenvolvido no capítulo 2 deste trabalho, e o importante a ser destacado aqui é a congruência de formas de leitura de um fenômeno a partir de sua complexidade, articulação e arranjo sistemático, ou seja, olhando para o todo e, ao mesmo tempo, visualizando suas partes constituintes, movimento analítico que se apresenta como tendência em campos aparentemente distintos, como a psicologia social, como suas leituras dos processos grupais, e como a linguística e a semiótica, com suas leituras de produção de significado. Segundo Martin (2008 *apud* KNIGHT, 2010), para os estudos linguísticos, tal perspectiva pode se tornar fonte inspiradora das análises, pois amplia o olhar dos pesquisadores ao sair da descrição da frequência de determinadas expressões particulares e focaliza as formas de produção de significados com/por meio de vários modos e recursos semióticos.

No capítulo a seguir, veremos, de forma detalhada, o referencial teórico dos estudos sócio-semióticos utilizados nesta pesquisa.

CAPÍTULO 2

ESTUDOS SÓCIO-SEMIÓTICOS

Neste capítulo, discutiremos o paradigma sócio-semiótico que influenciou os estudos linguísticos funcionalistas e, mais especialmente, a Linguística Sistêmico-Funcional e a Semiótica Social, referenciais teóricos que serão utilizados nesta pesquisa. Primeiramente, exporemos os pressupostos teórico-filosóficos que embasam a Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (1973, 1978, 1989, 1995, 2004), explicitando sua dinâmica de análise textual baseada nas metafunções para, posteriormente, apresentar a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988) – e seus desdobramentos –, que avança com a perspectiva de entendimento da linguagem como construção ideológica e com relações de poder. Para além desses referenciais, abordaremos também a perspectiva da multimodalidade, que concebe o conceito de texto de forma ampliada, incluindo a leitura de vários Modos/Recursos semióticos operando na produção de significados. Desse modo, nas análises desta tese nos apoiaremos tanto na Gramática Sistêmico-Funcional e, especialmente, na transitividade e na avaliatividade, quanto na Semiótica Social e na multimodalidade.

2.1 A Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) preconiza que a linguagem é uma prática social, ou seja, ela tem uma função que é construída a partir das interações humanas. Isso significa dizer que o social, mais do que o individual, está no centro desses estudos, e o que a linguagem individual realiza é interpretado como resultante de vários relacionamentos sociais através dos quais esta foi estabelecida, desenvolvida e mantida. Halliday (1973, 1978, 1986) afirma que a linguagem tem papel central na constituição dos seres humanos, transmitindo os padrões por meio dos quais aprendemos a agir como membros de uma sociedade (através de vários grupos, como a família, a vizinhança...) e membros de uma cultura (os modos de pensar e agir, as crenças e valores). Essa perspectiva implica o estudo sobre o que a linguagem pode fazer ou, mais especificamente, o que o falante pode fazer com a linguagem, apontando, assim, para a sua abordagem funcional, já que esta é uma forma de expressão aprendida através da interação. Assim, a natureza da linguagem, sua organização interna e

seus padrões em termos de funções são objetos de estudo da Linguística Sistêmico-Funcional.

Se a linguagem tem um significado de prática social, e esta não parece ser uma noção linguística, Halliday afirma que ela tem um potencial de significado (*meaning potential*) para representar que “o potencial de significado é a realização linguística do comportamento potencial” (1978, p. 51). “Poder significar” é “poder fazer” quando traduzido pela linguagem. Isso significa que aprendemos a nos comunicar através de um sistema que nos permite escolher significados, pois o que podemos significar (sistema semântico) está expresso no que podemos dizer (sistema léxico-gramatical), que está manifestado nas palavras (sistema ortográfico e fonológico).

A visão funcional do sistema linguístico implica a percepção da linguagem como forma de comunicação em situações e contextos sociais que são desenvolvidos culturalmente. O uso da linguagem está revestido por significados potenciais associados a situações específicas e influenciadas pela organização social e cultural. Assim, o conceito de significado potencial deve ser relacionado com um tipo de semântica social que pressupõe o estudo do significado em um enquadramento sociológico. Halliday afirma que o critério de estudo da linguagem deve ser “sociológico mais do que simplesmente social — baseado em alguma teoria da estrutura social e da mudança social” (1978, p. 35).

Na tentativa de esclarecer essa dinâmica sociocultural de formação e uso da linguagem, Kress (2010) comenta que os termos sociedade e cultura são usados por muitos autores como sinônimos e/ou de forma indiferenciada. Apesar da dificuldade de delimitar termos tão próximos, para o autor, no uso do termo *sociedade* a ênfase recai sobre “a ação humana em grupos sociais (organizados por objetivos, propósitos, práticas organizacionais compartilhadas, valores e significados)” (KRESS, 2010, p. 13), sendo que, para o termo *cultura*, o significado se direciona para “os efeitos, os produtos de ações e trabalhos sociais, sendo físico e material ou abstrato ou, em melhores palavras, conceitual” (KRESS, 2010, p. 14). Essas proposições fazem com que as análises linguísticas, a partir de uma perspectiva sócio-semiótica, sejam críticas e contextualizadas, ou seja, sempre se considere o contexto de produção delas.

Os significados que construímos a partir da linguagem organizam as relações sociais e são organizados por nossas relações como indivíduos e como membros de um grupo social (ou de vários). Essa noção diz respeito ao contexto de cultura no qual a linguagem está mergulhada, e deve ser levada em conta nas análises linguísticas. Outra perspectiva que deverá ser considerada nas análises de produção de significado é o contexto de situação, que

se refere à instanciamento imediato do texto, o nível do registro. Um texto só pode ser lido e/ou produzido considerando estes contextos: o de cultura e o de situação. Assim, quando nos comunicamos, escolhemos os Recursos semióticos que consideramos mais aptos e plausíveis naquele momento. As escolhas são determinadas pelo potencial de significados que podem ser ativados numa dada comunicação.

2.1.1 Texto, logogênese e metafunções

Halliday e Hasan (1976, p. 1) conceituam texto como “qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer tamanho, que forma um todo unificado”. Assim, uma unidade de linguagem em uso que faz sentido para quem conhece a língua pode ser considerada um texto. Para Halliday (2004, p. 3), “o texto é um rico e multifacetado fenômeno que ‘significa’ em muitas formas diferentes”. Para Hodge e Kress (1988, p. 6), texto “se refere à estrutura de mensagens ou traços de mensagens que tem uma unidade socialmente atribuída”. Para Kress e Van Leeuwen, a partir de uma perspectiva multimodal, o conceito de texto é ampliado e definido como “o fenômeno que é o resultado da articulação de um ou mais Modos semióticos do discurso ou (pensamos sempre inevitavelmente) um número de discursos” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 40). Partimos dessa última definição como modelo básico que norteará as análises deste trabalho, ou seja, uma perspectiva multimodal, como será explicitado adiante.

Partindo do ponto de vista sistêmico-funcional, um texto tem significado porque o falante/ouvinte tem evidência abundante (inclusive estatisticamente falando), a partir do seu conhecimento geral, das propriedades do sistema linguístico e da sua sensibilidade, relacionada ao contexto situacional e cultural, de qual sentido será acionado na interação. Essa perspectiva permite pensar a gramática como “recurso realizador de significado (*meaning-making*) e descrever as categorias gramaticais pela referência do que elas significam” (HALLIDAY, 2004, p. 10). Trata-se, portanto, de uma perspectiva semântica da linguagem.

Dessa forma, com relação ao aspecto constitutivo da linguagem, o eixo sintagmático, a organização linguística é concebida enquanto fenômeno estrutural, manifestando-se como “configuração orgânica” (HALLIDAY, 2004, p. 21) na qual cada parte tem uma função específica com relação ao todo, organizado por padrões e regularidades. Quanto ao aspecto sistemático da linguagem, o eixo paradigmático, a organização configura-se como o conjunto de alternativas disponíveis no sentido técnico. Enquanto o eixo sintagmático pode ser

representado como “o que vai junto com o que”, o eixo paradigmático é “o que pode ser ao invés de”. Assim, quando se analisa um texto, considera-se a organização estrutural e os recursos da estrutura, ou seja, a realização desta representada pelas escolhas lexicais/multimodais de sujeitos sociais.

A produção de um texto é um processo de instanciação no qual as escolhas sistematicamente organizadas criam sentidos através do sistema léxico-gramatical/multimodal. A criação de sentido no desdobramento do texto é chamada de *logogênese*, conceito que se torna saliente quando consideramos as relações entre itens no texto. Segundo Halliday (2004), o texto é algo que acontece, ou seja, ele é o produto de um processo, sendo que o termo *texto* se refere ao produto, enquanto *processo* é uma noção semântica. A logogênese relaciona-se ao potencial de significado que é criado no texto, através do qual podemos “explorar como as seleções gramaticais locais se acumulam para criar padrões logogenéticos que se tornam parte da história sistêmica do desdobramento do texto” (HALLIDAY, 2004, p. 531).

Semioticamente falando, a logogênese é organizada por funções básicas que se relacionam com o sentido da nossa experiência e nossos relacionamentos sociais. Halliday propõe pensar a linguagem estruturada em três metafunções: ideacional, interpessoal e textual. A partir da metafunção ideacional, a linguagem é entendida como aquela que “constrói a experiência humana dando nomes às coisas, construindo categorias, relacionando as categorias em taxonomias e frequentemente utilizando outras palavras para isto” (HALLIDAY, 2004, p. 29). Assim, a partir dessa metafunção, a linguagem provê uma teoria da experiência humana. Na medida em que utilizamos a linguagem, concomitantemente usamos também a metafunção interpessoal, que se refere ao modo da enunciação influenciada por nossos posicionamentos sociais. Dessa forma, se a metafunção ideacional se refere à “linguagem como reflexo” (HALLIDAY, 2004, p. 29), a metafunção interpessoal se refere à “linguagem como ação” (HALLIDAY, 2004, p. 30), o que significa dizer que uma mensagem sempre diz alguma coisa a alguém de forma combinada. A metafunção textual se relaciona à construção do texto e diz respeito à organização discursiva e como esta cria continuidade e coesão à medida que o texto acontece. No item 2.2 explicitaremos a metafunção ideacional – e o sistema de transitividade – e no item 2.3 a metafunção interpessoal – e o sistema de avaliatividade –, referenciais teóricos e analíticos/textuais que serão utilizados nessa pesquisa.

Como já foi comentado, para os efeitos desta pesquisa, o que consideramos *texto* parte de uma proposição multimodal, pois nos interessa investigar as várias formas através das quais o significado é articulado e interpretado num *continuum* de desdobramento do texto, ou

seja, na logogênese. Para além dessa perspectiva, que será mais explicitada um pouco mais à frente, quando adentraremos nos pressupostos da Semiótica Social e da multimodalidade, interessa-nos também investigar, a partir de uma perspectiva gramatical: 1) como o significado é organizado enquanto representação de mundo e, para isso, utilizaremos as ferramentas analíticas da transitividade; e 2) como o significado é organizado enquanto dinâmica interacional e, para isso, utilizaremos a ferramenta analítica da avaliatividade e, mais especificamente, o componente atitudinal. De acordo com a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional, discutiremos, nos próximos itens, o sistema representacional da linguagem – o sistema de transitividade dentro da metafunção ideacional – e o sistema interacional da linguagem – o componente atitudinal dentro do sistema de avaliatividade e pertencente à metafunção interpessoal.

2.2 O Sistema Representacional: a Metafunção Ideacional

A metafunção ideacional subdivide-se nos componentes experiencial e lógico, sendo o primeiro aspecto relacionado à representação da experiência por meio do sistema da transitividade, e o segundo, aos recursos para o estabelecimento de relações lógicas na formação dos grupos ou complexos oracionais. Neste trabalho, focalizaremos o componente experiencial, pois nos interessa investigar como a linguagem é usada pelos sujeitos de pesquisa para falar sobre o mundo externo (representação de coisas, eventos e qualidades) e o mundo interno (representação de pensamentos, crenças e sentimentos). Na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), tais conteúdos semânticos são extraídos das análises dos Processos, ou seja, os verbos na gramática tradicional. Para além dos Processos, a GSF concebe os Participantes dos Processos, em sua maioria grupos nominais, e as Circunstâncias, geralmente os sintagmas preposicionados, os grupos adverbiais e alguns grupos nominais. Para Halliday (2004), a relação entre os três constituintes pode ser observada conforme a seguinte figura:

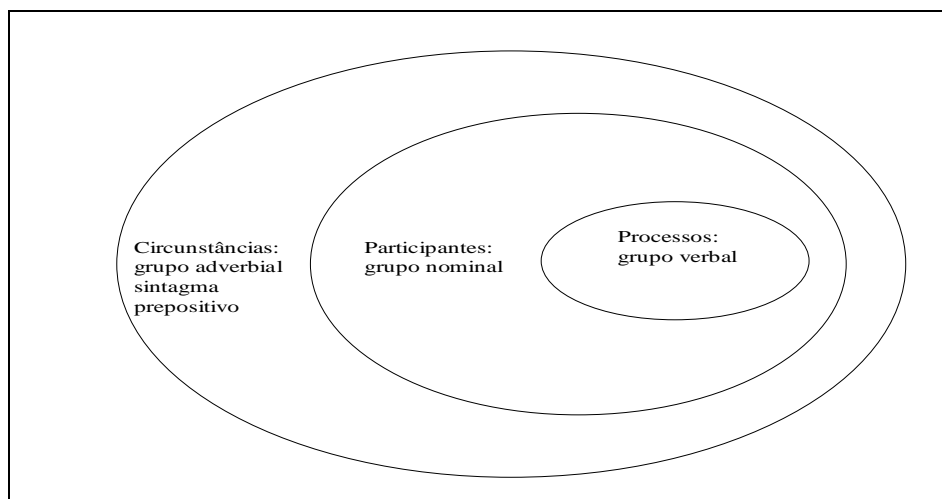


FIGURA 1 – Elementos centrais e periféricos na estrutura experiencial da oração, segundo Halliday, 2004, p. 176

Halliday (2004) afirma que uma estrutura, pelo menos inicialmente, apresenta três componentes, sendo eles: o Processo que se desdobra através do tempo; os Participantes envolvidos no Processo; as Circunstâncias associadas a esse Processo. Ele explica ainda que os Processos são os elementos centrais da configuração (como pode ser observado na FIG. 1), estando os Participantes próximos e diretamente envolvidos nesses Processos. As orações podem apresentar um ou mais Participantes, com exceção dos acontecimentos meteorológicos. Já os elementos circunstanciais são opcionais e se encontram num nível mais periférico.

Uma das finalidades da oração, segundo Halliday (2004), é impor ordem às infinitas variações e fluxo dos eventos. Isso é conseguido através da Transitividade, sistema que representa o mundo da experiência através de um conjunto de Tipos de Processos. Para Butt *et al* (2000), os Processos são expressões de acontecer, fazer, ser, dizer, existir e pensar. Eles são reconhecidos pela gramática tradicional como verbos ou grupos verbais, podendo ter uma ou mais palavras. Para a GSF, os Processos podem ser divididos em três grupos principais, sendo eles:

- * Processos Materiais: descrevem a experiência exterior, tais como o fazer, o acontecer e as ações no mundo material;

- * Processos Mentais: relacionados ao mundo interior (cognição, percepção, emoção e desejo);

- * Processos Relacionais: estabelecem relação de identificação e/ou caracterização entre dois participantes.

Halliday (2004) acrescenta que, no limite entre os Processos Material e Mental, estão os Processos Comportamentais, aqueles que representam as manifestações exteriores de trabalhos interiores – a atuação dos Processos de consciência, tais como rir – e estados fisiológicos. No limite entre os Processos Mental e Relacional, está a categoria dos Processos Verbais, que expressam relações simbólicas construídas na consciência humana, representadas na forma de linguagem. E, no limite entre os Processos Relacional e Material, estão os Processos Existenciais, que dizem respeito à existência de fenômenos de todos os tipos. A FIG. 2 mostra a relação existente entre um Processo e outro:

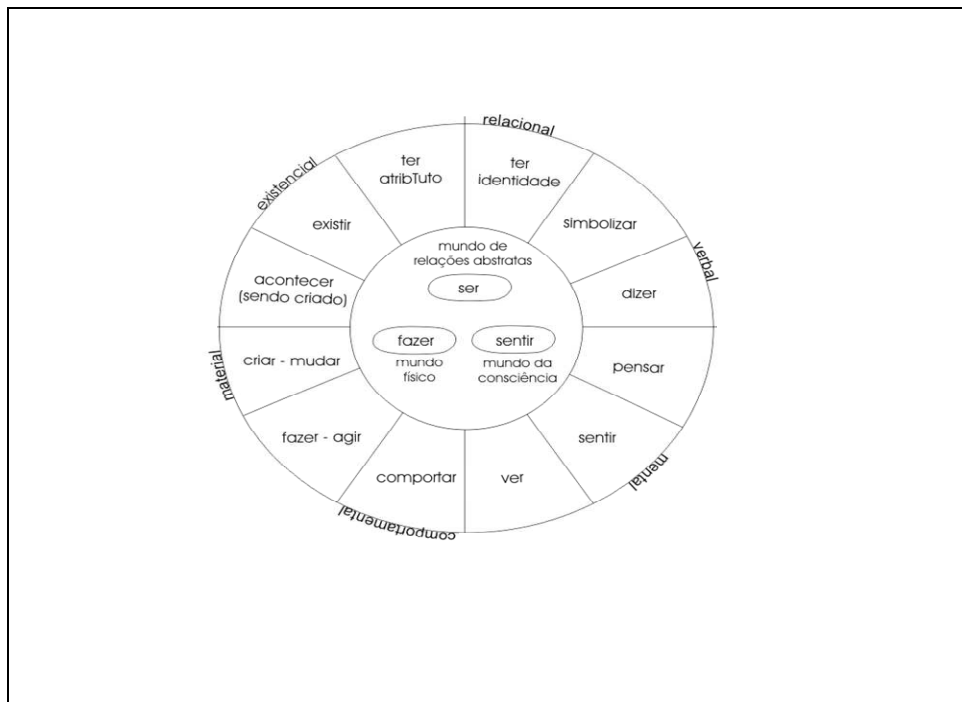


FIGURA 2 – A gramática da experiência: tipos de Processos em inglês, segundo Halliday, 2004, p. 172

Cada Processo tem seu próprio conjunto de Participantes, que pode ser uma pessoa, um lugar ou um objeto, como explicitado no Quadro 1, a seguir. Por motivo de escolha de recorte metodológico, os Participantes não serão alvos prioritários das análises desta pesquisa. A escolha de tal recorte se dá porque, no *corpus* desta pesquisa, advindo da linguagem oral e com proximidade do gênero conversação, encontramos formatos interativos mais testemunhais e, por isso, pautamos nossa escolha de recorte metodológico, deixando em segundo plano os Participantes. No entanto, ressaltamos que em muitos momentos incluiremos análises dos Participantes, mesmo que forma fluida e/ou periférica.

PROCESSOS	PARTICIPANTES
Material	Ator/ Meta
Mental	Experienciador/ Fenômeno
Verbal	Dizente/ Receptor/ Verbiagem
Comportamental	Comportante
Relacional Atributivo (irreversível)	Portador/ Atributo
Relacional de Identificação (reversível)	Característica/Valor
Existencial	Existente

QUADRO 1 – Processos e Participantes do sistema de transitividade

Passaremos agora à descrição do potencial de significados de cada processo, conforme descrito pela Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004).

2.2.1 Processos Materiais

Processos que representam o fazer e o acontecer, ou seja, ações que geralmente são concretas são chamadas de Processos Materiais. Nesse tipo de Processo, um Participante faz alguma coisa, realiza uma ação. Um critério para identificarmos o Processo Material é o uso da pergunta: “O que X fez?” (EGGINS, 1994). Os Participantes envolvidos nos Processos Materiais são denominados *Atores*, aqueles que tornam possível a mudança e/ou acontecimento material e, geralmente são realizados por grupos nominais. Os Participantes mais comuns no Processo Material são o Ator (aquele que executa a ação) e a Meta (Participante para quem o Processo é direcionado). Existe um outro tipo de Participante que pode ser confundido com a Meta, que é a Extensão. Halliday (1985 *apud* EGGINS, 1994) diferencia os dois termos citados, sendo a Meta um participante dependente do Processo e a Extensão aquele participante que é uma extensão do Processo. Um outro tipo de Participante no Processo Material é o Beneficiário. Esse Participante é aquele que é beneficiado pelo Processo. Ele pode ser separado em dois tipos: os Receptores (aqueles para quem algo é dado) e os Clientes (aqueles para quem algo é feito).

2.2.2 Processos Mentais

Halliday (1985 *apud* EGGINS, 1994) chama os Processos que representam pensamentos ou sentimentos de *Processos Mentais*. Frequentemente estamos falando sobre o que fazemos (Processos Materiais), mas também sobre o que pensamos ou sentimos

(Processos Mentais) e, por isso, os Processos Mentais dizem respeito ao nosso mundo interior, ou seja, orações de conscientização. Eles denotam emoção e, geralmente estão graduados: ódio – detesto – não gosto – gosto – amo. Eles têm capacidade de projetar outras orações, dando a elas o *status* de ideias ou conteúdos da consciência, e as orações projetadas são chamadas de orações de ideias. Em relação a esse tipo de Processo, a pergunta é: “O que você pensa/sente/sabe/acha sobre x?”.

Halliday (2004) classifica as orações Mentais em quatro tipos: perceptivas, cognitivas desiderativas e emotivas. As orações Mentais Perceptivas constroem fenômenos do mundo com base nos cinco sentidos: perceber, ver, noticiar, escutar, sentir, provar, cheirar. As Mentais Cognitivas não remetem propriamente aos cinco sentidos, mas trazem o que é sentido, pensado, desejado à consciência da pessoa: pensar, acreditar, supor, considerar, saber, imaginar, sonhar. As orações Mentais Emotivas ou Afetivas expressam graus de afeição: gostar, lamentar, adorar, amar; e, por fim, as orações Mentais Desiderativas exprimem desejo, vontade, interesse em algo: querer, desejar, esperar, concordar, recusar.

2.2.3 Processos Relacionais

As orações Relacionais servem para caracterizar e identificar, relacionando um Participante com sua identidade ou pertencimento de classe. Na caracterização, o Participante não é específico, geralmente um grupo nominal indefinido, e na identificação, o Participante é específico, ou seja, um grupo nominal definido. O pertencimento de classe (caracterização) é percebido através do Processo Relacional Atributivo, e a identidade (identificação), por meio do Processo Relacional Identificativo. Halliday (2004) comenta que o sistema linguístico opera com três tipos de relação: intensiva, possessiva e circunstancial, e cada um desses tipos atua de duas formas diferentes: atributiva e identificativa. Esses dois sistemas dão origem a seis categorias de orações relacionais, conforme disposto na FIG. 3, a seguir:

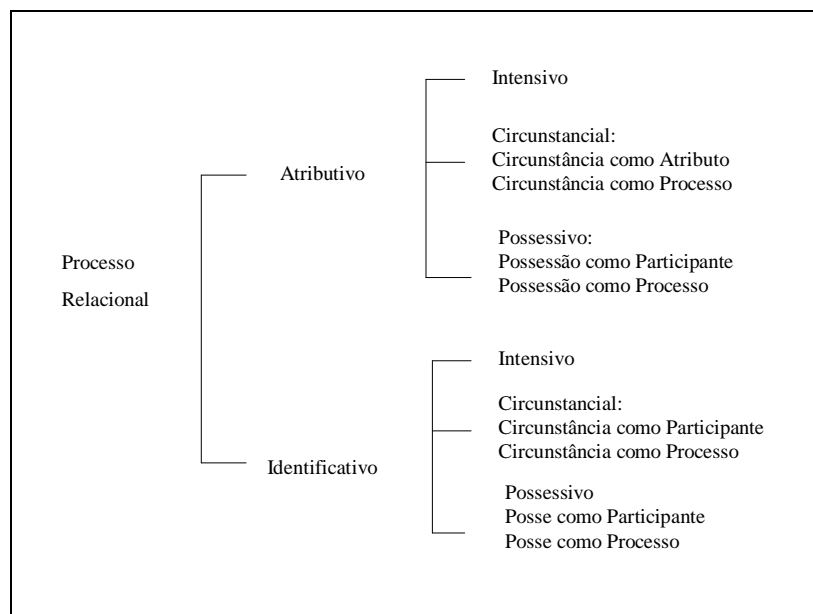


FIGURA 3 – Tipos de Orações Relacionais

Percebemos que há uma importante diferença entre o modo atributivo e o modo identificativo: o modo identificativo é reversível (Pedro é um líder / O líder é Pedro) enquanto o modo atributivo é irreversível (não podemos dizer: Velho é Pedro).

O Processo Relacional Atributivo Intensivo envolve o estabelecimento de uma relação entre dois termos: o Atributo (qualidade, classificação, descrição) e o Participante a quem o Atributo é direcionado, que é chamado de Portador. O Portador é sempre um substantivo ou um grupo nominal. A relação estabelecida é “X é um membro da classe A”, e, nesse caso, o Atributo será também um grupo nominal, geralmente indefinido. Uma oração atributiva não é reversível, isto é, não há forma passiva desse tipo de oração: o sujeito sempre será o Portador.

O Processo Relacional Identificativo Intensivo “contrasta com o Atributivo semanticamente e gramaticalmente” (EGGINS, 1994, p. 258). Semanticamente, não se trata de classificação, mas de definição. O sentido é “X serve para definir a identidade de Y”. Gramaticalmente, tal definição envolve dois Participantes: uma Característica e um Valor. Os dois são grupos nominais, normalmente definidos, enquanto nos Atributivos o Atributo é um grupo nominal indefinido. As orações Identificativas podem formar orações passivas, ou seja, são reversíveis.

A reversibilidade desse tipo de Processo Relacional gera o problema da identificação do lado da oração em que está a Característica e o Valor. Isto, segundo Eggins (1994), pode ser determinado semanticamente e gramaticalmente. Semanticamente, a Característica deve ser um sinal, nome, forma, proprietário ou ocupante, e o Valor dá o significado, referência,

função, *status* ou papel. A Característica, então, é um grupo nominal que contém o “nome”, e o Valor é um grupo nominal que dá “classificação”. Gramaticalmente, podemos fazer um teste para resolver o problema proposto: basta substituir o verbo da oração por um sinônimo Identificativo Intensivo, determinar se a oração resultante é ativa ou passiva e qual elemento funciona como sujeito – a Característica sempre será sujeito na voz ativa, e o Valor sempre será sujeito na voz passiva.

Além das orações Relacionais Intensivas, encontramos dois outros tipos de Processos Relacionais: Circunstancial e Possessivo. Ambos ocorrem em Processos Atributivos e Identificativos.

Segundo Eggins (1994, p. 262),

Processos Relacionais Circunstanciais codificam significados sobre a dimensão circunstancial (...): localização, maneira, causa etc. A Circunstância, então, pode ser expressa em uma oração como um constituinte circunstancial em um processo material, mental, comportamental ou verbal, ou através de um Processo Relacional.

No Atributivo Circunstancial, a Circunstância é frequentemente expressa no Atributo, e o verbo permanece intensivo. Como ocorre com todos os Processos Atributivos, a oração não forma passiva. O sentido Circunstancial pode também ser codificado no próprio Processo; nesse caso, este é identificado como Circunstancial.

Com o Processo Identificativo Circunstancial, é possível identificar o sentido da Circunstância, tanto por meio do Participante quanto por meio do Processo (Eggins, 1994). Quando o sentido circunstancial é codificado pelo participante, a Característica e o Valor serão elementos de tempo, lugar etc., e o verbo permanece intensivo. Podemos perceber o que foi dito em “Ontem foi o último dia que o vi”, em que “ontem” é uma Característica Circunstancial de tempo, e o “último dia que o vi” é um Valor Circunstancial de tempo. A Circunstância também pode ser expressa pelo Processo, caso em que este será identificado como Circunstancial.

No tipo Possessivo, a relação entre os dois termos é de pertencimento. No Processo Relacional Atributivo Possessivo, a posse é representada por meio dos Participantes, sendo o Atributo o possuidor, e o Processo permanece intensivo. A posse também pode ser codificada através do Processo, por meio dos verbos possessivos *ter* e *pertencer*. Nesse caso, geralmente o Portador é o possuidor.

No tipo Identificativo, a posse também pode ser expressa através dos Participantes ou do Processo. Quando ela é expressa através do Participante, o verbo intensivo é *ser* ou *estar*, com a Característica e o Valor codificando o possuidor e o possuído. O Processo Relacional

Identificativo Possessivo mais comum é *possuir*, que forma passiva, de modo que a Característica e o Valor podem ser sujeitos.

2.2.4 Processos Comportamentais

O Processo Comportamental está entre o Mental e o Material (vide FIG. 2). Esse Processo é em parte ação, mas uma ação que tem de ser experienciada por um participante consciente e, por isso, representa processos fisiológicos ou psicológicos. Pela proximidade dos Processos Comportamentais com os Processos Mentais, há um contraste natural entre eles. Por exemplo, olhar é comportamental, ver é mental.

A maioria dos processos comportamentais tem somente um Participante, o Comportante, e frequentemente expressa uma forma de fazer que não é extensiva a outro Participante. Porém, o Processo Comportamental também pode conter um segundo Participante e, nesse caso, é chamado de *Extensão*. Se há outro Participante que não é expressão do Processo, ele é chamado de *Fenômeno*.

Processos Comportamentais tendem a ocorrer com Circunstâncias de maneira e causa e, assim como os Processos Materiais, os Processos Comportamentais não podem ser projetados ou reportados. Além disso, vale lembrar que eles envolvem um ser consciente como participante.

2.2.5 Processos Existenciais

Os Processos Existenciais indicam a existência de coisas. Esse tipo de Processo, no português, envolve principalmente os verbos *haver* e *existir*, e o único Participante obrigatório é o Existente, que pode ser um fenômeno de qualquer tipo, embora ele, geralmente, seja um evento (ação nominalizada).

2.2.6 Processos Verbais

Os Processos Verbais são Processos de ação verbal: *dizer* e todos os seus sinônimos. Eles geralmente apresentam três Participantes: Dizente, Receptor e Verbiagem. O Dizente é o participante responsável pelo Processo Verbal e não precisa ser um Participante consciente, embora geralmente o seja. O Receptor é aquele para quem o Processo Verbal é dirigido. A

Verbiagem é uma nominalização do Processo Verbal: um nome expressando algum tipo de comportamento verbal (afirmação, pergunta, réplica, resposta, estória etc.).

Assim, como os Processos Mentais vistos anteriormente, os Processos Verbais têm a capacidade de projetar uma segunda oração, por meio de citação (relação de independência entre as orações projetada e projetante) ou de relato (relação de dependência entre as orações projetada e projetante). Porém, enquanto os Processos Mentais relatam ou citam ideias, os Processos Verbais relatam ou citam o discurso (falado ou escrito). A oração projetante pode vir em qualquer posição: antes ou depois da oração projetada, e uma análise da estrutura da transitividade de cada oração deve ser feita.

De forma resumida, o sistema representacional da linguagem é organizado gramaticalmente pela metafunção ideacional e sua classificação de Processos, Participantes e Circunstâncias. Nesta pesquisa, interessa-nos investigar como os participantes representam suas experiências em termos de ação – e por isso a escolha de classificação dos Processos –, bem como identificar as formas de representação que podem estar mais ligadas a seu mundo externo (representação de coisas, eventos e qualidades) e/ou a seu mundo interno (representação de pensamentos, crenças e sentimentos). Para além dessa estratégia analítica, interessa-nos investigar como os participantes atuam entre si, organizando suas representações de mundo e suas atitudes com relação a esse mundo e, para isso, faremos o mapeamento do componente atitudinal do sistema de avaliatividade, conforme especificado a seguir.

2.3 O Sistema Interacional: a Metafunção Interpessoal

Uma mensagem é organizada como um evento interativo envolvendo um falante, um escritor e uma audiência. A metafunção interpessoal vai tematizar esta dinâmica interacional e, no caso desta pesquisa, analisaremos os dados tomando como base o sistema de avaliatividade, especificamente o componente atitudinal, entendendo-o como forma de troca de afetos, valores e apreciações. Os estudos relacionados à avaliatividade iniciaram-se há aproximadamente 15 anos, a partir de um grupo de pesquisadores da Universidade de Sidney, na Austrália, liderado pelo professor James Martin. Segundo Eggins e Slade (1997), o referido autor, partindo da perspectiva sistemicista e de trabalhos de antigos colegas sobre os significados interpessoais em narrativas, desenvolveu uma moldura teórica para analisar os significados avaliativos nos textos. Esse campo teórico pretende explorar, descrever e explicar como a linguagem é utilizada para avaliar posturas, coisas e representar afetos, considerando

também a força e foco de tais avaliações e como elas estão arranjadas num sistema de intersubjetividade. Assim, tal teoria lida com os componentes interpessoais da linguagem, incluindo “recursos de modalizações, amplificações, reações emocionais (afeto), julgamentos morais (julgamento) e avaliações estéticas (apreciação)” (MARTIN, 1995, p. 28 *apud* BEDNARECK, 2008, p. 13).

2.3.1 O sistema de avaliatividade: a atitude

Segundo Bednareck (2008), a avaliatividade está relacionada com a Linguística Sistêmico-Funcional em um nível mais neutro, pois trabalha, em um primeiro momento, o nível léxico-gramatical, distanciando-se um pouco dos sistemas complexos propostos pela Gramática Sistêmico-Funcional. No entanto, cabe ressaltar que, enquanto campo teórico, a avaliatividade guarda profundas relações com a Linguística Sistêmico-Funcional, pois partilha dos mesmos pressupostos semântico-discursivos preconizados por esta. Segundo Vian Jr. (2009, p. 114), o sistema de avaliatividade está “na interface entre semântica do discurso e léxico-gramática, da realização dos significados no texto através dos recursos disponíveis na semântica do discurso”.

Egins e Slade (1997) argumentam que a teoria da avaliatividade é adequada para a análise da conversação³⁰, aspecto que será explorado mais adiante e, a partir do trabalho de Martin (1994), reconhecem quatro categorias analíticas:

- a) apreciação, referente às reações avaliativas do falante sobre a realidade;
- b) afeto, referente às expressões de estados emocionais positivos ou negativos do falante;
- c) julgamento, referente às avaliações sobre ética, moralidade ou valores sociais de outras pessoas; e
- d) amplificação, que está relacionada à forma como os falantes aumentam ou diminuem, em intensidade e grau, a realidade que estão negociando.

Para a análise dos dados desta pesquisa nos pautaremos na proposta de Martin e White (2005), – que nos apresenta no momento como a mais completa e formulada – a qual subdivide o sistema de avaliatividade em três partes: atitude, engajamento e gradação e, mais

³⁰Como o *corpus* desta pesquisa advém da linguagem oral, usaremos a denominação *conversação* assim como proposta por Egins e Slade (1997). Este ponto será mais aprofundado no item 2.5.

especificamente, nos deteremos na análise dos componentes da atitude, ou seja, uma das três partes do sistema de avaliatividade.

A atitude está relacionada com 1) expressões de afetos e sentimentos; 2) avaliações ético-morais e; 3) avaliações estéticas. Na primeira camada da atitude, a que se refere aos afetos, Martin e White (2005) propõem descrever os recursos utilizados na linguagem para expressar emoções. Almeida (2010, p. 101) observa que a categoria afeto “diz respeito à emoção, isto é, a uma avaliação pautada nos sentimentos dos falantes/escritores indicando como se comportam em relação às pessoas, às coisas, aos objetos e aos acontecimentos”. Nessa dimensão, há o participante que expressa afetos e o fenômeno que os deflagra. Analiticamente falando, esta camada nos permite mapear se as emoções:

a) são positivas ou negativas, considerando os significados socialmente construídos desses parâmetros;

b) são representadas como algo corporificado (no caso dos Processos Comportamentais), ou como algo mais interno, ou seja, um estado emocional (no caso dos Processos Mentais ou Relacionais);

c) são interpretadas como direcionadas a algo, ou seja, reagindo a um gatilho emocional específico, ou não direcionadas, ou seja, relativas a um estado de humor geral;

d) são classificadas como mais ou menos intensas, a partir de escalas de gradação;

e) estão relacionadas a estados futuros e, neste caso, a situações irreais, ou se estão relacionadas a estados atuais e, neste caso, reais; e

f) estão relacionadas a três conjuntos de afetos, que são: a (in)segurança (relacionadas com o bem-estar social: ansiedade, temor, confiança...); a (in)satisfação (relacionadas aos objetivos realizados (tédio, desprazer/agrado, curiosidade, respeito...) e a (in)felicidade (relacionadas ao coração: tristeza, ódio, felicidade, amor...).

A segunda camada da atitude é denominada *juízo* – categoria semântica de atitude – e se refere às avaliações ético-morais. A categoria juízo, segundo Almeida (2010, p. 106), “pode ser entendida como uma institucionalização do sentimento, ou seja, normas de comportamento que direcionam como as pessoas devem ou não agir”. Martin e White (2005) propõem mapear duas categorias de organização semântica de juízo:

a) juízo de estima social: são os valores socialmente compartilhados, que envolvem admiração (juízo de estima social positivo) e crítica (juízo de estima social negativo), que dizem respeito, de forma geral, à estima social. Geralmente eles não têm implicações legais e “tendem a ser policiados pela cultura oral, por meio da fofoca, boatos, brincadeiras e histórias de vários tipos” (ALMEIDA, 2010, p. 106). São eles:

a.1) de normalidade: (quão comum, usual ou especial alguém é? Exemplo: Sortudo/azarado...normal/estranho...);

a.2) de capacidade (quão capaz e/ou competente alguém é? Vigoroso/fraco...) e;

a.3) de tenacidade (quão resoluto, confiável e seguro alguém é? Valente/tímido...bravo/covarde...).

b) julgamento de sanção social: são os valores socialmente compartilhados, tais como elogios (julgamento de sanção social positivo) e condenações (julgamento de sanção social negativo). Geralmente estão associados a regras, leis e comportamentos esperados, “de acordo com a igreja e o estado, devendo ser aplicadas penalidades e punições para quem quebrar o código, a lei” (ALMEIDA, 2010, p. 106). São eles:

b.1) veracidade (quão verdadeiro e honesto alguém é? Exemplo: Confiável/desonesto...franco/dissimulador) e;

b.2) propriedade (quão ético e irrepreensível alguém é? Respeitoso/desrespeitoso...moral/imoral...altruísta/egoísta...).

A terceira camada de atitude é denominada *apreciação* e se refere às formas que utilizamos para avaliar coisas que fazemos, ou mesmo objetos e fenômenos naturais. Segundo Almeida (2010, p. 106), “é a apreciação que abrange as reações do falante e as avaliações da realidade”. Essa categoria semântica da atitude – a apreciação – é considerada um dos maiores recursos disponíveis no sistema discursivo, pois envolve avaliação de filmes, músicas, obras de arte, locais, espetáculos e performances, fenômenos da natureza etc. Ela tem a ver com o valor estético que atribuímos às coisas, ou seja, nosso olhar sobre elas, e pode ser dividida em: a) reação; b) composição; e c) valoração.

a) Reação tem a ver com as marcas de impacto emocional causadas pelas coisas, ou seja, as reações que as coisas provocaram nos falantes/escritores. Assim, usamos a categoria *reação* quando há a expressão/avaliação de coisas que nos chamam a atenção, sejam elas positivas ou negativas, como, por exemplo, algo cativante ou aborrecido.

b) Composição tem a ver com avaliações relacionadas a percepções de proporcionalidade (harmonioso, discordante) e complexidade (intrincado, simples). Segundo Almeida (2010, p. 110), “nesse tipo de apreciação concentram-se os sentimentos que dizem respeito à organização, à elaboração e à forma pela qual as coisas e objetos foram construídos e elaborados”.

c) Valoração tem a ver com nossa avaliação social da entidade apreciada e, por isso, quando há apreciações relacionadas a quão inovadora, autêntica, oportuna uma coisa é

(profunda, rasa), classificamo-la como validação. Para sua identificação, pergunta-se: isso valeu a pena?

O quadro a seguir explicita o componente atitudinal do sistema de avaliatividade:

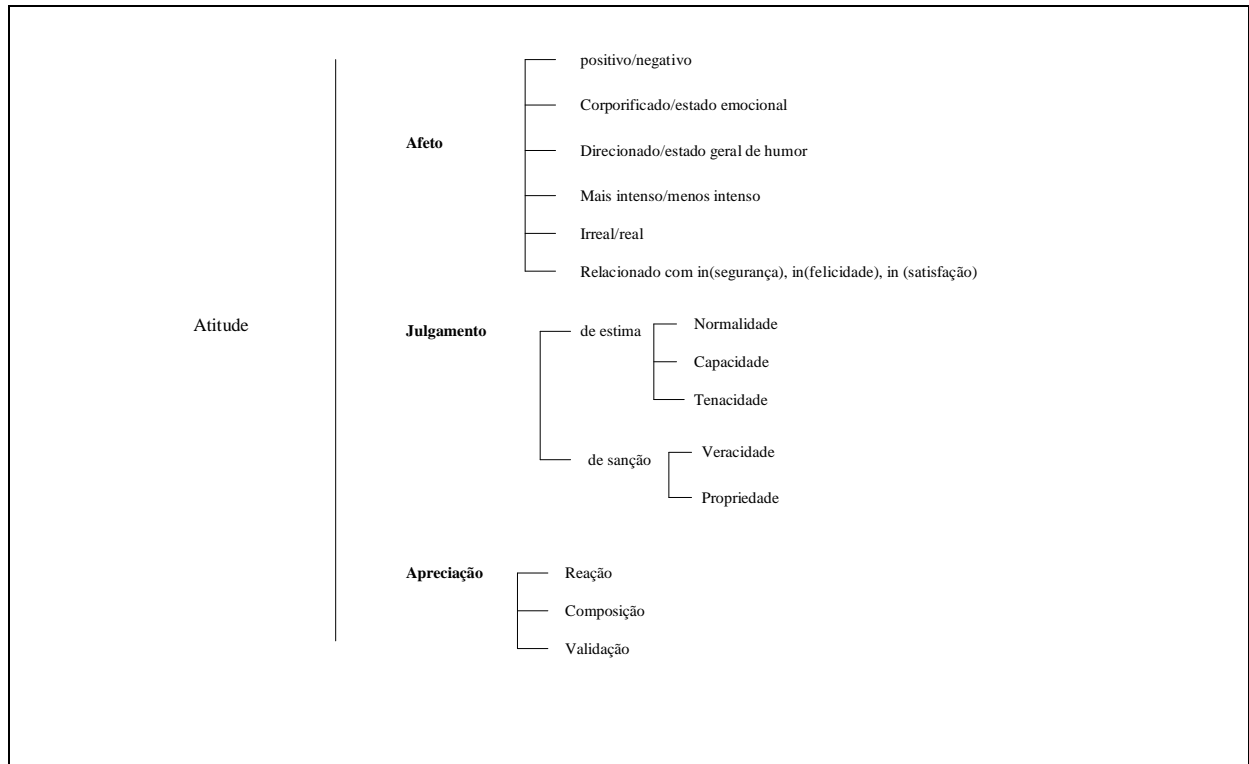


FIGURA 4 – O componente atitudinal do sistema de avaliatividade segundo Martin e White (2005)

Com a explanação do componente atitudinal do sistema de avaliatividade, fica claro que, quando usamos tais recursos semântico-discursivos, não operamos tão somente comentários sobre o mundo. Tomadas em seu nível discursivo, as atitudes expressam nossos valores, posicionamentos éticos, opiniões sobre pessoas e coisas, nossos afetos, ou seja, nossas formas de relacionamento com o mundo, considerando o nível da intersubjetividade. As atitudes criam efeitos de posicionamento de nossa parte e respostas de solidariedade/contraposição por parte de nosso interlocutor. Elas são importantes recursos semântico-discursivos que dizem respeito às nossas visões de mundo e às dos outros, aos nossos afetos e aos dos outros e, por isso, devemos considerá-las como contextualmente sensíveis e localizadas no sistema interpessoal da linguagem. Nesta tese, a proposta é que o mapeamento textual sobre a atitude seja utilizado nas análises dos dados para identificar esses componentes nos sujeitos de pesquisa e, mais especificamente, como eles se posicionam diante das questões de gênero, de masculinidade e de violência, a partir da avaliação que fazem desses tópicos.

Para além do mapeamento das atitudes e das representações de mundo (sistema de transitividade, item 2.2) dos sujeitos de pesquisa, as análises discursivas seguirão a tônica da Semiótica Social inaugurada por Hodge e Kress (1988) e que diz respeito à investigação da produção do significado como socioculturalmente localizado e envolvido em relações ideológicas e de poder. No próximo item exploraremos essas características com mais detalhes.

2.4 A Semiótica Social e a Multimodalidade

Três escolas marcaram a história do desenvolvimento da semiótica. A primeira foi a Escola de Praga, que nos anos 1930 e início dos anos 1940 desenvolveu a base linguística a partir dos formalistas russos. A segunda foi a Escola de Paris, que nos anos 1960 e 1970 desenvolveu nomenclaturas teóricas que utilizamos frequentemente, tais como: significante e significado, arbitrário e motivado, eixo sintagmático e paradigmático etc. A terceira escola, chamada Semiótica Social, começou na Austrália nos anos 1980 e foi influenciada pelo Círculo Semiótico de Sidnei, do qual destacamos as contribuições de Gunther Kress, Robert Hodge e Theo Van Leeuwen dentre tantos outros autores que cooperaram para esse campo de estudos.

Como foco desta pesquisa, a terceira escola, a Semiótica Social, marca uma nova fase de estudos, pois tematiza o significado enquanto processo, seguindo as influências dos estudos pós-estruturalistas. Assim, a Semiótica Social tem foco no processo de significação, situando-o como parte da construção social. Para Hodge e Kress (1988, p. 261), a semiótica é “o estudo da semiose, dos processos e efeitos da produção, reprodução e circulação de significados em todas as formas, usados por todos os tipos de agentes da comunicação”. A Semiótica Social tem a ver com a semiose³¹ humana como um fenômeno social em suas origens, funções, contexto e efeitos. Ela abarca “os significados socialmente construídos através de formas semióticas, textos semióticos e práticas semióticas de todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (HODGE e KRESS, 1988, p. 261). A abordagem historicizada e crítica formam a base da Semiótica Social, cujo principal procedimento inclui a exploração e o mapeamento do significado, tendo em conta as dinâmicas culturais e ideológicas nas quais ele está imerso.

³¹ “Semiótica como adjetivo se refere à extensão dos objetos em estudo, enquanto semiose se refere especificamente ao processo.” (HODGE e KRESS, 1988, p. 261)

O ponto central da semiótica é a noção de signo e, para a Semiótica Social, a ênfase recai sobre o processo de produção e recepção do signo. Isso implica a compreensão de que o signo não é uma conjunção preexistente de significante e significado que deve ser reconhecido e utilizado em bloco, da forma como a semiologia tradicionalmente o trata, mas como um processo de produção sógnica no qual os estratos de significante e significado podem ser tratados de forma relativamente independente um do outro. Tal abordagem se ancora na produção sógnica enquanto ação social que pressupõe um uso específico em um contexto específico. Partindo desse pressuposto, na Semiótica Social o foco passou do signo enquanto entidade significante/significado para a “forma como as pessoas usam os recursos semióticos para produzirem artefatos comunicativos e eventos e para interpretá-los – que é uma forma de produção semiótica – no contexto de situações sociais e práticas específicas” (VAN LEEUWEN, 2005, p. xi).

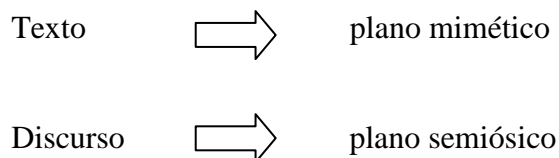
Essa nova abordagem não invalida o próprio conceito de signo, mas enfatiza sua produção, formas de articulação e interpretação. Com novos paradigmas, a Semiótica Social trabalha com a discussão de princípios semióticos amplos, dentre os quais destacamos: 1) a noção de escolha do sistema de linguagem; 2) as configurações de significado a partir do contexto; e 3) as funções semióticas da linguagem segundo a Linguística Sistêmico-Funcional – ideacional, interpessoal e textual. Para os autores da Semiótica Social, a noção de escolha é fundamental, pois parte-se do pressuposto de que “os interesses de quem produz um signo leva a uma relação motivada entre significante e significado e, portanto, a signos motivados” (KRESS; LEITE-GARCIA; VAN LEEUWEN, 2001, p. 375). Dessa forma, quem produz um signo escolhe o que considera ser a representação mais apropriada do que se quer significar, ou seja, o interesse orienta a seleção dos atores sociais guiados pelos meios formais de representação e comunicação. Essa formulação garante uma diferença reveladora entre a semiótica convencional e a Semiótica Social, aproximando esta última das leituras dos processos ideológicos e de poder, tomando a dimensão de análises políticas, historicizadas e críticas, pois procura desvendar os caminhos seguidos pelos produtores e pelos interpretantes dos textos, com base em suas escolhas e seus interesses.

Tais princípios semióticos amplos – escolha, contexto, funções – são articulados a partir das formulações teóricas de Michael Halliday (1978), que tematizou a linguagem a partir de uma visão sócio-semiótica, traçando uma gramática específica, a Gramática Sistêmico-Funcional. O ponto central desta discussão repousa na ideia de que a linguagem é um tipo de comportamento social, ou seja, ela tem uma “função” que é construída a partir das interações humanas e está organizada em “sistemas” contextualmente sensíveis. Assim, o uso

da linguagem está revestido por significados potenciais, associados a situações específicas e influenciados pela organização social e cultural.

A análise dos processos semióticos pressupõe o entendimento do que seja *mensagem*, *ato semiótico* e *texto*. Para Hodge e Kress (1988, p. 5) “a mensagem tem direcionalidade – ela tem uma origem e uma meta, um contexto social e um objetivo”. A mensagem é orientada pelo processo semiótico, ou seja, o processo social no qual o significado é estruturado e trocado. Os autores referem-se a este plano como semiótico. Em outro plano – plano mimético –, a mensagem funciona como representação. O significado deriva da função representativa ou mimética que a mensagem desempenha e do processo social no qual ele ocorre.

Hodge e Kress (1988) comentam que a semiótica não pode ser definida como a acumulação de mensagens, pois há um movimento de ir e vir entre os participantes no ato semiótico, ou seja, uma tessitura de significados na qual o texto e o discurso estão incluídos. Como já foi dito, esses autores utilizam o conceito de texto de forma extensa, referindo-se a ele como fato socialmente atribuído e com formatação multimodal. Assim, o nível do discurso relaciona-se ao processo social no qual o texto está mergulhado, e o texto tem sua orientação primária ligada ao plano mimético, enquanto o discurso relaciona-se ao plano semiótico.



Isso significa dizer que, para a Semiótica Social, dois níveis são particularmente importantes: a representação e a comunicação. No nível da representação, ocorre um complexo processo de produção, na medida em que este último pode ser considerado como o resultado da história cultural, social e psicológica de quem produz o signo. Para Kress e Van Leeuwen (1996, p. 6) representação é

um processo no qual o produtor de um signo, seja adulto ou criança, tenta fazer a representação de algum objeto ou entidade seja ele físico ou semiótico, e no qual o seu interesse naquele objeto no ponto de fazer a representação é complexo e acontece conectado com a história cultural, social e psicológica do produtor do signo e focalizado pelo contexto específico no qual o signo é produzido.

Como já vimos, para esses autores, o interesse guia a seleção, ou seja, a escolha de uma representação é pautada por um aspecto suficientemente representativo do objeto em um dado contexto. Ao escolher uma representação, o ator social o faz com referência ao que, no

seu entendimento, pode ser considerado o modo mais apto e plausível naquele contexto e naquela cultura. Assim, o processo de representação nunca pode ser considerado como o objeto em si, mas como um aspecto do que é representado.

Ainda em relação à representação, Kress e Van Leeuwen (1996) comentam que o processo de produção sónica se configura como a constituição de uma metáfora de duas formas distintas e complementares: analógica e classificatória. Analisando o desenho de uma criança de 3 anos que representava um carro como uma série de círculos, Kress e Van Leeuwen (1996) argumentam que tal representação foi possível porque um “carro” (brinquedo comum do ambiente infantil) tem “rodas” que são “círculos”, sendo que a primeira operação a ser identificada neste contexto é analógica (carro = rodas) e a segunda é classificatória (rodas = círculos). O signo resulta então do duplo processo metafórico no qual a analogia é o princípio constitutivo e também o próprio processo de classificação. Isso demonstra o caráter motivado do signo, que é formulado em relação à produção sónica, e o contexto no qual essa operação se processa deve ser considerado como de fundamental importância, pois os atores sociais utilizam diversas formas que julgam adequadas para expressar os sentidos que desejam.

O outro nível a ser considerado além da representação é o da comunicação. Se os atores sociais escolhem para representar — seguindo a sua motivação — o que consideram a forma mais apta e plausível, podemos entender que eles o fazem para que a mensagem seja entendida no contexto em que ela acontece. As escolhas, isto é, as formas de expressão dos atores sociais são ativadas a partir do que eles consideram ser mais transparente naquele contexto e naquela cultura.

Kress e Van Leeuwen (2001, p. 20) definem comunicação como “um processo no qual um produto ou evento semiótico é ao mesmo tempo articulado ou produzido e interpretado ou usado”. Nesse modelo em que a articulação e a interpretação se conjugam, a comunicação depende da “comunidade interpretativa” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 8), ou seja, é necessário que o interpretante tenha conhecimento semiótico para entender uma mensagem. A comunicação não acontece somente no polo do produtor, mas depende também do interpretante. Assim, podemos entender que a estrutura e os processos sociais estão inevitavelmente presentes na comunicação. Vista desta forma, a comunicação estará também marcada pelas relações de poder, e isso afeta as escolhas e as expressões das quais cada ator social lançará mão para que a comunicação seja mais transparente (ou não) naquele contexto. No caso desta pesquisa, as leituras sobre as dinâmicas de poder empregadas para analisar as

escolhas de representação dos sujeitos de pesquisa são aquelas referentes às relações de gênero dentro de um contexto de violência.

Perceber os níveis da representação e da comunicação envolvidos na semiose humana é o que permite delinear a agenda da multimodalidade na qual o foco se direciona para as práticas e usos dos recursos semióticos envolvidos na produção do significado. A noção de recurso não supõe entidades fixas e estáveis, mas, ao contrário, vê a formação de significados de forma dinâmica e com múltiplas articulações. A ideia de potencial, ou seja, o que pode ser significado e como pode ser dito (e por qual meio), é o que subjaz à noção de recurso semiótico, que passa a ser denominado modo semiótico a partir do momento em que adquire significação.

Para Kress e Van Leeuwen (2001), a multimodalidade é um campo de estudos interessado em explorar as formas de significação modernas, incluindo todos os modos semióticos envolvidos no processo de representação e comunicação. Dessa forma, os autores aplicam os princípios semióticos delineados a partir do campo teórico da Semiótica Social à vasta amplitude de recursos e modos, quais sejam, imagens, sons, cores, texturas, formatos etc.

Pensando a semiose humana a partir da agenda da multimodalidade, Kress e Van Leeuwen (2001) identificam quatro domínios de prática nos quais o significado é organizado — chamados pelos autores de estratos, numa referência à Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana —, que são: discurso, *design*, produção e distribuição.

Discursos são “conhecimentos socialmente construídos sobre (algum aspecto da) realidade” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 4). Os autores entendem que se supõe terem sido os discursos socialmente construídos desenvolvidos em contextos sociais específicos, que servem aos interesses dos atores sociais desses contextos, os quais podem ser amplos (por exemplo, o Brasil) ou não (uma família em particular); os contextos podem ser também explicitamente institucionalizados (uma escola) ou não (a conversa em uma mesa de jantar). Para além de o discurso ser uma construção social, os autores reforçam que eles representam aspectos da realidade, explicitando o caráter crítico dessa teoria.

O *design* situa-se entre o conteúdo e a expressão, ou seja, “é o lado conceitual da expressão e o lado expressivo da concepção” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 5). *Design* é o uso do recurso semiótico em todos os modos semióticos e combinações de modos semióticos, formas de expressão dos discursos no contexto de uma dada comunicação. Por outro lado, os discursos tomam forma a partir dos modos semióticos expressos (*design*) e que têm o potencial de significação destes (dos discursos).

A organização do significado, além de passar pelos estratos do discurso e do *design*, opera também nos níveis de produção e distribuição. Produção refere-se à “organização da expressão, a atual articulação material do evento semiótico ou a atual produção material do artefato semiótico” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2001, p. 6). A semiose começa no nível da produção, porque esta pode ser considerada a camada de significado somada ao processo de realização do *design*. A produção, ou seja, a organização dos recursos semióticos ativa significados do que pode ser dito e de que forma pode ser dito. Produção e *design* são entidades muito próximas e muitas vezes podem formar um casal. Contudo, o que deve ser observado é que diferentes produções de um mesmo *design* podem dizer a mesma coisa e, em outras vezes, duas versões diferentes de algo podem dizer coisas bem diferentes.

Kress e Van Leeuwen (2001) afirmam que o estrato da distribuição tende a ser considerado como não semiótico, pois ele se refere, em um primeiro nível, às tecnologias que podem ser usadas na preservação e transmissão da comunicação. Em um segundo nível, a distribuição tem o objetivo de transformar a comunicação, pois pode criar novas representações e interações, estendendo o significado semiótico e, conseqüentemente, mudando-o.

A partir desses estratos – discurso, *design*, produção e distribuição –, a multimodalidade tematiza a forma como o significado se organiza, como pode ser expresso por diferentes modos semióticos e quais semióticas produz. Por esta razão, esse campo teórico enfatiza que o processo de produção de significado, mais do que o significado enquanto núcleo em si mesmo, se torna o foco das análises, pois interessa investigar *o que, com qual modo e como* o significado foi processado, pois todos esses níveis contribuem para sua articulação e interpretação.

Além desses níveis de análise, segundo Kress (2008, 2010), podemos considerar três outros quando investigamos a produção de significados: estilo, estética e ética. O estilo diz respeito a uma política da escolha. A noção de escolha diz respeito, em primeira instância, às variadas formas de significação providas pelo sistema linguístico e, em segunda instância, ao potencial que atores sociais têm de escolher formas que consideram mais aptas e plausíveis para a comunicação. Assim, cada sistema de escolha de composição de significados pode ser interpretado como formas de estilo. A partir desse ponto, o autor postula o segundo nível de análise – a estética – como correspondente à política do estilo, ou seja, trata-se da constatação de que, a cada composição escolhida e articulada, cria-se uma harmonia diferente. Segundo os pressupostos sócio-semióticos, a composição estética guarda relações de poder e de ideologia. O terceiro nível de análise, denominado *ética*, está relacionado àquilo que consideramos ser

merecedor de destaque e importância quando produzimos significados, ponto do qual partimos e nos afiliamos de acordo com nossos juízos morais. Assim, a ética se refere à política do valor e da avaliação, ou seja, é uma espécie de substrato que rege a produção de significados.

Considerar as práticas semióticas constantemente permeadas pela intrincada dimensão de produção de significados supõe a visão do processo de comunicação de forma dinâmica, na medida em que ele é entendido como uma forma de ação social. Por isso, no item a seguir, abordaremos a noção de atores sociais buscando diálogos entre a perspectiva sócio-semiótica e a psicologia social, com o intuito de clarear o que entendemos por sujeito/ator social e sua capacidade de agência.

2.4.1 Semiótica social e atores sociais

Somos seres linguísticos e sempre nos encontramos dentro da linguagem e da cultura, sem possibilidades de definição fora destas. Essa formulação marca a chamada *virada linguística* na ciência contemporânea, na qual os interesses dos pesquisadores se voltam para uma filosofia que considera os espaços da intersubjetividade e do social como formadores das dinâmicas sociais e dos sujeitos. É certo que, nas interações sociais, ativamos vários significados em vários níveis: trocamos informações e negociamos determinadas posições particulares e individuais e, ao mesmo tempo, “o que falamos é preenchido por padrões de organização social” (JAWORSKI e COUPLAND, 1999, p. 12). A Semiótica Social está em congruência com essa perspectiva porque parte do pressuposto de que a construção de significados constitui-se pela ativação de vários modos representacionais e comunicativos, operados nos textos por atores sociais sociopoliticamente posicionados (HODGE e KRESS, 1988).

Tomando como base essas formulações, torna-se imprescindível comentar a moldura sobre a qual a Semiótica Social tematiza os atores sociais: ativos, contextualmente sensíveis e ideologicamente posicionados. Esses comentários, que em um primeiro momento podem parecer desnecessários, tomam importância singular para o entendimento da dinâmica de leitura proposta pela Semiótica Social. Trata-se de uma abordagem dialógico-crítica, direcionada para os textos e seus produtores, considerando a dinâmica de ir e vir constantes que tece os significados em contextos de poder e de ideologia.

Em primeiro lugar, esse tipo de abordagem de ator social ativo está em congruência com a psicologia sócio-histórica proposta por Bock, Gonçalves e Furtado (2009), na qual o ser humano é (está) organizado pelas relações sociais do seu entorno. Isso significa dizer que, ao tematizar o sujeito e sua subjetividade, não falamos de algo que pertence à natureza, ou que é preexistente. A noção de construção social e de movimento constante subjaz o conceito de sujeito/ator, que é, portanto, dinâmico e em constante troca com seu meio socioeconômico e cultural.

Entender os atores sociais como ativos significa abranger suas práticas de produção de significados como guiadas por interesses e escolhas, ou, como explicita Scott (2006, p. 13), entender a agência humana como “o elemento dinâmico dentro do ator que traduz a capacidade potencial em prática concreta”. Conforme já vimos, para a Semiótica Social, enquanto atores sociais, temos à nossa disposição formas representacionais e comunicacionais que podem ser ativadas de acordo com o que consideramos mais apto e plausível no processo de significação e, ancorados aos nossos julgamentos, afetos e apreciações, criamos efeitos no mundo à nossa volta. A Semiótica Social considera, portanto, um sujeito eminentemente social, cultural e histórico.

Em segundo lugar, quando reconhecemos os atores sociais, além de ativos, como contextualmente sensíveis, lembramos que a produção de significados depende de pelo menos dois aspectos: o contexto de situação e o contexto de cultura. O primeiro diz respeito a uma instância mais imediata da interação e, se falamos com uma criança, com um adulto ou com uma autoridade, construímos o significado de formas diferentes. O segundo se refere a uma instância mais ampla, pois abarca as práticas sociais tomando como base as culturas e, por isso, um mesmo modo semiótico pode significar coisas diferentes em culturas distintas. Assim, a cada contexto, a cada interação, o significado é produzido e interpretado de forma diferenciada. Neste momento, cabe ressaltar a importância de se considerar as relações de gênero como referencial teórico que será utilizado para ancorar as análises desta tese, pois os conteúdos das discussões dos participantes levitam em torno de suas relações de intimidade. Assim, ler os significados produzidos pelos participantes sobre suas relações e sobre os eventos violentos que as envolvem a partir das lentes críticas das relações de gênero – mergulhadas em posicionamentos hierárquicos e cambiantes – faz com que a investigação siga parâmetros complexos, conexos e heterogêneos.

Em terceiro lugar, compreender os atores sociais como ideologicamente posicionados diz respeito ao reconhecimento dos contextos de poder – e também de violência – em que as trocas interacionais estão mergulhadas, considerando sua produção, articulação e

interpretação. Aqui, o conceito de ideologia tem importância fundamental, pois ela é entendida como uma prática, um modo de operação, de estratégia e de ação. Segundo Guareschi (1998, p. 95), tal conceito focaliza nossa atenção nas “maneiras como as formas simbólicas são usadas e transformadas em contextos sociais específicos” e nos ajuda a observar como as relações sociais são criadas e sustentadas por formas simbólicas que nos orientam para certas direções. Para Thompson (1995, citado por GUARESCHI, 1998, p. 76), “estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação”. Essa concepção de ideologia traz algumas implicações: primeiro, entendê-la como uma concepção crítica e nunca neutra; segundo, pesquisar e valorizar os sentidos e formas simbólicas dos processos ideológicos; e terceiro, mapear modos e estratégias organizadas para estabelecer e sustentar relações de dominação.

Pensando ainda na prática dos atores sociais, podemos definir a dominação como uma relação que se dá quando “determinada pessoa expropria poder (capacidades) de outro, ou quando relações estabelecidas de poder são sistematicamente assimétricas” (GUARESCHI, 1998, p. 96). Mapear modos e estratégias organizadas para estabelecer e sustentar relações de dominação pode ser considerado o ponto mais prático e útil para a análise ideológica. Responder a perguntas do tipo quais os modos e estratégias empregados na criação e manutenção das relações de dominação e também como a produção de significados pode estabelecer e sustentar tais relações pode ser valioso passo para a análise da ideologia.

Dessa forma, quando tomamos contato com a totalidade da linha filosófica da Semiótica Social, procuramos, irremediavelmente, tematizar quem produz o significado, as escolhas eleitas para construí-lo, o contexto no qual ele é veiculado e que marcas ideológicas e de poder ele perpetua, modifica ou subverte. Assim, podemos dizer que as análises gerenciadas pela Semiótica Social têm a intenção de promover reflexões políticas, críticas, historicizadas e culturalmente sensíveis. Nos itens a seguir proporemos, seguindo as tendências atuais de leitura sócio-semiótica, incluir a perspectiva de orquestração de significados e, para isso, abordaremos o campo atual de desenvolvimento teórico da multimodalidade, explicitando o que será utilizado nesta pesquisa.

2.4.2 Multimodalidade, modo e orquestração de significados

O campo da multimodalidade pretende explorar a produção de significados, levando em consideração os vários modos e meios possíveis de significação à disposição dos atores

socioculturais. Esse é o ponto comum de todos os trabalhos da área, que explora os arranjos de significado, ou seja, investiga o trabalho intersemiótico em questão. Smith *et al* (2009) propõem nomear tal modelo como a *investigação da orquestração de significado*, que supõe, portanto, a abertura do campo analítico da multimodalidade. Dentro dessa perspectiva, vários Modos Semióticos (linguagem, imagem, música, gestos, arquitetura, dentre outros) que são realizados a partir de várias modalidades sensoriais (visual, auditiva, tátil, olfativa, gustativa e cinética) passam a ser considerados como participantes do denominado fenômeno multimodal (O'HALLORAN, 2011; KRESS, 2010). Para além da complexidade explícita da organização de significados enquanto conjugação de vários Modos, vale lembrar que, conforme desenvolvido no item anterior, toda articulação, produção e interpretação está mergulhada na ideologia e no poder.

Assim, no panorama da orquestração de significados, considerado a partir da multimodalidade, o conceito de Modo se torna central. Segundo Kress (2010, p. 79),

Modos são recursos semióticos socialmente enquadrados e culturalmente dados para produzir significado. Imagem, escrita, layout, música, gestos, fala, imagem em movimento, trilha sonora e objetos em 3D são exemplos de modos usados na representação e na comunicação.

Esse autor explica que outros produtos sociais transmitem significados em seu ambiente cultural, como é o caso de mobília, roupas, comida etc., porém eles não são considerados como Modo. O critério de reconhecimento de um Modo deverá passar pelo potencial de produção de significado existente no mesmo, com base nos três níveis de produção de significado propostos pela Linguística Sistêmico-Funcional, ou seja, ideacionalmente (representando ações, estados e eventos no mundo), interpessoalmente (representando significados sobre as relações sociais daqueles engajados na comunicação) e textualmente (representando uma mensagem-entidade completa, com coerência interna e com seu ambiente).

Cada Modo tem diferentes origens, materialidades e possibilidades de ação latente (*affordances*). Kress (2010) lembra a diversidade de potencial de significados dos Modos comentando que a escrita é recebida pelo aparelho visual e vem realizada por palavras, orações e sentenças organizadas por regras gramaticais. Seus recursos semióticos gráficos giram em torno de tamanho e forma de fonte, organização espacial (espaçamento, enquadramento), cores e pontuação. A fala é recebida pelo aparelho auditivo e vem realizada por volume e maciez produzindo variação de energia; ritmo e sotaque criando a organização rítmica e a acentuação das palavras; e tom e entonação para marcar as unidades de

informação. Os gestos e imagens em movimento combinam tempo e espaço. Gestos têm significados e usos diferentes em domínios sociais, comunidades e culturas. Eles são impermanentes, pois, uma vez encenados, não restam traços dos mesmos, além de produzirem significados de forma bem diversificada. Assim, os diferentes Modos, a partir de suas materialidades e seus potenciais de ação latentes, produzem diferentes significados.

A abertura do campo de estudos da multimodalidade traz, segundo Smith *et al* (2009), um contexto de grande criatividade investigativa, na qual os interesses relacionados a áreas diversas, tais como linguística, psicologia, antropologia, sociologia, estudos culturais, estudos de mídia, crítica e prática das artes (pintura, fotografia, música, filme, escultura, arquitetura) passam a ser potencialmente importantes. Vários teóricos produzem atualmente diversificadas pesquisas nesse campo de multimodalidade, com leituras de espaços arquitetônicos (RAVELLI, 2008), arquitetura e suas funções interativas nos contextos educativos (VAN LEEUWEN, 2008), significados interpessoais de espaços arquitetônicos (STENGLIN, 2008), combinações de palavras, imagens e gestos na produção de significados (HERMAN, 2010; O'HALLORAN, 2004; RODRIGUES, 2006) e outros.

Na pesquisa sobre espaços arquitetônicos – considerando sua perspectiva tridimensional –, Ravelli (2008) argumenta a favor da leitura destes como textos produtores de significado, proposição já formulada por Kress e Van Leeuwen (1996, 2001, 2006) quando concebem o conceito de *texto ambiente*. Considerando as construções arquitetônicas como produções sociais planejadas e atualizadas a partir do uso que as pessoas fazem do espaço físico, esta autora resgata o modelo tripartite das metafunções da Linguística Sistêmico-Funcional e aquelas propostas por Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), tematizando-as e adaptando-as com alguns desdobramentos.

Dentro da metafunção interpessoal, Ravelli (2008) formula a categoria analítica controle/liberdade, fazendo referência à experiência que as pessoas têm na interação com os lugares que podem variar de um contínuo de fácil acesso a de difícil acesso, frequentemente relacionando tal conceito com a forma de movimentação das pessoas no espaço físico. Para ela, é importante analisar a extensão na qual os usuários podem ter acesso livre tanto ao edifício quanto dentro dele e, para tal, analisa os tipos de caminhos desses lugares – se os acessos/caminhos são facilitados ou não – e as formas de circulação interna – se são espaços fechados com várias paredes ou com mais ou menos liberdade, o que permite que a interação ocorra de forma mais livre.

Ainda a partir de uma perspectiva interacional, Ravelli (2008) resgata as categorias vínculo e ligação propostas por Stenglin (2004, 2008), apontando-as como importantes

ferramentas para se aplicar na leitura de uma gramática de espaços. Para Stenglin (2004, p. 50), “vínculo é a escala que organiza espaços entre extremamente aberto e extremamente fechado”, sendo que, pensando em um contínuo, os extremos dessas categorias evocam ao mesmo tempo respostas claustrofóbicas e/ou agorafóbicas, ao passo que as formas intermediárias produzem significados de conforto, segurança, liberdade e/ou possibilidades. Para a categoria ligação, a autora afirma que ela tem a ver com produções de significado de afiliação mais do que insegurança, pois “ela explora formas de união, inclusão e solidariedade através da conexão” (STENGLIN, 2004, p. 50). Tal produção de significados pode ser experiencialmente confirmada e lida a partir das diferentes formas de interação social das pessoas em um espaço, ou mesmo através do alinhamento de determinadas atitudes compartilhadas em grupo. Outra característica de articulação dessa categoria é o denominado *ícone de ligação*, que pode ser um líder, uma música, um edifício, símbolos, medalhas, troféus e até mesmo uma pintura, como é o caso de Mona Lisa. Esses ícones articulam e produzem significados de pertencimento social, ou seja, alinham pessoas em grupos com disposições compartilhadas.

Numa outra perspectiva de afiliação, Knight (2010) propõe investigar o humor na conversação enquanto estratégia de negociação identitária comum, ou seja, enquanto processo social que diz respeito ao compartilhamento de valores. Essa autora propõe uma expansão da categoria *vínculo*, apontada por Stenglin (2004, 2008), argumentando que é preciso tematizar como as pessoas se alinham e também como rejeitam valores em um grupo, através, por exemplo, de um riso de desacordo ou de ironia. Amparada na perspectiva de combinação do significado nos níveis ideacional e interpessoal, a autora procura identificar como esses significados aparecem acoplados e unidos numa interação, ou seja, como uma afirmação junto a um riso assume a característica avaliativa de discordância e/ou outros significados. A autora ressalta ainda que muitos significados só podem ser articulados e interpretados por uma comunidade específica, pois a afiliação que perpassa o grupo é o pano de fundo em que a mensagem será traduzida.

As categorias *vínculo* e *ligação* (STENGLIN, 2004, 2008), *controle/liberdade* (RAVELLI, 2008) e *afiliação* (KNIGHT, 2010) se apresentam como importantes ferramentas analíticas a serem utilizadas nesta pesquisa, que pretende investigar uma interação em grupo, pois elas tratam de características interpessoais da comunicação. No entanto, parece-nos que tais categorias foram exploradas de forma diferenciada pela psicologia dos grupos, que as nomeia como *configurações vinculares*, como já foi exposto no capítulo 1. Nessa perspectiva, manifestações grupais de solidariedade e/ou disputa; conformidade e/ou desvio de regras; e o

próprio clima do grupo são entendidos como mecanismos vinculares. Para a psicologia de grupos, os sentimentos de atração vigentes entre os membros do grupo; o compartilhamento de valores; as atitudes não verbais, tais como sentar-se mais perto, prestar atenção um ao outro e mostrar sinais de afeição; as participações ativas nas conversas, com engajamento em narrativas pessoais ou narrativas colaborativas, e até mesmo a exposição de segredos no ambiente do grupo, demonstrando confiança, são sinais de mais ou menos vínculo grupal.

Nesta pesquisa, em que analisamos uma interação em grupo, propomos utilizar a categoria *configurações vinculares* – advinda da psicologia de grupos – para tematizar as expressões de vínculo, ligação (STENGLIN, 2004, 2008), controle/liberdade (RAVELLI, 2008) e afiliação (KNIGHT, 2010) propostos por essas linguistas, pois a consideramos (a categoria *configurações vinculares*) contextualizada aos nossos propósitos. Propomos também utilizar a categoria *jogos de posicionamento* – advinda também da psicologia de grupos e explorada no item 1.6 – para tematizar e classificar os desdobramentos das configurações vinculares, ou seja, os efeitos delas na dinâmica social, entendida como posicionamentos performáticos e/ou identitários dentro de um grupo social.

Julgamos que as configurações vinculares equivalem a um ordenamento interpessoal inicial, um campo de possibilidades de elos e movimentações. São afetos, expressões de julgamentos e apreciações que tomam configurações dinâmicas e com vários usos de Recursos semióticos (olhares, gestos, sorrisos, posições corporais, itens lexicais). Enquanto campo de base, a partir das configurações vinculares e de como elas se organizam e se acoplam, podemos identificar os jogos de posicionamento que surgem, se mantêm ou se modificam numa interação. Assim, em um movimento sintagmático, consideraremos as configurações vinculares como organizadoras de afetos, cumplicidade, autorização e/ou desautorização, julgamentos e outros mecanismos, ou seja, significados que os sujeitos usam para produzir determinados sentidos de vínculos no processo grupal. Num movimento paradigmático, consideramos os jogos de posicionamento como desdobramentos das configurações vinculares, ou seja, os lugares que os participantes assumem na interação enquanto formas identitárias com diversas posições pessoais e morais. Assim, os jogos de posicionamento dizem respeito às várias posições performáticas dos sujeitos/atores sociais enquanto possuidores de determinadas identidades e/ou pertencimentos a determinados grupos.

Dessa forma, as configurações vinculares e os jogos de posicionamento serão analisados, a partir da perspectiva multimodal, por meio do mapeamento dos Modos/Recursos semióticos utilizados pelos sujeitos de pesquisa, seus potenciais de significação latente e sua

forma de articulação, produção e interpretação. Para tanto, exploraremos a seguir algumas características da interação face a face e da linguagem oral, selecionando e tematizando alguns Recursos multimodais mais utilizados pelos participantes da pesquisa.

2.4.3 Orquestração multimodal numa perspectiva da interação face a face

Como já foi observado, muitos campos teóricos têm desenvolvido pesquisas relacionadas com a orquestração de significados, e uma delas é a ciência da computação, com várias investigações sobre a comunicação não verbal. A área da inteligência virtual tem incrementado pesquisas que potencializam a criação de personagens virtuais com características humanas confiáveis e que, por esse motivo, facilitariam a interação usuários/computadores (FRIEDMAN e GILLES, 2005; PAN, GILLES e SLATER, 2008). Composto jogos e recursos gráficos cada vez mais sofisticados, tais estudos investigam a linguagem corporal humana, mapeando gestos, posturas e expressões faciais que comumente são encenados em determinadas situações socioculturais, bem como os desdobramentos de seus significados.

Esses pesquisadores são unânimes em afirmar que a comunicação não verbal “é responsável por muitos aspectos da interação social: expressando emoções, regulando os turnos na conversação e definindo e expressando relacionamentos sociais” (FRIEDMAN e GILLES, 2005, p. 205). Essas pesquisas contextualizam seus achados com as diferenças culturais da comunicação não verbal e procuram mapear formas comunicacionais mais ou menos esperadas, de acordo com o contexto de situação (REHM *et al*, 2009). As investigações apontam também para as variadas formas de interpretação da comunicação não verbal, mostrando, por exemplo, que o acenar de cabeça pode ter o significado de discordância, descrença ou confusão, criando, assim, obstáculos para a análise automática (ADOLPHS e CARTER, 2008).

Partindo do paradigma sócio-semiótico, a linguagem deixou de ser nomeada de forma binária como não verbal e/ou verbal, pois hoje partilhamos da perspectiva multimodal, conforme já explicitado aqui. As pesquisas sobre gestos, posturas e expressões faciais ainda são poucas, mas pesquisadores como Adolphs e Carter (2008), a partir de uma perspectiva Sistêmico-Funcional e multimodal, investigam os chamados *canais de resposta* na interação, ou seja, gestos e sinais sonoros que indicam engajamento na conversa, manutenção do seguimento do discurso, concordância/discordância e confirmação de recebimento de informações. Explorando a relação entre o comportamento verbal e o visual relacionado com

os canais de resposta, principalmente os movimentos da cabeça, esses autores apontam para a complexidade do campo, pois os significados podem variar de um mínimo aceno de cabeça até outros movimentos com significados enfáticos e de longa duração. Assim, os autores argumentam que cada mudança de um mesmo Modo e, neste caso, um gesto de cabeça, acaba por produzir diferentes significados semióticos.

Outro aspecto gestual que é utilizado em abundância na interação face a face é o denominado *senal de endereçamento*, com conteúdo semiótico equivalente ao olhar de oferta ou de demanda propostos por Kress e Van Leeuwen (1996, 2006). Para além da direção do olhar (como forma de endereçamento), sinais e posturas corporais tais como se virar para o interlocutor, apontar com os dedos uma pessoa (citando-a ou pedindo que responda a algo) e buscar turnos na conversa através de gestos também são formas de endereçamento.

Os Modos/Recursos semióticos/interativos, denominados aqui como *canal de resposta* e *sinais de endereçamento* serão utilizados nesta pesquisa para investigar as formas como os sujeitos de pesquisa os usam, bem como os significados que eles criam na interação. Eles têm ligação com as categorias propostas no item 1.6 recentemente mencionados aqui, ou seja, as configurações vinculares e jogos de posicionamento, pois seus potenciais de significado, sua produção, articulação e interpretação são fundamentais para criar semióticas interativas/interpessoais. Outras posturas corporais, em sua grande diversidade (posições, reações e movimentos), serão investigadas também como potencializadoras de vínculos e posições dentro do ambiente da interação no grupo.

Outro Recurso semiótico muito utilizado na interação é o humor que passaremos a abordar agora.

2.4.4 O humor como característica interpessoal

O humor aparece com frequência no *corpus* desta pesquisa e Eggins e Slade (1997) consideram ser este um recurso semântico relacionado com a avaliatividade e o engajamento. Há grande variedade de estratégias linguísticas usadas para criar humor, tais como provocações, exageros enfáticos e narrações de histórias engraçadas e/ou piadas sórdidas. Tais estratégias só podem ser entendidas dentro de um contexto e, por isso, elas indicam graus diferenciados de inclusão ou exclusão em grupos, identidades, valores e/ou conhecimentos partilhados, ou seja, requisitos para o entendimento da carga semântica a que o humor faz referência.

Apesar de haver, sobre o humor, vários estudos relacionados com perspectivas psicológicas, filosóficas, antropológicas, sociológicas, literárias e outras, há certo consenso de que ele aparece quando há algum tipo de incongruência na interação, ou até mesmo por causa da impropriedade e da desarmonia que determinado significado apresenta no contexto. Assim, o humor parece envolver dupla significação, ou seja, significados opostos que lutam para produzir um significado. Segundo Eggins e Slade (1997, p. 156), “humor, em outras palavras, envolve polissemia onde ao mesmo tempo um significado ‘sério’ e outro ‘não sério’ podem ser reconhecidos”. Por isso elas afirmam que os interactantes podem se utilizar de estratégias de humor para “falar coisas sem responsabilidade estrita, para eles mesmos e para os outros”.

De qualquer maneira, o uso do humor é uma forma de negociação entre os interactantes, e acaba por desvendar processos sociais com seus conflitos, suas lutas e suas tensões. Knight (2010) propõe, seguindo Martin (2000, 2008 *apud* KNIGHT, 2010), tematizar o uso do humor como uma forma de acoplamento de significados que, de forma combinada, partem da ampla variedade de escolhas da rede do sistema linguístico. Essas combinações se fazem entre e através das metafunções, estratos, escalas de níveis e de Modos e Recursos semióticos, ou seja, expandindo a visão linguística para além do trabalho primeiro de desvendar os microssistemas da linguagem e partindo de uma visão de organização em complexidade e com realização em diversos níveis e Modos instantaneamente.

É fato que a concepção do sistema linguístico como complexidade não é uma novidade para a Linguística Sistêmico-Funcional; no entanto, trata-se de uma proposta um tanto subversiva, pois é necessário começar das formas rizomáticas que o significado adquire, segundo a proposição de Deleuze e Guattari (1995). Dessa forma, Knight (2010, p. 42) afirma que

No desdobramento logogenético do texto, a reação do riso sinaliza que os ouvintes reconhecem o que está sendo apresentado pelo falante como um acoplamento (um padrão linguístico de significado interpessoal combinado com o significado ideacional), e tenham interpretado aquilo como “engraçado” em relação às suas comunidades identitárias.

Essa autora propõe que o riso seja um sinal de afiliação na interação, já que ele acontece geralmente como Modo acoplado a outros significados produzidos e é uma forma de reconhecimento de vínculos comuns. Seguindo as categorias analíticas propostas neste trabalho, quais sejam, as configurações vinculares e os jogos de posicionamento processados no ambiente do grupo, consideraremos que o riso e o humor são mecanismos que, num primeiro nível, criam elos de acordos e/ou desacordos e expressam avaliações e, num segundo nível, criam efeitos de posicionamento dos sujeitos no grupo.

Em uma interação face a face, para além de investigar os usos de vários modos semióticos encenados no *continuum* de um encontro interpessoal, devemos levar em consideração o tipo de linguagem utilizado, ou seja, a linguagem oral em forma de conversação. Por isso, passaremos agora a discutir as especificidades da linguagem oral e, mais focalizadamente, a conversação e seus potenciais de significação.

2.5 A Linguagem Oral e o Tipo Conversação

A linguagem oral num contexto de interação é a mais usada na nossa vida diária e, por isso, esse tipo de linguagem é alvo de interesse de etnólogos, sociolinguistas, psicólogos e, principalmente, entre sócio-semiotistas. Afiliados com esta última perspectiva, os sistemicistas-funcionais estudam, sobretudo, a linguagem em uso e, em grande medida, a linguagem oral de tipo conversação. O paradigma sócio-semiótico, provê um modelo compreensivo e integrado da linguagem na medida em que teoriza os vínculos entre linguagem e vida social e, por isso, de acordo com essa perspectiva, a linguagem constrói dimensões de identidade social e de relações interpessoais.

Segundo Eggins e Slade (1997, p. 6) “apesar de sua aparência sem sentido e seu conteúdo aparentemente trivial, a conversação cotidiana é, de fato, uma atividade semântica altamente estruturada e funcionalmente motivada”. Tanto essas autoras quanto Thornbury e Slade (2006, 2010) usam o termo *conversação* no lugar do termo mais genérico, *linguagem oral*, para denominar seu campo de estudos. Isso se deve aos esforços empreendidos por eles para caracterizar e descrever de forma pormenorizada as especificidades da linguagem oral. Assim, conversação é definida pelos autores como linguagem falada, que acontece espontaneamente num tempo real, num local/contexto compartilhado, sendo construída reciprocamente num jogo interativo, com função primeiramente interpessoal, informal, e com conteúdos expressivos de negociação de identidades sociais, manifestação de desejos, sentimentos, atitudes e julgamentos.

Para o contexto desta tese, denominaremos a linguagem do *corpus* como *conversação*, por considerarmos que ela está de acordo com as definições acima, apesar de acontecer num ambiente formalizado, como o espaço de um grupo focal. Salientamos que, apesar de identificar essa diferença, não conseguimos verificar nenhuma incongruência descritiva e/ou teórica entre a conversação tal qual descrita nos estudos linguísticos e a interação de tipo

conversa que acontece dentro do grupo reflexivo. Por isso, passaremos agora a descrever as características semióticas e as características gramaticais da conversação.

2.5.1 Características semióticas da conversação

A conversação é a forma de linguagem mais comum e mais cotidiana e, talvez por causa disto, há diferentes definições do que ela seja. Obviamente, nos referimos à linguagem falada e que acontece em tempo real. Por causa dessas características, a conversação é recheada de recursos vocais tais como ênfase, intonação, ritmo, altura da voz, tempo etc., e de aspectos disfluentes, como hesitações, repetições de palavras, falsos começos, reparações e/ou abandono de sentenças, aspectos agramaticais. O fato de a conversação acontecer como uma pressão no tempo e no espaço faz com que ela partilhe desses aspectos (THORNBURY e SLADE, 2006).

Na fala, há baixa densidade lexical, segundo Halliday (1985), mas esse fato é balanceado, pois os falantes constroem elaboradas coreografias de padrões semânticos no fluxo da conversação e, por isso, a conversação partilha de altos padrões de emaranhados e embaraçamentos semânticos que trazem coerência à comunicação. O fato de a conversação acontecer também num contexto partilhado faz com que os recursos utilizados pelos falantes incluam o conhecimento temporal e espacial momentâneo para se comunicarem e, segundo Thornbury e Slade (2006), essa característica é a que mais distingue a fala dos textos escritos.

A conversação é interativa, ou seja, coconstruída no fluxo espaço-temporal no qual acontece. Assim, os falantes constroem reciprocamente a fala e, por isso, os elementos de troca comunicativa são enfatizados nesse contexto eminentemente interpessoal. Ainda segundo Thornbury e Slade (2006), a conversação é informal e expressiva de identidade, pois, quando nos relacionamos, apresentamos um *quantum* de valores, nos mostramos e nos posicionamos.

2.5.2 Características gramaticais da conversação

Considerar a gramática oral como uma espécie de escrita falada ou como menos complexa do que a gramática escrita são os dois equívocos mais comuns sobre a linguagem oral, segundo Thornbury e Slade (2006, 2010). Há muito a gramática escrita foi considerada

padrão, e somente a partir das décadas de 1960 e 1970 os pesquisadores começaram a investir nesse campo de estudos, mapeando as formas gramaticais mais frequentes da linguagem oral.

Segundo Thornbury e Slade (2006, 2010), é comum haver duas incompreensões relacionadas à gramática da linguagem oral: que ela seria equivalente à linguagem escrita, porém realizada através da oralidade, e que ela seria menos complexa do que sua contraparte, a escrita. Segundo esses autores, esses pressupostos nos colocam alguns problemas, pois teríamos que considerar a linguagem escrita como padrão e desconsiderar as especificidades de uma e de outra.

No trabalho com a linguagem oral, é necessário estar atento a sistemas complexos, de natureza diversa da linguagem escrita, como, por exemplo, o material não oracional, denominado por Biber *et al* (1999 *apud* THORNBURY e SLADE, 2010) como *peças extras*, tais como os léxicos de resposta (ah, sim); marcadores de discurso (né?); dispositivos de feedback (mesmo?); e interjeições (graças a Deus!). Consideradas como itens isolados, essas peças extras não se relacionam sintaticamente com outras estruturas oracionais. Uma segunda classe de material não oracional proveniente da linguagem oral “consiste em frases isoladas ou fragmentos oracionais que são capazes de formar elementos de estrutura oração-e-sentença” (THORNBURY e SLADE, 2010, p. 199). Denominadas *unidades sintáticas não oracionais*, tais estruturas podem ser respostas curtas a perguntas, repetições ou elaborações de conteúdos prévios e comentários avaliativos. Biber *et al* (1999 *apud* THORNBURY e SLADE, 2010) usam o termo *Unidade-C* para essas ocorrências oracionais e não oracionais, salientando que elas são constituintes da linguagem oral, equivalentes ao que as sentenças são na linguagem escrita.

Thornbury e Slade (2010) ressaltam seis aspectos gerais dos textos orais: cabeça/cauda, incompletude gramatical, elipses, dêiticos, tempo/aspecto e modalidade. Sobre o primeiro destes, os autores comentam que é comum encontrar formas tipicamente não oracionais inseridas ora no início (cabeça), ora no fim (cauda) do corpo das orações. A cabeça é tipicamente uma frase nominal que carrega uma informação-chave, ou seja, o tópico que tem a função de organizar o fluxo da interação, como, por exemplo: *Oh, seus amigos de Paddington, eles tiveram que sair do apartamento* (grupo nominal funcionando como cabeça). Assim, “enquanto a cabeça cumpre uma função prospectiva, a cauda é mais retrospectiva no seu uso, servindo para estender, reforçar, atenuar, esclarecer e até mesmo comentar sobre o que o falante está dizendo ou acabou de dizer” (THORNBURY e SLADE, 2010, p. 200), como, por exemplo: *Ela estava sentada na sala, aquela velha mulher italiana* (grupo nominal funcionando como cauda). Os tipos de cauda são: orações interrogativas

simples ou ao final de orações (equivalentes às *question tags*); peças de reforço (não é?); orações nominais funcionando como identificadores (Detesto os iuguslavos, os croatas); adjetivos avaliativos (Ele os deixa em qualquer lugar, terrível); categorias identificativas vagas (você sabe isto e todo o resto) e orações de comentário (As coisas que ela faz, eu não sei). Marcadores de discurso, sinais interacionais e vocativos também são formas comuns que podem ser encontradas na linguagem oral funcionando como cauda, ou seja, como retrospectivos. No caso dos vocativos, quando estão na cabeça, cumprem a função de solicitar atenção e, quando estão na cauda, têm a função de ajustar ou reforçar a relação social entre o falante e quem foi endereçado por ele. Assim, segundo Mc Carthy e O’Keeffe (2003 *apud* THORNBURY e SLADE, 2010), se há uma distribuição equitativa de vocativos em uma interação, o fato pode ser interpretado como uma forma de solidariedade. A escolha de vocativos pelos falantes diz muito sobre a forma interpessoal em termos de postura e de atitude.

Sobre a segunda característica da linguagem oral, denominada *incompletude gramatical*, ou seja, dizeres incompletos dos falantes, Thornbury e Slade (2010, p. 201) afirmam que, “por causa da pressão presente no planejamento (da fala) juntamente com a natureza construtiva da conversação, a linguagem oral é frequentemente agramatical, até mesmo por causa de seus padrões ‘relaxados’”. Assim, muitos enunciados são abandonados (o falante abandona ou reinicia outro), interrompidos (por causa da intervenção de outro falante), completados por outros falantes e/ou misturados (com várias informações e tópicos).

A terceira característica da linguagem oral é o uso frequente de elipses que podem omitir os sujeitos e os complementos verbais das sentenças, o que é considerado uma omissão deliberada de termos, pois eles podem ser recuperados no contexto imediato da interação. Por exemplo: “(Você) vai na casa da sua mãe? Sim, (eu) vou, provavelmente.”

Sobre a quarta característica – uso de dêiticos –, o fato de os falantes interagirem de forma compartilhada e simultânea no tempo e no espaço faz com que eles façam referências diretas à situação imediata usando expressões dêiticas. Por exemplo: “Olhe, eu fiz isto.”

O uso do tempo presente com referência a eventos passados é a quinta característica da linguagem oral apontada por Thornbury e Slade (2010). Por exemplo: “Eu estou de dieta e minha mãe sempre compra essas balas para mim”. Esse aspecto sugere que, na linguagem oral, as formas verbais operam como uma macrofunção discursiva num nível além da sentença, permitindo aos falantes organizar a mensagem de forma diferenciada. O mesmo acontece com o uso da voz passiva, que tem menor ocorrência na linguagem oral, pois ela está, na maioria das vezes, orientada para as ações, pensamentos e posturas dos falantes, de

forma que o sujeito oracional, no caso, o falante, seja geralmente aquele presente em tempo e espaço.

A sexta característica dos textos orais se refere ao uso da modalidade que tradicionalmente foi estudada a partir dos verbos modais do inglês (*may, should, can, must, will*). Tais recursos denotam escalas de verdade da realidade, como os conteúdos de atitudes e julgamentos dos falantes. A produção de significados desses recursos pode variar dentro de uma escala de “sim, sempre” a “não, nunca”, ou então “sim, todos” e “não, ninguém” (HALLIDAY, 1985). Para além dos verbos modais, um grande número de léxicos carrega sentidos de modalidade, tais como adjetivos, substantivos e advérbios. O uso da modalidade é abundante na linguagem oral, fato condizente com a marcante característica de troca interpessoal da fala, e mais especialmente numa situação de conversação. Thornbury e Slade (2010) propõem uma classificação da modalidade nos textos orais em: 1) modalidade extrínseca – julgamentos de probabilidade (preditabilidade, segurança e possibilidade teórica) do falante sobre um evento do passado, presente ou futuro. Exemplo: “Ela não tem ideia do que pode acontecer (pode = possibilidade)”; e 2) modalidade intrínseca – julgamentos de deserabilidade, necessidade ou permissividade num evento que está acontecendo. Exemplo: “Eu disse que ela pode ir no sábado (pode = permissão)”.

No próximo capítulo, descreveremos os passos metodológicos utilizados para a organização da análise dos dados e, posteriormente, passaremos à análise propriamente dita.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

Esta pesquisa se configura como qualitativa, e o instrumento utilizado para a coleta de dados foi o grupo focal, que consiste em uma entrevista de grupo, não no sentido de alternância entre as perguntas do pesquisador e as respostas dos participantes da pesquisa, mas no sentido de discussão de um ou vários temas. Morgan (1997) comenta que o grupo focal é o uso explícito da interação para produzir dados e *insights* coletivos, expandindo assim técnicas de coleta para além do sistema um a um, como por exemplo numa situação de entrevista. A escolha desse método para a coleta de dados se deu a partir da composição ideal de um tipo de ambiente no qual os participantes podem expressar livremente suas representações, falando de experiências próprias e revelando a diversidade social. Outro ponto importante a ser destacado é que os dados gerados por esse método se apresentam próximos ao gênero textual *conversação*, que pode ser considerado o uso mais frequente da linguagem oral, como explicitado no item 2.5

O tópico de discussão escolhido para ser explorado nesta pesquisa foi a experiência relacional doméstica dos participantes, ou seja, suas relações familiares e, mais especificamente, com suas (ex)companheiras, namoradas e afins. A proposta era que o grupo focal fosse organizado de forma pouco estrutural³² e que os facilitadores extraíssem as representações de mundo, as opiniões e posicionamentos avaliativos dos participantes, ou seja, manejassem o grupo de forma reflexiva, provocando discussões sobre suas práticas sociais.

O grupo focal foi realizado em um grupo que já estava constituído e que faz parte de um programa de intervenção com homens que exercem violência, gerenciado pelo Instituto Albam³³. Para recolher os dados, foram marcados três encontros, com um planejamento mínimo, que consistiu no seguinte esquema:

- No primeiro dia, provocar discussões sobre a experiência de estar naquele programa de grupo.
- No segundo dia, assistir a um vídeo e inaugurar uma discussão sobre as relações de gênero.

³² Não havia perguntas estruturadas *a priori*, e os facilitadores do grupo têm experiência profissional para formular perguntas que evoquem a conversa e engajem os participantes no processo de grupo.

³³ Mais adiante, as condições de composição e manutenção deste programa serão tematizados.

- No terceiro dia, provocar discussões sobre a socialização masculina.

A pesquisadora manejou o processo grupal enquanto coordenadora, juntamente com outro profissional psicólogo, do sexo masculino. A coordenação em dupla (uma mulher e um homem) faz parte da metodologia do programa em questão, pelo qual foram realizados os três encontros de grupo focal para os efeitos desta pesquisa.

3.1 O Cenário e os Sujeitos de Pesquisa

A coleta de dados aconteceu no Instituto Mineiro de Saúde Mental e Social – Instituto Albam, instituição da qual a pesquisadora é sócia fundadora. Desde 2005, o citado instituto desenvolve trabalhos de intervenção junto a homens que exercem violência contra mulheres e, no contexto desta pesquisa, os dados foram coletados em um grupo composto por homens que incorreram em crimes tipificados na Lei Maria da Penha (Lei n. 10.140/06), que vigora no Brasil desde agosto de 2006.

Os dados foram coletados no período de outubro a novembro de 2009 e, nessa ocasião, o programa de intervenção com homens estava sob financiamento da Secretaria Estadual de Desenvolvimento Social (SEDESE-MG), através da Coordenadoria de Políticas Públicas para Mulheres de Minas Gerais (CEPAM-MG), tinha como parceira a Promotoria de Justiça de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher de Belo Horizonte (PJVDM) e, como entidade executora, o Instituto Albam.

O grupo foi composto, portanto, por participantes homens, que vieram por meio de encaminhamento judicial de acordo com a Lei Maria da Penha. Após o encaminhamento, os homens foram incluídos no processo de grupo, que é coordenado por profissionais de psicologia com formação na perspectiva psicossocial e com experiência em manejo de grupos. O programa é organizado com 16 encontros, e os membros podem faltar no máximo duas vezes, sendo que duas faltas consecutivas e não justificadas indicam o não comprometimento com o processo e, por isso, nesses casos, ocorre o desligamento automático do programa. Quando isso acontece, um relatório é enviado para que se tomem outras providências, avaliando caso a caso.

Os encontros do programa de grupo acontecem semanalmente e têm duas horas de duração. Os membros não podem participar se estiverem alcoolizados e sob efeito de outras drogas. O uso do celular é restrito, e somente em casos de emergência o aparelho pode ser utilizado, desde que previamente comunicado e articulado com o grupo.

O perfil dos sujeitos de pesquisa é bastante variado. O grupo objeto de investigação era composto por oito homens adultos entre 33 e 53 anos de idade, de classe média e média alta, ocupação variada (um mestre de obras, três autônomos do setor de serviços, um advogado, um enfermeiro, um motorista e um aposentado) e nível de escolaridade do ensino médio ao superior.

Segundo pesquisas de perfil do Instituto Albam (PAULA *et al.*, 2008), os participantes desse programa partilham das seguintes características: 1) Faixa etária – 31 a 40 anos (35%), 41 a 50 anos (31%), 18 a 25 anos (19%), 51 a 60 anos (9%); 2) Cor de pele declarada – Parda ou morena (57%), negra ou preta (9%), branca ou clara (6%), sendo que 28% dos participantes não responderam ao item; 3) Zona de residência – Urbana (capital e região metropolitana); 4) Escolaridade – Ensino fundamental (completo, 6%, e incompleto, 44%), ensino médio (completo, 25%, e incompleto, 13%), ensino superior (completo, 6%, e incompleto, 3%), analfabeto (3%); 5) Renda mensal (em salários-mínimos – SM) – até 1 SM (9%), 1 a 2 SM (35%), 2 a 3 SM (26%), 3 a 5 SM (20%), mais de 5 SM (4%), não possuem renda (6%).

3.2 Metodologia de Coleta e Transcrição dos Dados de Pesquisa

Os dados foram coletados através da gravação audiovisual de três encontros focais. O convite para participar da pesquisa foi feito pela pesquisadora, que explicou os propósitos e procedimentos, ou seja, gravar três encontros daquele grupo. Com a concordância dos participantes, foi agendada para a semana seguinte a apresentação e discussão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nesse momento, cada membro do grupo recebeu duas cópias impressas, de mesmo teor, do Termo de Consentimento e, após a leitura oral feita pela pesquisadora, eles tiveram a oportunidade de sanar dúvidas sobre ele. As duas cópias foram assinadas, uma das quais foi devolvida à pesquisadora, e a outra ficou com os participantes. Após esse procedimento, a gravação do grupo foi agendada para a semana seguinte.

Nos dias de gravação, os participantes compareceram à sala de grupo com as câmeras de vídeo instaladas, conforme a FIG. 5. À esquerda da sala, uma câmera foi posicionada num tripé, perto da porta. À direita, a outra câmera foi posicionada em cima de uma mesa, perto da janela. As linhas pontilhadas mostram o alcance da imagem de cada uma das câmeras. Nos momentos iniciais do grupo, as câmeras foram ligadas pela pesquisadora e a interação transcorreu normalmente. Ao final do grupo, após a saída de todos os participantes, as

câmeras foram desligadas. Não houve interferência de nenhum profissional técnico audiovisual no grupo, e a própria pesquisadora manejou os equipamentos instalados.

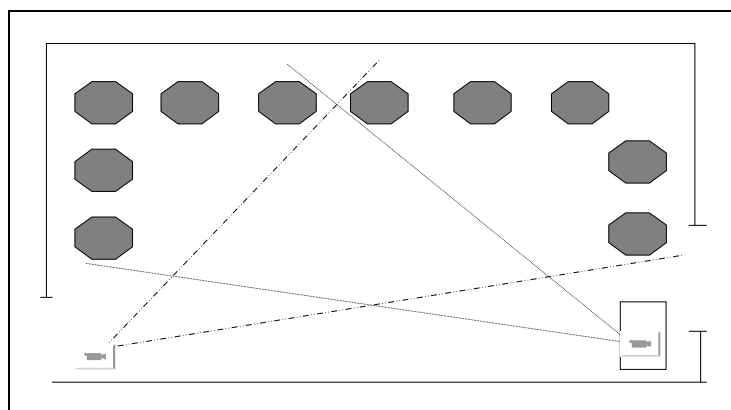


FIGURA 5 – Configuração da sala de grupo e disposição das câmeras para gravação

Após a gravação de três encontros consecutivos, a pesquisadora recorreu a um profissional especialista em edição de imagens, que compilou os vídeos, posicionando lado a lado as imagens capturadas por cada uma das câmeras. Tal procedimento de montagem permitiu que os dados fossem visualizados em sua completude, pois possibilitou ver e ouvir instantaneamente o que aconteceu dentro do grupo a partir das imagens/sons captados por diferentes câmeras. Após a edição, a pesquisadora assistiu aos vídeos, juntamente com a orientadora desta pesquisa, e decidiu-se que a primeira gravação (o primeiro encontro filmado) não seria analisado, visto que os integrantes agiam de forma artificial, o que poderia comprometer as análises. O total de dados disponíveis para a pesquisa foi, portanto, de quatro horas de gravação.

Após esses procedimentos, os dados audiovisuais foram transferidos para um programa computacional denominado ELAN. Trata-se de um anotador de vídeo disponível gratuitamente através do site <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/> e que foi desenvolvido pelo grupo técnico da Max Planck Institut for Psycholinguistics. Com tal programa, foi possível assistir aos vídeos e fazer anotações precisas dos recursos multimodais utilizados pelos sujeitos de pesquisa. Apesar de o ELAN prover muitos recursos digitais de anotação e, além disto, o grupo responsável por sua edição disponibilizar frequentemente versões atualizadas, que expandem as possibilidades dos pesquisadores, tal ferramenta foi utilizada nesta pesquisa somente para assistir aos dados, transcrevê-los e decidir os recortes a serem analisados, como será explicitado no próximo item.

O material audiovisual da pesquisa não será disponibilizado, segundo recomendações do Comitê de Ética de Pesquisa da UFMG e atendendo a pedidos dos sujeitos de pesquisa. Tal fato constitui um cuidado para a preservação da identidade desses sujeitos. Na discussão dos dados da pesquisa mostraremos algumas fotos impressas, mas sem identificação dos sujeitos.

As convenções de transcrição da fala tomou como base aquelas aplicadas por Eggins & Slade (1997), com algumas pequenas alterações. No Apêndice A, os códigos de transcrição dos dados estão explicitados. A transcrição da oralidade buscou ser fidedigna aos dados, registrando-se as hesitações, os falsos começos, as vocalizações não verbais (hummm, iiiiiiiii etc.), as pausas acima de dois segundos e os aspectos mais marcantes de prosódia, principalmente a ênfase e/ou maciez expressa de forma marcante nas palavras. Tais marcações foram consideradas importantes para o propósito da pesquisa, pois, a partir de uma perspectiva sócio-semiótica, os potenciais de significação de um Modo, neste caso, o Modo fala, produzem sentidos a partir de suas diferentes possibilidades de ações latentes e/ou de origem (*affordances*). Por isso, as marcações de transcrição expostas são importantes para os propósitos desta pesquisa, que pretende investigar as formas de interação dos sujeitos a partir de uma perspectiva multimodal.

Por outro lado, a transcrição dos outros Recursos Semióticos encenados pelos sujeitos de pesquisa também foram anotados, buscando-se registrar os mais significativos na interação. Sinais gestuais de endereçamento (olhar, apontar os dedos etc.), sinais de canal de resposta (balançar a cabeça, concordando ou discordando, desvio do olhar no momento de endereçamento etc.) e sinais corporais diversos (movimentos, posturas, posições, contato corporal etc.) foram transcritos, buscando-se delinear como eles produzem significados no contexto espaço-visual da interação³⁴. Nem sempre os gestos e posturas corporais transcritos referem-se a significados únicos e/ou automáticos contidos neles mesmos, como é o caso, por exemplo, de cruzar e descruzar os braços e as pernas. Tais posturas e movimentos podem indicar sentidos tais como impaciência, se forem encenados em grande quantidade, com pouco espaço de tempo e através de formas bruscas, assim como podem indicar suavidade e até mesmo busca de afiliação e concordância, se forem encadeados e suaves, acontecendo no contínuo da interação, de forma a propiciar conforto e segurança. Assim, a transcrição de gestos e posturas corporais não tem o objetivo de montar um inventário gestual utilizado pelos sujeitos de pesquisa, mas verificar como eles produzem significados na interação do grupo objeto desta investigação.

³⁴ As expressões faciais foram excluídas da transcrição, porque, devido à distância da câmera de vídeo, não foi possível captar com clareza sua dinâmica e, portanto, a produção de significado proveniente delas.

3.3 Metodologia de Análise dos Dados

3.3.1 Os critérios para instituir os recortes da análise

Os dados totais analisáveis da pesquisa (quatro horas de gravação audiovisual) foram separados, para efeito de análise, em recortes que variam entre 2 e 5 minutos, para facilitar o exame dos dados. Tais recortes surgiram por meio da observação exaustiva do *corpus* da pesquisa e da identificação da recorrência de alguns padrões conversacionais mais frequentes, tais como:

- 1) avaliações de tipo atitude³⁵ sobre si mesmos, sobre os outros e sobre o mundo;
- 2) humor de tipos variados (provocações, comentários irônicos, piadas);
- 3) narrativas pessoais (o falante frente a experiências problemáticas) e;
- 4) recontagem de eventos (o falante não está necessariamente envolvido na cena que conta, nem ela tem relação com um problema a ser resolvido).

Uma vez identificados os padrões conversacionais mais frequentes no *corpus* de pesquisa, passou-se à observação de que eles se agrupavam de diferentes maneiras, de acordo com as escolhas dos sujeitos de pesquisa, dando origem ao que denominamos *formatos interativos*. Os formatos interativos se constituem em momentos de produção de significados sobre alguma coisa – ou várias coisas encadeadas –, frequentemente organizados por meio de um debate/conversa sobre um tópico, assunto ou problema. Esses momentos de produção de significados podem conter um ou mais padrões conversacionais e podem também ter a predominância de um padrão conversacional, como por exemplo o humor. Na introdução do capítulo 4, vamos descrever os formatos interativos encontrados nesta pesquisa, com seus respectivos padrões conversacionais.

3.3.2 Os critérios da micro e da macroanálise dos dados

Após a divisão do *corpus* em cinco recortes, passamos à marcação do mesmo, ou seja, à transcrição dos dados, conforme descrito no item 3.2, separando as falas dos participantes em turnos sequencialmente numerados. O texto oral foi separado em orações para facilitar a análise, de acordo com os critérios da GSF. Aos participantes do grupo, instituímos nomes

³⁵ Esta categoria se refere às marcações atitudinais do sistema de avaliabilidade, conforme descrito no capítulo 2, ou seja, expressões de julgamentos, apreciações e afetos.

fictícios, a fim de preservar suas identidades, mas conservou-se o nome original dos facilitadores, já que um componente da dupla (no caso, a mulher) figura aqui como pesquisadora, e o outro profissional psicólogo deu seu consentimento expresso para tal.

Os recortes foram microanaliticamente organizados a partir dos parâmetros da GSF, privilegiando a análise textual das metafunções ideacional e interpessoal. A microanálise da metafunção ideacional foi feita através da marcação e classificação dos Processos no contexto oracional. Como é comum em um *corpus* oral, muitas vezes os Processos estavam elípticos, mas poderiam ser recuperados pelo contexto e, em outros casos, não foi possível recuperar o Processo do contexto. Nos casos em que os Processos puderam ser recuperados pelo contexto, eles foram escritos e marcados com chaves ({ }), demonstrando sua ocorrência elíptica. Nos casos em que esse procedimento não foi possível, as orações não foram submetidas à análise de transitividade. A análise de transitividade será utilizada para investigar as formas de representação utilizadas pelos sujeitos de pesquisa.

A microanálise da metafunção interpessoal foi feita a partir da marcação e classificação dos itens lexicais atitudinais do sistema de avaliatividade. Ela será utilizada, principalmente, para investigar como os sujeitos avaliam a si mesmos, os outros e o mundo a sua volta. Os Recursos Semióticos diversos da fala foram analisados a partir de seu potencial de significado latente e de como eles tomam sentido na interação, seguindo a proposta de orquestração de significados que foi explicitada no capítulo 2.

A macroanálise dos dados parte da perspectiva sócio-semiótica, que pretende examinar a produção de significados a partir de suas origens, funções, contextos e efeitos. Para tal, investigaremos como são encenadas e negociadas as dinâmicas de poder e os posicionamentos ideológicos expressos na interação em grupo, tematizando, sobretudo, as configurações vinculares e os jogos de posicionamentos, como anteriormente discutido, nos capítulos 1 e 2.

CAPÍTULO 4

RESULTADO E DISCUSSÃO

Neste capítulo, passamos à discussão dos dados da pesquisa que deu origem a cinco recortes, conforme descrito no capítulo 3, item 3.3.1 Como discutido nos capítulos anteriores, a discussão se guiará pela perspectiva multimodal, encargo que supõe considerar o que acontece dentro de um grupo como uma espécie de microcosmo, ou seja, considerar as formas rizomáticas que cada palavra, gesto, postura e expressão produzem de forma conjunta e/ou separadamente dentro do contexto sociocultural e de situação dessa interação, contexto esse marcado por relações de poder e posicionamentos ideológicos. Assim, dentro de uma concepção heterogênea e baseada na construção de significados produzidos pelos sujeitos de pesquisa, temos o objetivo de analisar a cadeia semiótica construída dentro do grupo para que responder às perguntas de pesquisa, quais sejam: as escolhas de representação dos sujeitos de pesquisa sobre o mundo a sua volta; suas avaliações (julgamentos, apreciações e afetos) sobre si mesmos, os outros e as coisas; e as dinâmicas de poder e posicionamentos ideológicos provenientes das produções de significados construídas por eles.

Para tal, os recortes feitos no *corpus* de pesquisa, denominados aqui como *formatos interativos*, serão analisados separadamente, para que, ao final, seja possível agrupá-los de forma a compor uma visão geral da interação no grupo que foi alvo da investigação. Conforme já foi explicitado no capítulo 3, os recortes foram feitos após a constatação de que havia determinados padrões conversacionais que se repetiam ao longo dos encontros do grupo filmado. Cada um dos cinco tipos diferentes de recorte levará um título, fazendo referência a uma frase proferida por algum participante durante as gravações. Esses títulos-frases foram escolhidos considerando os pontos altos da interação, ou seja, o momento em que um significado aparece repentinamente, subvertendo uma lógica de discussão, em outros momentos, quando se revela como um núcleo integrador de um tema debatido naquele contexto, ou até mesmo quando aparece mudando os rumos da produção de significados construída até então.

Como explicitado no item 3.3.2 do capítulo de metodologia, a forma da análise, bem como a sequência em que ela se deu seguem os critérios micro e macroanalíticos. A microanálise dos dados verbais, ou seja, a análise baseada na Gramática Sistêmico-Funcional com o mapeamento das metafunções ideacional – através do sistema de transitividade – e da

metafunção interpessoal – através do sistema de avaliabilidade – se encontra pormenorizada nos apêndices e está sinalizada no texto. A microanálise visual (gestos, posições, movimentos) está registrada no corpo do texto e nos Apêndices. Equivalentes aos andaimes de uma construção, esses dados são a base da análise semiótica que será desenvolvida em cada item que se segue neste capítulo.

A macroanálise, ou a análise crítica de produção de significado, considerando as relações de poder e os posicionamentos ideológicos a que se referem, será baseada na teoria de gênero e nos estudos sobre masculinidade. Para além desses critérios linguísticos/multimodais de análise do *corpus*, os dados estão apresentados cronologicamente, ou seja, na sequência em que aconteceram no fluxo temporal do grupo.

Os cinco formatos interativos identificados nesta pesquisa estão sinalizados a seguir, com suas respectivas composições de padrões conversacionais, conforme descrito no item 3.3.1. Para melhor orientação do leitor e buscando dar uma visão geral dos formatos interativos que serão discutidos aqui, o Quadro 2, abaixo, dispõe o nome dos recortes (proveniente de uma fala dos participantes) e as principais características encontradas em cada um.

Nomes dos recortes do <i>corpus</i> de pesquisa	Formatos interativos e seus padrões conversacionais
“Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono”	Conversação com uso de humor <ul style="list-style-type: none"> • humor como forma de desafio • narrativa pessoal
“Uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente”	Conversação com alto nível de disputa de turnos <ul style="list-style-type: none"> • avaliações sobre si mesmos, as mulheres e a violência • recontagem de eventos
“Fala pra ele procurar a lei Mário da Penha”	Recontagem de eventos <ul style="list-style-type: none"> • avaliações sobre a relação violenta
“Não adianta eu dizer que eu não sou culpado”	Relato pessoal <ul style="list-style-type: none"> • narrativa • avaliações do grupo sobre a narrativa
“Pra ser homem tem que beber”	Relatos pessoais indiretos <ul style="list-style-type: none"> • narrativas em terceira pessoa • recontagem de evento

QUADRO 2 – Padrões conversacionais e formatos interativos encontrados nos recortes do *corpus* de pesquisa

Passamos agora a prover mais informações sobre o contexto em que os dados foram coletados, descrevendo a sala de grupo, para, posteriormente, passar à discussão propriamente dita.

4.1 A semiótica da sala de grupo

Uma vez que o vídeo com os dados da pesquisa não pôde ser disponibilizado, pelas razões expostas no item 3.2, e com o objetivo de prover uma imagem geral sobre o texto ambiente, compreendendo aqui a sala do grupo e sua semiótica, ou seja, a forma como os participantes estão distribuídos, como estão sentados, como se movimentam e quais significados tal configuração produz, passamos agora à sua descrição.

Em relação à parte estática do texto ambiente, ou seja, a sala de grupo, ela mede aproximadamente 9 metros quadrados, com paredes lisas, porta e janela de médio porte e cadeiras estofadas e sem braço, dispostas em círculo. A sala fica próxima a um banheiro, a duas outras salas de grupo e à sala de recepção da sede do Instituto Albam. Os participantes chegam pela recepção, que fica com a porta aberta meia hora antes do início dos encontros, e, geralmente, entram, sentam-se na sala de grupo e iniciam conversas com os colegas, até que a coordenação de grupo entre na sala e inicie formalmente o encontro. Os participantes têm livre acesso a todo o espaço da instituição, durante todo o tempo em que se encontrem lá. Na sala de grupo, as portas ficam abertas durante o momento de realização da reunião e eles podem sair para ir ao banheiro e tomar água quando sentirem necessidade, mas não podem atender o celular ou, se for preciso, devem fazê-lo somente em casos de urgência. Essas regras de convivência são negociadas com os participantes assim que eles ingressam no programa de grupo.

A facilidade de mobilidade e acessibilidade ao espaço físico pode ser interpretada, de acordo com a categoria Controle/Liberdade proposta por Ravelli (2008), como propiciadora de liberdade e facilitadora da interação. Conforme já explicitado, no caso do ambiente em que este grupo foi realizado, trata-se de um espaço em que os participantes têm boa mobilidade e, por isso, pode ser interpretado como espaço continente, de amparo, estabilidade e apoio. Esse fato é importante, pois, no contexto de grupo, procura-se organizar um espaço de segurança, em que os membros possam estar com sentimentos de confiança e criar vínculos positivos com o processo grupal. Assim, mesmo com as regras de convivência descritas, que podem ser

consideradas restritivas, os participantes têm autonomia de ir e vir no espaço da instituição, tendo como parâmetro o bom funcionamento do processo.

Passaremos agora à discussão dos resultados propriamente dito.

4.2 Discussão dos dados

4.2.1 Análise 1 – Negociando similaridades por meio do humor: “Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono”

Esta interação ocorreu nos momentos iniciais da reunião do grupo³⁶ e foi registrada enquanto a coordenadora ligava a câmera para coletar os dados da pesquisa. No início dos encontros, é comum os participantes estarem dispersos, com conversas paralelas, fato que ocorre até o turno 4 e, após algum tempo, eles assumem uma postura atenta à dinâmica do grupo. O coordenador, no turno 5, pergunta ao grupo como eles estão e, após este momento, se inicia uma interação mais articulada entre os coordenadores e um membro do grupo, como se pode perceber a seguir, no Quadro 3. No Apêndice B, a microanálise dos dados com a classificação de Processos e itens lexicais avaliativos deste recorte, bem como a marcação de movimentos corporais.

Turno	Falante	Texto separado em orações
1	Pascoal	(Enquanto a coordenadora ligava a câmera) (i) Ô Cláudia, você tá falando (ii) que eu não sirvo nem pra Papai Noel [descruza os braços e cruza as pernas] [[coordenadora estava de costas para o grupo]]
2	Coordenadora	(i) Não... serve, ué. (ii) Tô falando que serve, ué. (iii) Num tô, num tô...
3	Pascoal	(i) Tá de gozação comigo, Cláudia [descruza os braços] [[José, Augusto e Sérgio têm conversa paralela inaudível]]
4	Coordenadora	(i) Tô falando que serve, ué. [sorrindo] (coordenadora sai da sala e, em seguida, o coordenador entra)
5	Coordenador	(i) E aí? (ii) Como estão?
6	Ricardo	(i) Normal. [olha para colegas do grupo e sorri enquanto se ajeita na cadeira]
7	Coordenador	(i) Normal... [3 seg] [representando a fala de Ricardo e manipulando as listas de presença] [[Sérgio, Augusto e Miguel se ajeitam nas cadeiras. José passa mão pelo rosto. Miguel coça as costas]]. (ii) Ricardo veio. (iii) Sérgio veio. (iv) Elias não veio (v) e não virá. (vi) Pascoal... (vii) Finalmente, Pascoal. [[Pascoal sorri]] (viii) Fiquei até com saudade de você, Pascoal.
8	Pascoal	(i) Ficou com saudade? (ii) Que bom, que bom. [abre os braços esticando-os para a frente] (coordenadora entra na sala).

³⁶ O recorte de análise pertence ao segundo dia de gravação dos dados da pesquisa.

9	Coordenador	(i) Pois é. (ii) Olha só que beleza.
10	Pascoal	(i) A Cláudia não tá com saudade nenhuma não, (ii) porque semana passada ela me mandou embora ³⁷ . [estica mão direita para a frente em direção à coordenadora e depois cruza braços e pernas ficando nesta posição até o turno 30].
11	Coordenadora	(i) Mas porque que eu te mandei embora?
12	Pascoal	(i) Ah fico com vergonha de falar. (ii) Deixa ficar quieto.
13	Coordenadora	(i) Ah, você tinha que ter ficado com vergonha de fazer [sorrindo] [[grupo ri]] (ii) e não de falar.
14	Pascoal	(i) Me mandou embora sem direito a nada... sem direito a nada. (ii) Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono. [representando uma fala supostamente da coordenadora]
15	Coordenadora	(i) Foi assim que eu falei com você? [[grupo ri]]
16	Pascoal	(i) Não. (ii) Foi com educação. (iii) Me deu a mão. (iv) Eu lembro de tudo.
17	Coordenadora	(i) Você lembra do quê?
18	Pascoal	(i) Eu lembro (ii) que eu falei assim: (iii) então me dá um abraço que eu vou embora. [representando a própria fala] (iv) Ai você falou: (v) então tá bom. (vi) Eu te dou um abraço (vii) e você vai embora. [v a vii representando fala da coordenadora] (viii) Ai eu dei um abraço (ix) e fui embora.
19	Coordenadora	(i) Não foi?
20	Pascoal	(i) Foi. (ii) Foi com educação.
21	Coordenadora	(i) Você foi muito bem tratado, não foi?
22	Pascoal	(i) Fui muito bem tratado. (ii) Obrigado viu?
23	Coordenadora	(i) Por que você ficou falando então (ii) que eu te mandei embora: (iii) vai embora cachorro... [representando a fala de Pascoal]
24	Pascoal	(i) Eu tô brincando, (ii) tô brincando, (iii) tô brincando. (iv) De bobeira. (v) Você me tratou muito bem.
25	Coordenador	(i) Alguém te fala assim? (ii) Alguém fala com você assim?
26	Pascoal	(i) A mãe da minha filha fala. (ii) A que me indicou todo neste lugar.
27	Coordenadora	(i) Tá vendo?
28	Pascoal	(i) Fala assim comigo.
29	Coordenadora	(i) Agora você imagina... (ii) todo dia você tá desse jeito... (iii) é complicado, né?
30	Pascoal	(i) Se eu pedir ela um abraço (ii) ela bate em mim.

QUADRO 3 – Transcrição da interação – análise 1

De forma geral, neste recorte do *corpus*, verificamos dois momentos: um mais interativo e outro narrativo. Em ambos, Cláudia e Pascoal figuram como Participantes na maioria das ações. Há vários Processos Verbais (12 ocorrências num total de 60 = 12/60) do tipo *falar* que são escolhidos pela coordenadora e por Pascoal (fala comigo, fala assim, você falou, estou falando). Os Processos Verbais são importantes nesse recorte de análise, pois exercem a função de construir a experiência relacional entre Pascoal e a coordenadora, em um primeiro momento, e, posteriormente, funcionam construindo a experiência relacional entre Pascoal e sua ex-companheira, como será salientado mais à frente. Halliday (2004, p. 255) salienta que os Processos Verbais do tipo *falar* têm características equivalentes aos imperativos, exercendo a função de comandar, como vimos nos exemplos citados. A maior quantidade, no entanto, é de Processos Materiais (28/60), que constroem a narrativa de

³⁷ Pascoal se refere à semana anterior, em que ele chegou alcoolizado e, por isso, foi impedido de participar do grupo. Ele é alcoolista e, desde o início dos trabalhos, sabia da regra do grupo de que os participantes não poderiam comparecer sob efeito de álcool ou de qualquer outra droga.

Pascoal (fui embora, mandou embora, dei um abraço, pedir um abraço, estar brincando). Os Processos Materiais têm aqui a função de construir os eventos narrativos tanto no presente quanto no passado. Os Processos Relacionais (16/60) funcionam aqui relacionados com afetos, apreciações e julgamentos.

A interação se inicia com um rápido diálogo entre a coordenadora e Pascoal, em que o segundo lança um desafio para a primeira avaliá-lo utilizando a estratégia do humor, ou seja, ele afirma, em tom de brincadeira, que ela disse que ele “não serve nem para Papai Noel”. Este comentário com conteúdo cultural desfavorável e em tom de brincadeira é negado pela coordenadora também com humor, pois ela sorri e dá respostas evasivas, sem conteúdos explicativos, mantendo somente o fluxo da conversa. O uso do humor é muito frequente nas interações face a face e, no *corpus* desta pesquisa, ele aparecerá em vários momentos, especialmente no recorte em questão. Segundo Eggins e Slade (1997), além do humor, o uso de vocativos – e suas formas genéricas e/ou específicas de endereçamento –, o uso de termos técnicos – com diferentes graus de especificação e/ou de reconhecimento imediato pelo senso comum – e o uso de gírias e/ou expressões formulaicas – que só podem ser entendidas a partir de conhecimentos e realidades compartilhadas – são “importantes recursos interpessoais disponíveis para os interactantes na conversa casual” (EGGINS e SLADE, 1997, p. 155), denotando maior ou menor grau de intimidade, envolvimento e afiliação, como veremos nas análises a seguir.

Nesta interação, Pascoal usa o nome da coordenadora, ou seja, escolhe um vocativo que a endereça diretamente e, por consequência, obriga o endereçado a assumir o próximo turno da conversa. Em seguida, ele usa um grupo nominal – Papai Noel – em “você tá falando que eu não sirvo nem pra Papai Noel”, e essa expressão formulaica só pode ser reconhecida por uma comunidade específica, por se tratar de uma gíria que assume significado negativo em um contexto sociocultural e de situação específicos. Em termos de potencial de significado de origem ou latente (*affordance*)³⁸, se uma pessoa profere essa expressão formulaica significa que desvaloriza a outra, pois ser (ou vestir-se de) Papai Noel e distrair crianças, seja em uma situação doméstica, ou mesmo como fonte de trabalho, é tarefa considerada banal, que não exige muitas habilidades. Assim, as duas formas de interação que Pascoal usa – o emprego do vocativo e a expressão formulaica – são recursos interpessoais representativos de busca de intimidade e de afiliação numa interação, e neste caso, em tom de desafio que deverá ser negado ou aceito.

³⁸ *Affordance* é um termo técnico da Semiótica Social que se refere às possibilidades de ações latentes dos Modos ou, como explica Kress (2010, p. 79), “a pista da função do objeto”.

Em termos de posturas corporais, o diálogo inicial acontece com a coordenadora de costas, ligando a câmera de vídeo, enquanto Pascoal cruza e descruza braços e pernas. De forma isolada, a produção de significados dessas posturas pode indicar, por parte da coordenadora, distanciamento e não envolvimento, já que não há contato direto pelo olhar e seu corpo encontra-se voltado para a câmera; e, por parte de Pascoal, certa inquietude e/ou busca de ajuste corporal na cadeira por causa de algum incômodo físico, ou proveniente de mal-estar numa situação inconveniente. No entanto, quando analisadas juntamente com os outros significados interpessoais da interação, os sentidos de não implicação (coordenadora) e desassossego das posturas corporais (Pascoal) são minimizados e não adquirem configurações negativas por causa das estratégias de endereçamento direto, uso de gíria e de humor na interação, ou seja, formas de intimidade e envolvimento usadas de forma acoplada.

Outras formas de busca de intimidade e cumplicidade com o grupo aparecem logo a seguir, quando, no turno 6, Ricardo se ajeita na cadeira e olha sorrindo para os colegas enquanto responde a uma pergunta do coordenador. Com tais posturas corporais e endereçamento pelo olhar, ele produz significado de busca de afiliação e conformidade com o grupo, provavelmente na tentativa de construir um ambiente de cumplicidade e aceitação por parte dos colegas. Nos diálogos que se seguem (turnos 7 a 9), o coordenador e Pascoal trocam afetos positivos de felicidade – categoria atitudinal de afeto – com a escolha do item lexical *saudade* para representar o sentimento de falta advindo da ausência de Pascoal no encontro passado. Essa parte da interação vem acompanhada de sorrisos e de gestos de receptividade, especialmente quando Pascoal estica os braços para a frente, como no turno 8, em sinal de acolhimento ao que o coordenador dizia a ele, como se fosse dar um abraço. Juntamente com os afetos (sublinhados no excerto abaixo), constata-se também o uso de apreciações positivas de tipo *reação* (em negrito no excerto abaixo).

- 7 Coordenador (vii) **Finalmente** {você veio} Pascoal. [[Pascoal sorri]] (viii) Fiquei até com saudade de você, Pascoal.
- 8 Pascoal (i) Ficou com saudade? (ii) **Que bom, que bom**. [abre os braços esticando-os para a frente] (coordenadora entra na sala).
- 9 Coordenador (i) Pois é. (ii) Olha só **que beleza**.

Logo que a coordenadora entra na sala, Pascoal lança outro desafio, afirmando que ela não sentiu saudade, “porque semana passada ela me mandou embora” (ii, turno 10). Essa afirmação, endereçada para o coordenador, com quem o participante trocava afetos e

apreciações positivas, é uma forma de comunicação indireta com a coordenadora, pois ela é o destinatário da mensagem que, equivalente ao que ocorreu no turno 1, foi feita em tom de desafio e com humor. O que chama a atenção aqui, além da observação acima, é a forma corporal que, após esse momento, Pascoal assume: cruza braços e pernas numa atitude ensimesmada, permanecendo assim até o fim da interação.

No contexto de introversão sugerido pela postura corporal de Pascoal demonstrado na FIG. 6, este participante escolhe representar sua emoção através do afeto negativo de insegurança *vergonha* (turno 12), referindo-se ao motivo pelo qual a coordenadora o mandou embora na semana passada, ou seja, porque ele estava alcoolizado. Pascoal recebe uma resposta em tom de humor da coordenadora, que afirma, sorrindo: “Ah, você tinha que ter ficado com vergonha de fazer e não de falar”. O grupo ri e realça o tom descontraído vivido na interação.



FIGURA 6 – Postura corporal com braços e pernas cruzados

No Quadro 4, a seguir, sintetizamos os Modos Semióticos que compõem o *design* da interação e a produção de significados que eles geram até o momento, ou seja, a orquestração de significados, como já comentado no capítulo 2.

Modos Semióticos	Orquestração de Significados
<ul style="list-style-type: none"> - Riso coletivo e troca de sorrisos entre os falantes; - gesto de cruzar e descruzar pernas; - gesto de receptividade com os braços esticados para a frente (forma de abraço); - olhar de endereçamento para colegas, buscando afiliação; - uso de vocativos; - uso de expressão formulaica; - uso de itens lexicais avaliativos: afeto de felicidade e insegurança, e apreciações positivas de tipo reação. 	<p>Produção de significado de humor acoplado com tom de desafio e troca de afetos e apreciações positivos e negativos.</p>

QUADRO 4 – Modos Semióticos e Orquestração de Significados – análise 1

Logo após este momento, chegamos ao ponto alto desta interação, quando Pascoal, no turno 14, afirma “Me mandou embora sem direito a nada... sem direito a nada. Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono”. Construída com dois Processos Materiais (“mandar embora”, “vai embora”) que têm correspondência com eventos e ações concretas, com repetições (“sem direito a nada” por duas vezes) e com a voz, supostamente, da coordenadora, Pascoal escolhe representar o fato ocorrido na semana anterior de forma curiosa. Proferindo uma avaliação de tipo julgamento de estima social negativo (“seu cachorro excomungado sem dono”), ele escolhe um grupo nominal que consiste num xingamento com conteúdo violento. É importante notar que, em termos de configurações vinculares, o grupo tinha clima amistoso, e a avaliação de tipo julgamento que Pascoal profere subverte o contexto e posiciona a coordenadora como violenta, como sua oponente. Nesse momento de tensão, o grupo ri, e logo Pascoal procura explicar a cena irreal que ele tinha construído sobre sua interação com a coordenadora, dizendo que estava de brincadeira.

Ainda quando examinamos as orações do turno 14 – “Me mandou embora sem direito a nada... sem direito a nada. Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono” –, verificamos que ela guarda um potencial de significado latente, com frases comumente proferidas no contexto de rompimento das relações amorosas ou de casamento e, nesse caso, especialmente a primeira oração. Um pouco mais à frente voltaremos a esse ponto.

Dos turnos 16 ao 24, Pascoal retifica a cena irreal narrada por ele, avaliando, com julgamentos de sanção social positivos do tipo propriedade, que ele foi “bem tratado” e “com educação” pela coordenadora. Os julgamentos de sanção social de tipo propriedade dizem respeito às avaliações de condutas por meio de parâmetros éticos, normalizações e leis, ou seja, a conformidade de uma conduta relacionada com esses paradigmas. Neste caso, Pascoal retifica o jogo de posicionamento em que colocou a coordenadora como sua oponente violenta por meio das escolhas de julgamentos positivos sobre sua conduta.

O coordenador pergunta, no turno 25, se alguém fala assim com Pascoal, e ele explica que “A mãe da minha filha fala. A que me indicou todo neste lugar” (turno 26). A pergunta do coordenador faz referência ao potencial de significado de origem identificado no turno 14 (“Me mandou embora sem direito a nada... sem direito a nada. Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono”), ou seja, confirmado o fato de que a coordenadora não proferiu tais ofensas, o coordenador busca contextualizar tais falas. Assim, a pergunta do coordenador faz uma síntese reparadora dos jogos de posicionamento que Pascoal desenhava no grupo, pois ele direciona o conflito interativo que narrava para sua ex-companheira, ou seja, a real participante da relação violenta que ele experienciou. Esse jogo de posicionamento – da coordenadora como sua oponente para, posteriormente, a ex-companheira o ser – dá visibilidade a uma forma de vinculação no mínimo curiosa, pois ela se dá através da violência. Poderíamos perguntar se o modo de relacionamento deste participante, especialmente com as mulheres, se daria por meio de trocas violentas. Logicamente, a pergunta não tem resposta conclusiva, mas o fato de ele usar uma estratégia de vinculação através do humor e, por isso, buscar similaridade com a coordenadora por meio de uma cena irreal violenta, nos faz refletir sobre suas formas experienciais de relacionamento. Voltaremos a este ponto um pouco mais à frente.

Analisando ainda as orações do turno 26 (“A mãe da minha filha fala. A que me indicou todo neste lugar”), observamos que a ex-companheira de Pascoal é representada como Participante por meio do grupo nominal “a mãe da minha filha”, que protagoniza a ação material de “indicar” ele naquele lugar. Essa forma genérica de representação da ex-companheira faz referência a um tipo de identificação relacional, como propõe Van Leeuwen (1996). De acordo com esse autor, os atores sociais podem ser representados por meio de categorias sócio-semânticas, que se referem a como eles estão incluídos ou excluídos nos discursos, com representações sobre seus papéis sociais, de forma genérica e/ou específica, dentre outros. No caso do exemplo em questão, Pascoal representou sua ex-companheira reconhecendo-a por meio da categoria *identificação*, ou seja, definindo-a por meio daquilo

que ela é e pela subcategoria *relacional*, fazendo referência aos termos da relação pessoal que ela mantém com ele.

Com esse comentário, voltamos à suspeita de que as orações “Me mandou embora sem direito a nada... sem direito a nada. Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono” (turno 14) têm potencial de significado de origem relacionado com uma relação de intimidade e momento de quebra de relacionamento. A pergunta do coordenador, investigando quem fala assim com esse participante, confirma a suposição em questão.

Importante lembrar que Pascoal tem uma postura de introversão corporal constante (braços e pernas cruzados), que se mantém desde o turno 10 e, ao final dessa interação, responde que “Se eu pedir ela um abraço ela bate em mim” (turno 30). Nesta produção de significados, a mulher aparece como Participante da ação Material de bater, tema que será recorrente nos discursos dos participantes do grupo e receberá mais atenção analítica nos recortes que se seguem. Notamos que, aqui, Pascoal mantém configurações vinculares de liberdade de manifestação no grupo, inclusive com a expressão de conteúdos sobre suas relações interpessoais se aproximando de confissões, expressão de sentimentos íntimos e segredos. Ele se posiciona como alguém que está refletindo sobre suas experiências – as posturas corporais de introversão, a troca de afetos –, mas ideacionalmente falando, ele representa todas as ações violentas relacionando-as com sua ex-companheira ou com a coordenadora, num jogo de posicionamento em que ele seria a vítima.

De forma analítica e interpretativa, voltamos inevitavelmente a conjecturar sobre as formas relacionais de Pascoal quando ele posiciona a si mesmo e aos outros nas suas histórias de relacionamento. Numa postura vitimizada, ele constrói seu histórico de relações interpessoais conflitivas e violentas utilizando o humor e, com isso, tentando buscar similaridade e alinhamento com o grupo e com a coordenadora. Segundo as afirmações de Eggins e Slade (1997, p. 167), “o humor conecta o contexto interpessoal microinterativo da vida privada com o contexto macrossocial da vida pública institucionalizada.” Assim, a escolha de usar o humor por meio de um xingamento e em tom de desafio guarda alinhamentos com um conjunto de valores relacionados com o conflito, o enfrentamento frontal, a violência.

No Quadro 5, a seguir, buscamos sintetizar os significados veiculados nesse recorte, os recursos semióticos utilizados para produzir tais significados e o resultado deles em termos de orquestração de significados.

Significados	Recursos Semióticos	Orquestração de Significados
As mulheres e suas ações	- Participante identificada com grupo nominal genérico: mãe da minha filha. - Faz ação de falar (Verbal), bater (Material) e indicar (Material).	Mulher protagoniza, enquanto ator social, com denominação identificativa relacional (mãe da minha filha) e é violenta. A coordenadora protagoniza como violenta.
Humor	- Expressão formulaica com sentido avaliativo negativo: <ul style="list-style-type: none"> • Você tá falando que eu não sirvo nem pra Papai Noel • Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono. - Afetos + Apreciações + Processos Relacionais Atributivos: <ul style="list-style-type: none"> • A Cláudia não tá com saudade nenhuma não. • Ah, você tinha que ter ficado com vergonha de fazer e não de falar. - Riso coletivo.	Busca de intimidade, envolvimento e afiliação através 1- do desafio como forma de interação; 2 - do uso de gírias que remetem a valores compartilhados; e 3 - do humor como forma de coesão no grupo.
Cumplicidade/ Vínculo	- Olhar de endereçamento para o grupo. - Riso coletivo. - Gesto de receptividade: esticar os braços para a frente em sinal de acolhimento.	Busca de intimidade, envolvimento e cumplicidade.
Afeto	- Processos Relacionais Atributivos + itens lexicais de Emoção positivos + Apreciação positiva: <ul style="list-style-type: none"> • Finalmente, {você veio} Pascoal. Fiquei até com saudade de você. • Ficou com saudade? Que bom, que bom. • Olha só que beleza. - Processos Relacionais Atributivos + itens lexicais de Emoção negativos: <ul style="list-style-type: none"> • Ah fico com vergonha de falar. • Ah, você tinha que ter ficado com vergonha de fazer e não de falar. - Gesto de receptividade: esticar os braços para a frente em sinal de acolhimento. - Predominância de gesto de introversão: braços e pernas cruzadas.	Livre espaço de expressão de sentimentos e emoções.

QUADRO 5 – Orquestração dos significados – análise 1

Seguindo as categorias analíticas propostas por Kress (2008, 2010) de estilo, estética e ética, explicitadas no item 2.4, procuraremos examinar agora a produção de significados neste recorte. No primeiro caso, o estilo, ou seja, as escolhas utilizadas para produzir significado, verificamos que o grupo e, mais especificamente, um participante (Pascoal) que rege a

produção de significados como um todo nesse momento, elege xingamentos – itens lexicais avaliativos negativos – e expressões formulaicas – socialmente reconhecidas com conteúdos de desautorização e crítica do outro – que supostamente estariam direcionados a si mesmo.

A estética de tal produção, ou seja, a política do estilo, entendida como o arranjo harmônico das escolhas, passa pelo humor e pelo tom de desafio das proposições. O ordenamento estético congrega paradoxalmente conteúdos negativos arranjados semanticamente de forma chistosa, criando um clima de tensão e contradição que, sobretudo, deverá ser resolvido pelos participantes da interação. Em um primeiro momento, os arranjos estéticos posicionam a coordenadora como violenta – ela xinga Pascoal –; num segundo momento, essa posição é contestada e retificada; e, ainda, num terceiro momento, a posição, a ação violenta é deslocada para a ex-companheira do participante do grupo. Tal fato gera a quarta configuração estética, pois esse membro passa a figurar como vítima.

A ética de tal produção, ou seja, o substrato valorativo que rege o significado faz referência a situações de conflito, à violência e à vitimização. A interação acontece por meio da escolha de signos violentos que, ao mesmo tempo, denotam e fazem emergir tensão e conflito atravessados pelo humor. Vale ressaltar que as ações violentas são encenadas por outros, restando, portanto, a posição de vítima para o participante Pascoal, que, nesse momento, compõe os significados da interação.

4.2.2 Análise 2 – Tensionando as relações de gênero: “Uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente”

Neste recorte, há uma interação bastante participativa a partir da proposta de que o grupo discuta por que existem leis que protegem as pessoas negras, as crianças e as mulheres que sofrem violência. Ela aconteceu aos 35 minutos iniciais da reunião e, nesse dia, os participantes assistiram um vídeo de 1:08 seg no início da sessão e que se encontra disponível na internet (<http://www.youtube.com/watch?v=-cMLSjosHjk>). Tal vídeo mostra crianças negras, de aproximadamente 5 a 7 anos de idade, sendo entrevistadas por um pesquisador. As crianças estavam sentadas diante de uma mesa na qual estavam dispostas uma boneca branca e uma negra. O entrevistador pergunta que boneca é “bonita” e qual é “legal”, e as crianças apontam para a branca. Pergunta também qual boneca é “má”, e elas apontam para a boneca negra. Por fim, o entrevistador pergunta por que a boneca branca é “agradável”, e uma criança responde que é porque ela é branca e tem olhos azuis.

O uso dessa estratégia de assistir a um vídeo e mobilizar uma discussão é muito utilizado enquanto técnica para dinamizar as discussões nos grupos. Neste caso, o vídeo escolhido versa sobre o tema do racismo, tópico frequentemente discutido e abordado nos grupos. Para além dos participantes do programa, em sua maioria, serem negros e pertencerem à classe média baixa³⁹ e, por isso, se identificarem com tal tema enquanto experiência relacional, temos tentado, enquanto estratégia de abordagem nos grupos de homens, discutir as desigualdades de gênero após discutirmos as desigualdades de raça. Tal estratégia nos parece adequada, já que capturamos um tema da experiência pessoal dos participantes, no caso as desigualdades de raça/etnia, e depois buscamos transferir tais reflexões para a questão das desigualdades entre homens e mulheres de forma a criar empatia com o tema. Essa estratégia, enquanto técnica a ser aplicada nos grupos de homens, ainda se encontra em avaliação entre os profissionais que compõem a equipe.

Após assistir ao vídeo e discutir sobre as relações de raça/etnia, passamos às discussões sobre a lei de racismo e também sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (tema suscitado pelos participantes) até chegar ao contexto de discussão sobre a violência contra as mulheres. Nessa interação, participam como falantes a coordenadora e o coordenador do grupo, além dos participantes Pedro, Ricardo, Pascoal e Édson. Os demais participantes – Sérgio, José, Augusto e Miguel – não tiveram fala nesse momento, mas participaram da interação com atenção, utilizando outros Recursos multimodais. No Quadro 6, registramos a transcrição da interação, e no Apêndice C, a microanálise dos dados, com a classificação de Processos e itens lexicais avaliativos, bem como a marcação de movimentos corporais.

Turno	Falante	Texto separado em orações
1	Coordenadora	(i) E porque estas leis existem? (ii) Vamos pensar
2	Pedro	(i) A criança e a mulher é o sexo frágil = =
3	Ricardo	(i) Pra ninguém maltratar ninguém = =
4	Pedro	(i) eu acho assim, (ii) a criança e a mulher são mais indefesas que o homem = =
5	Coordenadora	(i) indefesa como?
6	Pedro	(i) ah, mais frágil
7	Coordenadora	(i) mais frágil como?

³⁹ Os dados de perfil dos participantes do programa Andros estão descritos no item 3.1 do capítulo de Metodologia.

8	Pedro	(i) criança e mulher indefesa demais (ii) mulher da mesma forma (iii) mulher pode dar três socos no peito de um homem, (iv) se eu der um tapa na orelha dela (v) ela espalha no chão
9	Coordenador	(i) tem uma diferença aí, não tem?
10	Pedro	(i) tem, de agressão
11	Pascoal	(i) ignorância também = =
12	Coordenador	(i) que nome a gente pode dar parecido com a ignorância? [[movimentos nas cadeiras em todos os participantes]]
13	Édson	(i) violência
14	Coordenador	(i) violência, o que mais?
15	Pascoal	(i) preconceito?
16	Coordenador	(i) É, (ii) Preconceito?
17	Coordenadora	(i) Preconceito move a violência contra negros. (ii) O que move, por exemplo, a violência de um homem contra uma mulher?
18	Pascoal	(i) Olha, realmente eu não sei, (ii) porque eu quebrei três vidros da minha mulher, da casa dela, (iii) nunca bati nela
19	Coordenador	(i) Tá, você não bateu nela, (ii) mas isto é uma forma de violência
20	Pascoal	(i) foi uma forma de violência, (ii) mas assim, chegar a bater numa mulher, (iii) eu não gosto não.
21	Coordenadora	(i) Mas o que que move?
22	Édson	(i) sub-estima. (ii) Sub-estima provocada pelas reações de ambos [gestos com as mãos] (iii) O homem subestima a mulher, (iv) por ele achar (v) o que você falou aqui: [aponta para Pedro à sua esquerda] pela fragilidade dela. (vi) Só que quando ela tá, (vii) igual vc falou, [aponta e olha para Pedro à sua esquerda](inaudível) do homem, (viii) ela provoca (ix) pra aumentar esta subestima do homem para com a mulher (x) aí gera... [estica a mão para a frente em direção à coordenação]
23	Pedro	(i) eu acho = = [estica dedo indicador para a frente buscando turno]
24	Coordenador	(i) quer dizer, (ii) olha só, subestima, (iii) sub/estimar, (iv) colocar lá embaixo, (v) estimar lá embaixo, né?
25	Pascoal	(i) (quando) eu quis falar preconceito, (ii) eu quis dizer isto [aponta o dedo indicador para a frente] (iii) subestimar... (iv) Achar que algo é menor, (v) achar que a mulher é menor que o homem [[Pedro estica o dedo para a frente buscando turno]]
26	Coordenador	(i) a gente pode falar inferiorizar?
27	Pascoal	(i) Inferiorizar, (ii) é isto que eu pensei. [[Pedro estica o dedo para a frente buscando turno]]
28	Pedro	(i) Uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente. (ii) O homem já não tem tanto esta capacidade [olha para Édson] [[Édson balança a cabeça concordando]] (iii) Ela vai ofendendo verbalmente, verbalmente... (iv) ele vai aguentando, aguentando, aguentando. (v) Ele fala uma palavra [estica rapidamente o braço direito para a frente e logo em seguida o recolhe] (vi) ela fala dez, [estica rapidamente o braço esquerdo para a frente e logo em seguida o recolhe] (vii) ai... pratica violência (inaudível) ... [pausa 2 seg] (viii) Agora invertendo a situação, João Paulo, (ix) minha irmã desce o cacete no meu cunhado [olhar de endereçamento para o coordenador]. (x) Minha irmã. (xi) Quebra o pau no meu cunhado [pausa 2 seg]
29	Coordenador	(i) E aí? (ii) Mas qual é a história dos dois?
30	Pedro	(i) Ah, não sei, (ii) tudo é sem vergonha mesmo [balança o corpo para a direita até encostar no ombro de Édson] [[todos os participantes do grupo riem]] é ué, (iii) porque fisicamente ele é mais forte que ela. (iv) Eu acho desde o início (v) se ele tivesse cortado... (vi) Outro dia mesmo ela chamou ele no buteco: (vii) “vão bora (inaudível) (viii) eu não falo três vezes não”.(imitando a voz da mulher que proferiu a sentença) (ix) Nó, falei com ele: (x) “ô Roberto, sai quebrando, (xi) a Camila tá com o demônio”.(orações x e xi em forma de discurso direto) [[todos os participantes riem]]

QUADRO 6 – Transcrição da interação – análise 2

Observamos que, em termos de estrutura conversacional, este recorte se inicia com a fala da coordenadora (turno 1), perguntando por que existem leis que protegem crianças e mulheres de maus-tratos e violência. A partir desse momento, os participantes buscam interpretar este fato, produzindo significados avaliativos sobre as mulheres, os quais vão se modificando ao longo da interação, como veremos a seguir. Os turnos são relativamente curtos e bastante disputados, e os coordenadores endereçam ao grupo perguntas sobre as representações levantadas por eles acerca das mulheres e da violência doméstica. Nesse sentido, há uma relativa manutenção e desenvolvimento de um tópico temático, até que, no turno 28, Pedro endereça uma discussão para o coordenador, mudando estrategicamente o tema de discussão, como veremos mais adiante.

Podemos identificar, neste recorte, três núcleos de produção de significado relacionados. Em um primeiro momento, o grupo produz significados sobre as mulheres que são avaliadas por meio de julgamentos de estima social negativos, tais como “sexo frágil”, “indefesas”, “frágil” e “menor”. Em um segundo momento, é a violência que vem significada por julgamentos de sanção social e estima social negativos, tais como “agressão”, “preconceito”, “ignorância” e “ofender verbalmente”. Um contraste entre essas duas produções de significado surge quando um participante coloca a questão sobre quem agride, iniciando o que identificamos aqui como o terceiro núcleo de produção de significados. Este ponto será desenvolvido mais adiante e, de forma mais detalhada, explicitaremos agora os três núcleos de produção de significado.

O primeiro deles, como já foi apontado, é uma produção de significados sobre as mulheres. Representadas como Portadoras de Atributos tais como “o sexo frágil”, “indefesas” e “frágeis”, através de sete escolhas de Processos Relacionais Atributivos Intensivos (ser, é), as mulheres são, ao mesmo tempo, avaliadas por meio desses mesmos itens lexicais, através de julgamentos de estima negativos, que dizem respeito à capacidade delas. Identificamos aqui uma correspondência de significados nos níveis ideacional e interpessoal, em que os próprios Atributos são avaliações sobre o sujeito apreciado, no caso, as mulheres.

De forma mais detalhada, observamos que, quando o grupo produz o significado da mulher como sexo frágil, tal representação vem acompanhada do artigo definido “o”, fechando e fixando o significado, ou seja, deixando-o mais especificado no momento em que nomeia as mulheres como “o sexo frágil”. Observamos também que, na representação/avaliação enquanto “indefesas”, as mulheres são comparadas a crianças, como se pode verificar na oração “a criança e a mulher são mais indefesas do que o homem” (turno 4). Usando uma forma comparativa entre crianças e mulheres, o participante Pedro iguala as

duas posições sociais, ou seja, coloca-as como pertencentes ao mesmo *status* de vulnerabilidade. Para além do exame atento dessas formas de representação/avaliação, verificamos que, nos turnos 6 e 8, as mulheres são “mais frágeis” e “indefesas demais”. As duas formas de representação vêm com os intensificadores “mais” e “demais”, que aumentam o potencial de significado dos itens lexicais avaliativos de capacidade “frágeis” e “indefesas”. Assim, para além de as representações estarem ligadas a julgamentos negativos, elas vêm acompanhadas por intensificadores, realçando ainda mais as proposições.

Tais representações avaliativas sobre as mulheres podem ser consideradas de senso comum, pois são largamente utilizadas nos clichês populares e, mais especificamente, na composição “a mulher é o sexo frágil”. Com dupla interpretação, e ora defendida por alguns, que pensam que tal afirmação é uma forma de cuidado com as mulheres, ora combatida por outros, que acreditam ser esta uma forma machista de situar as mulheres neste mundo, o fato é que os efeitos performativos de tal formulação são e continuam sendo tópicos paradoxais, como veremos na sequência da análise.

O segundo núcleo de produção de significados identificado neste recorte é sobre a violência e aparece quando, no turno 8, Pedro afirma que “mulher pode dar três socos no peito de um homem. Se eu der um tapa na orelha dela ela espalha no chão”. O que chama a atenção nessa produção de significados é que, usando Processos Materiais (“der” um tapa e “espalha” no chão) que indicam ações e acontecimentos tipicamente concretos, esse membro do grupo representa a questão como uma cena, como se ele estivesse participando da ação violenta que narra. Esta produção de significados se dá pela forma escolhida ao relatar um fato por meio do discurso indireto livre⁴⁰ e é um padrão conversacional de tipo recontagem de eventos.

A produção de significados desse segundo núcleo faz emergir o tema da violência, que vem inicialmente significada como “agressão” e “ignorância”. Em termos de significado social, “ignorância” tem o sentido de ser violento, agressivo, agir com violência. Os dois léxicos avaliativos (agressão e ignorância) são julgamentos de sanção social negativos, ligados à propriedade, ou seja, dizem respeito a comportamentos socialmente indesejáveis pelos padrões legais, religiosos e morais.

Apesar de Pascoal, no turno 11, já ter levantado o tema da violência quando a nomeou como “ignorância”, no turno 13 o grupo tem um ápice de tensão, e todos os participantes

⁴⁰ Segundo a Gramática Sistêmico-Funcional, o discurso indireto livre é um modo intermediário entre o discurso direto e o indireto. A oração projetada tem a forma de uma oração independente, retendo o modo da forma citada, apesar de ser um relato e não uma citação. A entonação é uma chave, nesses casos (HALLIDAY, 2004, p. 362-364).

tomam posições corporais alertas, sentados nas cadeiras com coluna reta, e não mais de forma descontraída, com pernas esticadas e/ou apoiando-se nas laterais das cadeiras, como estavam antes e demonstrado nas FIG. 7 e 8. Tal fato pode ter acontecido por causa da forma com que Édson, no turno 13, nomeia a ignorância, escolhendo representá-la como violência. As movimentações corporais coletivas provavelmente dizem respeito ao desconforto em se discutir tal tema de forma frontal, ou seja, designada como violência.

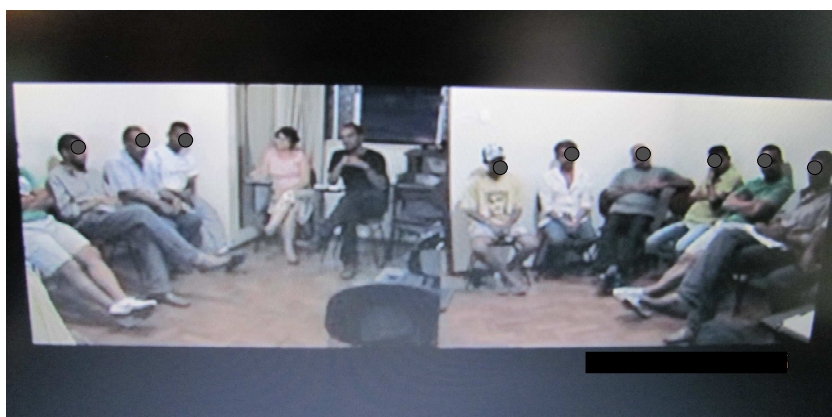


FIGURA 7 – Postura corporal relaxada: recostados nas cadeiras e com pernas esticadas

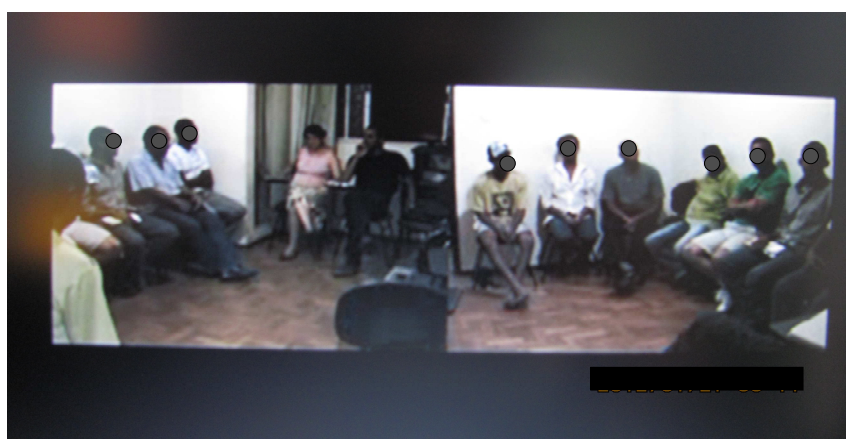


FIGURA 8 – Postura corporal atenta: pernas encolhidas e posição ereta nas cadeiras

Em termos de configurações vinculares, podemos identificar que o grupo estava motivado e bastante participativo, inclusive com concorrência de turnos, o que pode indicar liberdade coletiva para a expressão de opiniões e afetos. Em termos de jogos de posicionamento, os participantes atuam de forma dinâmica e com múltiplas lideranças nas discussões e desenvolvimento dos tópicos. Vale notar que, a partir do turno 13, em que os participantes se posicionam de forma mais tensa no grupo, há indicações de que as configurações vinculares e os jogos de posicionamento provavelmente mudarão sua composição, como veremos mais à frente.

Desenvolvendo ainda o núcleo de produção de significados sobre a violência, a coordenadora pergunta, no turno 17: “o que move, por exemplo, a violência de um homem contra uma mulher?” O grupo começa a expressar avaliações a partir de afetos, ou seja, estados emocionais, até que, no turno 22, Édson tematiza o que ele chama de “sub-estima”, “Sub-estima provocada pelas reações de ambos”. Repetindo por duas vezes o item lexical “sub-estima”, que significa na verdade baixa autoestima, Édson tematiza um afeto de insegurança relacionado com sentimentos de bem-estar ou mal-estar social. Ele explica sua concepção dizendo que “o homem subestima a mulher, por ele achar o que você falou aqui, pela fragilidade dela”. O pronome “você”, nesta oração, diz respeito a Pedro, para quem Édson aponta e continua: “só que quando ela tá, igual você falou, (inaudível) do homem, ela provoca, pra aumentar esta subestima do homem para com a mulher”. Novamente, Pedro é endereçado e legitimado em sua posição no grupo no momento em que seu colega Édson aponta para ele, colocando-o em evidência e alinhando-se discursivamente ao mesmo. Pedro tem posição de importância no grupo, o que faz com que sua produção de significado sobre a violência seja convincente, como veremos à frente.

Neste ponto, há várias questões importantes acontecendo dentro do grupo. Das produções de significados iniciais relacionados com léxicos de julgamento sobre a mulher e sobre a violência aparecem, neste momento, e de forma repetida, sentimentos e emoções. Tais afetos de insegurança, veiculados pelo item lexical “subestimar”, estão relacionados ora a uma ação mental dirigida às mulheres – o homem subestima a mulher –, ora a uma ação material – a mulher “provoca” a “subestima” do homem, como no caso das orações “ela provoca pra aumentar esta subestima do homem para com a mulher”. Assim, o item lexical aparece como Processo, uma ação, e como avaliação, um afeto, ou seja, ao mesmo tempo em que os homens usam da “subestima” para inferiorizar as mulheres, eles também se sentem “subestimados” por elas, o que acaba por “aumentar” a tensão e fazer irromper a violência, como Édson afirma na oração incompleta “ai gera...” (turno 22, x).

As configurações vinculares que começam a ser operadas dentro do grupo neste momento, por meio das falas de Édson e de Pedro e dos outros Recursos multimodais – apontar com os dedos – utilizados por eles para denotar vínculo e cumplicidade fazem com que a discussão passe a ser centralizada em seus pressupostos de verdade, pois tais estratégias mobilizam os jogos de posicionamento do grupo, colocando-os em posição de importância e liderança. Eles têm mais mobilidade para montar a realidade, como veremos mais à frente. Importante também notar que, apesar de aparecerem afetos masculinos no discurso do grupo, eles não são representados em tons pessoais, pois os participantes discutem sempre sobre “a mulher” e “o homem” enquanto atores sociais genéricos, ou seja, não falam da experiência pessoal de serem homens na relações com mulheres e de como se sentem “subestimados”.

Nos turnos seguintes (24 a 27), o coordenador intervém, tentando expandir a produção de significado de afeto e de insegurança proferida por Édson, aproximando-se da discussão sobre as desigualdades de gênero a partir de seu núcleo nevrálgico, ou seja, a forma como as mulheres são percebidas, reconhecidas e tratadas. No entanto, tal discussão acaba por se esvaír, como veremos a seguir.

No turno 28, Pedro inicia nova proposição, após duas tentativas de tomar o turno. Nesse momento, tal participante fala com *status* de importância por causa da aliança criada com Édson que o referendou por duas vezes no turno 22, ora apontando, ora dizendo “igual você falou”. Pedro inicia o terceiro núcleo de produção de significado deste recorte afirmando que “uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente. O homem já não tem tanto esta capacidade”. Aqui a mulher é representada, através de um Processo Relacional Atributivo, como “capaz de ofender um homem verbalmente”. Tal Atributo vem acompanhado da gradação “mais”, aumentando o potencial de significado apresentado pelo falante. Inversamente desproporcional à mulher, nesta proposição o homem é representado, por meio do Processo Relacional Atributivo, como “não tendo tanto esta capacidade”, ou seja, ele aparece despossuído da competência de “ofender verbalmente” quando comparado à mulher – significado realçado ainda pela polaridade negativa “não” e pela gradação “tanto”.

Pedro continua sua proposição dizendo: “ela vai ofendendo verbalmente, verbalmente, ele vai aguentando, aguentando, aguentando, ele fala uma palavra, ela fala dez, ai... pratica violência”. O que chama a atenção nesta produção de significado são as repetições “verbalmente, verbalmente” e “aguentando, aguentando, aguentando”, pois elas intensificam os significados construídos discursivamente, demonstrando o verdadeiro clima de tensão no contexto de violência doméstica. Interessante notar também que Pedro monta uma cena, dizendo que “ele fala uma palavra, ela fala dez”, ou seja, mostra uma reação da mulher

aumentada em uma escala de dez, tentando criar uma ideia de desproporcionalidade de xingamentos e ofensas verbais nos momentos de discussão e briga. Para finalizar essa construção, ele afirma “ai... pratica violência”, ou seja, num jogo de posicionamento de vítima em que o homem vem com atributos do tipo “não tendo tanto esta capacidade de ofender verbalmente”, como aquele que fica “aguentando, aguentando, aguentando” as ofensas verbais, convivendo com uma mulher que fala (e por isto ofende verbalmente) dez vezes mais que ele, a violência acontece, ou seja, é inevitável e até mesmo autorizada. Pedro apresenta seu discurso com gestos rápidos, precisos e compassados, o que corrobora com uma produção de significados de veemência e assertividade propositiva, deixando-o em posição de liderança no grupo.

Buscando vínculos com o coordenador, Pedro continua “agora invertendo a situação, João Paulo, minha irmã desce o cacete no meu cunhado. Minha irmã. Quebra o pau no meu cunhado.” (turno 28, viii a xi). Usando um vocativo e com olhar de endereçamento, Pedro busca ampliar sua aliança com a figura masculina da coordenação e representa, por meio de um Processo Material, que sua irmã “desce o cacete” e “quebra o pau”, ou seja, bate no marido dela. Essas formas de representação são repetidas por duas vezes, enfatizando o significado. O coordenador, em uma atitude de não alinhamento com os pressupostos do participante do grupo, pergunta, numa posição investigativa: “mas qual a história dos dois?”.

No turno 30, Pedro responde à pergunta do coordenador dizendo que não sabe qual a história de sua irmã e de seu cunhado, e afirma que “tudo é sem vergonha mesmo”. Logo após a risada geral do grupo, completa: “é ué” (ii). Usando um Processo Relacional Atributivo, o falante atribui ao casal (sua irmã e seu cunhado) a avaliação “sem vergonha”, ou seja, um julgamento de sanção social negativo de propriedade. Ele profere tal afirmação sorrindo e balançando o corpo para a esquerda, de forma que seu ombro se encontre com o ombro de Édson à sua direita. Esse gesto denota uma atitude de alinhamento e busca de coesão com seu colega, organizando as configurações vinculares do grupo em termos de afiliação e cumplicidade. O grupo ri, e o humor aparece novamente como expressão de compartilhamento de valores. Segundo Eggins e Slade (1997), o humor envolve uma polissemia de significados, de forma que um aspecto “sério” e outro “não sério” podem ser reconhecidos nele, e sua função é expor diferenças e conflitos sociais. Assim, podemos identificar nessa estratégia de humor certa tensão e ironia, relacionadas ao tema macrossocial em discussão sobre a banalização da violência, que acaba por organizar o grupo ao redor de seu conteúdo, pois todos riem em alto som.

Pedro continua falando sobre seu cunhado, afirmando que “fisicamente ele é mais forte que ela” e que, se “desde o início ele tivesse cortado...”, algo poderia acontecer, mas o falante não completa a oração, deixando o significado no ar. Assim, o participante atribui ao cunhado um julgamento de estima social positivo, como sendo mais forte que sua irmã, e, através de um Processo Mental Cognitivo, ele projeta uma ação material de “cortar” algo, que, pelo contexto, pode ser inferido como impedir que ela bata nele. Como Pedro abandona a oração, não fica clara a forma como ele sugeriria esse “corte”; contudo, fica explícito que o corte tem o sentido de barrar, parar, calar a mulher e, provavelmente, isso seria feito através de uma estratégia violenta.

Entre as orações vi a xi do turno 30, Pedro reconta um evento, narrando um episódio que presenciou entre seu cunhado e sua irmã, dizendo: “outro dia mesmo ela chamou ele no buteco. Vão embora (inaudível) eu não falo três vezes não (imitando a voz da mulher que proferiu a sentença) Nó, falei com ele: ô Roberto, sai quebrando, a Camila tá com o demônio”. Aqui, uma mulher é avaliada como “demônio” por meio de um julgamento de estima social negativo, e todos os participantes do grupo riem, novamente em alto som. Se, em turnos anteriores, a mulher foi identificada como aquela que tem a capacidade de ofender verbalmente, neste momento ela se torna um sujeito temível e, assim como é criticada na sua ação verbal de “falar dez”, também é criticada na sua ação verbal de “chamar ele no buteco”. Esta produção de significado denota tensões nas relações de gênero por meio de estratégias de desautorização das manifestações (neste caso, verbais) das mulheres.

Retomando a análise em sua totalidade, verificamos que o grupo produziu diferentes significados sobre as relações de gênero e o contexto de violência. A primeira parte delas se refere à mulher como “o sexo frágil” e “indefesa”, e a explicação para tal está ligada, inicialmente, à materialidade corporal, à força física, representada como fragilidade. Muitas práticas foram ideologicamente construídas a partir dessa marcação material da diferença entre os corpos, pois, como sujeito-gênero, encontramos-nos sob influência das dinâmicas de poder relativas a nossos posicionamentos e a nossos corpos (BUTLER, 1993).

A segunda parte da produção de significados composta pelo grupo mostra uma mulher falante, que verbaliza, que se queixa e que não é escutada. Saindo do contexto corporificado, da forma material da primeira produção do grupo, a mulher aparece agora agindo em outro nível, mais abstrato e fluido, ou seja, verbalizando. Contudo, tal posição não é considerada como um espaço legítimo de negociação de posições de sujeito, pois nesse contexto ela é interpretada como aquela que fala demais, “provoca a subestima do homem”, “ofende

verbalmente”, “está com o demônio”. Novamente, uma mulher disforme e com expressões controladas: fale, mas não fale muito; seja, mas não seja muito.

Passemos agora à produção de significados em que os homens representam a si mesmos. Inicialmente, eles aparecem como aqueles que agredem e são ignorantes, os que subestimam as mulheres e acham-nas menores e, logo após, apresentam-se como vítimas das mulheres, alvo da “subestima” e das ofensas verbais delas. Importante frisar como essa posição de vítima vem acompanhada de configurações vinculares organizadas por coesão, busca de alinhamento com o coordenador do sexo masculino e encenada por estratégias multimodais de convencimento e ênfase tais como esticar os braços no momento em que falam.

Para além das formas de representação e julgamentos proferidas pelos membros do grupo, ainda vale comentar as cenas de violência narradas: “mulher pode dar três socos no peito de um homem, se eu der um tapa na orelha dela, ela espalha no chão”; “Ela vai ofendendo verbalmente, verbalmente... ele vai aguentando, aguentando, aguentando. Ele fala uma palavra, ela fala dez, ai... pratica violência”; “Eu acho desde o início, se ele tivesse cortado... Outro dia mesmo ela chamou ele no buteco: vão embora, eu não falo três vezes não. Nó, falei com ele: ô Roberto, sai quebrando, a Camila tá com o demônio” (turnos 8, 28 e 30). Argumentamos a favor dessas cenas no sentido de considerá-las como reais e, em algumas delas, as mulheres praticam violência – o que poderia ser interpretado de forma automática como uma ação de proporcionalidade quando equiparada aos homens.

Este ponto não foi suficientemente elaborado pelas pesquisas que pretendem discutir as relações de gênero nos contextos de violência. As posições de sujeito das mulheres nas relações violentas, paradoxalmente, já foram interpretadas como lugares de cumplicidade, de mantenedoras da situação, de possuidoras de agência em forma de equivalência aos homens (SANTOS e IZUMINO, 2005); e também já foram traduzidas como vítimas, reiteradamente subjugadas aos jogos masculinos de controle e poder (SAFFIOTI, 2004a, 2004b; CHAUI, 1980, 1999; BANDEIRA, 2006). Nos dados desta pesquisa, verificamos também que os homens chamam para si a identidade de vítima. Quais as posições de sujeito dentro de uma relação violenta? Afinal, elas são fixas, móveis, intercambiantes? Poderíamos considerar que, num ambiente doméstico, as ações violentas são proporcionais, sem levar em conta o contexto de desigualdade instituído pelas/nas relações de gênero?

Se partirmos do pressuposto de que numa violência há um sistema de ação instrumental (ARENDR, 2009), podemos reconhecer nos dados desta pesquisa que as posições de sujeito que os participantes chamam para si entram em conflito. Aqui, as

mulheres foram representadas como as que falam, e os homens, como aqueles que não aguentam e querem que elas se cale. Se a fala das mulheres pode ser considerada como ofensiva por eles – proposição não descartada enquanto pertencente a uma condição de verdade –, a ação, o instrumento que se mostra na resolução da questão é o corte, o golpe, a violência.

Pensamos, inevitavelmente, que as cargas sociocultural e histórica dos corpos e das posições de sujeito são determinantes nas nossas relações, principalmente para as mulheres que têm relações afetivas com homens que guardam valores tradicionais de masculinidade baseados na hierarquia e no controle. Será que poderíamos ler o fenômeno da violência doméstica com lentes de proporcionalidade, assim como os participantes desta pesquisa representam? Voltaremos a essa discussão um pouco mais adiante.

Neste momento, tentaremos fazer um sumário dos principais significados veiculados pelos sujeitos de pesquisa para representar e avaliar o mundo a sua volta, como exposto no Quadro 7, a seguir.

Significados	Recursos Semióticos	Orquestração de Significados
Mulheres e suas ações	- Itens lexicais avaliativos: <ul style="list-style-type: none"> • O sexo frágil • Indefesas • Frágeis • Menores que os homens • Capacidade de ofender verbalmente - Processos Relacionais Atributivos Intensivos, em geral ligados aos itens lexicais avaliativos. - Processos Materiais: provoca a subestima do homem, quebra o pau. - Processos Verbais: falar dez palavras, chamar o homem no buteco.	Mulheres precisam ser controladas, pois são frágeis. Não precisam ser escutadas, porque falam muito. Mulheres são agressivas.
Homens e suas ações	- Itens lexicais avaliativos: <ul style="list-style-type: none"> • Mais forte que a mulher - Processos Materiais: dar socos e tapas, quebrar vidros, bater, aguentar, praticar violência, cortar (as ações das mulheres). - Processos Mentais: inferiorizar e subestimar as mulheres. - Processos Relacionais: não ter tanta capacidade de ofender verbalmente. - Processos Verbais: falar uma palavra.	Homens são fortes e cometem violência, principalmente a física. Eles são vítimas das mulheres, pois têm menos capacidade de ofender verbalmente e aguentam os descatos delas. São impelidos a praticar violência para calar/barrar as mulheres.
A violência	- Itens lexicais avaliativos: <ul style="list-style-type: none"> • Agressão • Ignorância 	A violência é um ato imoral e indesejável.

	<ul style="list-style-type: none"> • Violência • Preconceito 	
Os eventos violentos	- Processos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • Homens dão socos e tapas. • Mulher espalha no chão. • Mulher desce o cacete. 	Homens e mulheres são violentos.
As emoções dos sujeitos de pesquisa	- Processos Mentais: não saber, não gostar, subestimar. - Itens lexicais avaliativos: <ul style="list-style-type: none"> • Subestima (baixa autoestima) 	Indefinição e confusão na expressão de emoções masculinas, procedentes de socialização tradicional machista.
Cumplicidade/ Vínculo	- Apontar para colega citando o discurso do mesmo. - Usar da estratégia de humor, criando o momento em que todos os participantes riem. - Balançar a cabeça concordando com discurso do colega. - Encostar ombro a ombro em sinal de irmandade.	Alta coesão grupal e alinhamento de valores dos participantes.
Autoridade/ Autorização	- Ser apontado e referendado por colega. - Usar gestos que enfatizam a fala.	Confronto de ideias marcado por pressuposto de verdade.
Ênfase/Convencimento	- Uso de gestos que enfatizam a fala. - Busca insistente de turno.	Criação de discurso de realidade.
Humor	- Processos Relacionais + itens lexicais avaliativos: <ul style="list-style-type: none"> • Tudo é sem vergonha mesmo. • A Camila tá com o demônio. 	Piada sobre o relacionamento violento.

QUADRO 7 – Orquestração dos significados – análise 2

Para sintetizar a orquestração de significados processada neste recorte, procuraremos agora explicitar as categorias analíticas de estilo, estética e ética. Ao examinar o estilo dos sujeitos de pesquisa, ou seja, a política da escolha, percebemos que eles dinamizam e diversificam o campo de representação e de avaliatividade. As escolhas estão bem distribuídas, representando ora as práticas violentas dos homens, ora as das mulheres, avaliando negativamente a violência e os eventos violentos e, por fim, representando, mesmo que de forma pouco elaborada, afetos e emoções.

A estética de tais escolhas, ou seja, os arranjos harmônicos dos significados, acabam por produzir um contexto democrático do jogo violento. Assim, homens e mulheres agriem, tentam controlar um ao outro, os homens se sentem subestimados pelas mulheres e, nesse caso, são vítimas, ou seja, o manejo estético tem o sentido de proporcionalidade de ações e emoções. A estética de produção de significados está arranjada também com fortes configurações vinculares em termos de cumplicidade e partilha de valores comuns, o que faz

com que os jogos de posicionamento estejam em destaque através da liderança, fazendo com que os proferimentos dos sujeitos de pesquisa se tornem bem propositivos e verdadeiros.

E, por fim, o substrato valorativo que rege a produção de significados, ou seja, o nível ético, indica a justificação e a banalização da violência. Segundo Arendt (2009), a violência tem sempre justificação, mas nunca legitimidade. O que verificamos no substrato ético veiculado pelos sujeitos de pesquisa é uma indiferenciação dessas esferas, pois justificação e legitimidade estão fundidas numa prática autorizada.

4.2.3 Análise 3 – Invertendo posições: “Fala pra ele procurar a lei Mário da Penha”

Esta interação se inicia poucos minutos depois do recorte discutido anteriormente (análise 2), ou seja, aos 40 minutos do início da reunião. Aqui, o grupo discute a história de Roberto e Camila a partir da recontagem de eventos narrada por Pedro (irmão de Camila e cunhado de Roberto). Participam como falantes o coordenador e Pedro (na maior parte do tempo), Sérgio, Augusto e Pascoal. Os demais participantes – Ricardo, José, Édson, Miguel e a coordenadora – não tiveram fala neste momento, mas participaram da interação utilizando outros Recursos multimodais. No Quadro 8, tem-se a transcrição da interação, e no Apêndice D, a microanálise dos dados, com a classificação de Processos e itens lexicais avaliativos e marcação de movimentos corporais.

Turno	Falante	Texto separado em orações
1	Coordenador	(i) Então será porque que ele tava num bar (ii) e a gente pode entender (iii) que ela tava querendo (iv) que ele saísse do bar? = =
2	Pedro	(i) Mas tipo assim... [estica as duas mãos para a frente] = =
3	Coordenador	(i) Porque ela tava querendo isso? = =
4	Pedro	(i) Pelo que eu vejo a convivência deles lá. (ii) Ela não dá um pingão de importância pra ele [estica as duas mãos para a frente]. (iii) Ele é um cara trabalhador (iv) é um cara honesto. (v) Ela faz assim [estala os dedos da mão direita] (vi) ele tá lá cheirando os pés dela. (vii) A única coisa que eu vejo ele fazer é isso: (viii) jogar um truço (ix) e de vez enquanto jogar uma sinuca com os caras. [[Sérgio sorri. Augusto sorri para Sérgio]] (x) A única coisa de folga dele. (xi) Ai neste dia que ele tomou uma tacada (xii) eu perguntei pra ele: (xiii) quem acertou você? [representando fala de Rodrigo e levantando o queixo para cima. Olha para o grupo] (grupo faz comentário inaudível) (xiv) Ele falou comigo: (xv) vocês me contaram, [[grupo ri]] (xvi) ele falou comigo: (xvii) vocês me contaram que foi uma tacada [estica os braços para a frente]. (xviii) Falei: pois é ué. (xix) Eu te avisei pra ir embora (xx) porque o bicho tava no corpo dela. [representando sua própria fala e olhando para o grupo]

5	Sérgio	(i) O bicho tava no corpo dela? [[grupo ri]]
6	Pedro	(i) Minha irmã é fogo, cara. (ii) Ela é pequena, (iii) mas Deus que me perdoe. [[grupo ri]]
7	Augusto	(i) Deus que me perdoe... [[grupo ri]]
8	Pedro	(i) É ué. (ii) Nó, sem brincadeira. (iii) Se vocês conhecerem minha irmã... (iv) cê tá é doído
9	Coordenador	(i) Talvez seja bom né, Pedro, (ii) ver o que está por trás desta história (iii) porque a gente pegar só esta história ai que você trouxe: ah a minha irmã ... [representando a fala de Pedro] = =
10	Pedro	(i) Ela tem um ciúme doentio dele. = =
11	Coordenador	(i) Mas o que é ciúme? (ii) O que a gente tá dando o nome de ciúme? (iii) O que tá por trás disso ai? (iv) Porque a gente pegar só essa história: (v) ah ela dá pancada nele. [reproduzindo fala de Pedro] (vi) Mas qual é a relação dos dois? (vii) Porque será que ela tá tão interessada (viii) que ele saia do bar (ix) e vá para casa? (x) Será que nestas idas para o bar... (xi) é uma pergunta (xii) eu não sei, tá?... (xiii) ele deixa de fazer algumas coisas (xiv) e ela fica sobrecarregada demais com algumas coisas (xv) e ele tá lá no bar (xvi) não querendo saber de nada... (xvii) e fala: (xviii) ah não tô querendo saber de você, não. [[reproduzindo a fala de Roberto]]
12	Pedro	(i) João Paulo, minha irmã só fica com as pernas pra cima sô. (ii) Fico até impressionado. (iii) Às vezes ela PAGA [estica mão esquerda para frente] meu sobrinho ou minha sobrinha (iv) pra lavar umas vasilhas, umas coisa assim. (v) DVD, ela pode abrir uma locadora. (vi) É o que mais tem na casa dela... (vii) DVD. (viii) Só que eu acho... (ix) por isso que eu tô falando... (x) a situação foi ele que (inaudível). (xi) Ele que deixou ela ser uma péssima mulher para ele. (xii) Eu falo isso com ela: (xiii) você pra dona de casa não vale nada. [[reproduzindo fala dele]] (xiv) Simplesmente ele não pode tá conversando com ninguém. (xv) Eu falo com ele, (xvi) eu chamo ele: (xvii) Roberto, pelo amor de Deus, o que que é isso? [[representando fala dele]] (xviii) Ele fala: (xix) deixa pra lá, (xx) eu amo essa nega. [[representando fala de Roberto]]
13	Pascoal	(i) Fala pra ele procurar a lei Mário da Penha. (ii) Tá vendo, (iii) vamos pensar o reverso da situação. (iv) Tá vendo, (v) como é homem que apanha (vi) não acontece nada.

QUADRO 8 – Transcrição da interação – análise 3

Nesta interação, Pedro produz significados sobre dois atores sociais – Camila e Roberto a partir da narração da história deles enquanto um casal. Esse tipo de padrão conversacional utilizado por Pedro, a recontagem de eventos, geralmente envolve muitos conteúdos avaliativos, conforme veremos (EGGINS e SLADE, 1997). Ele consiste na exposição de histórias construídas temporalmente numa conversação, mas não necessariamente têm referência à exposição de problemas e à resolução deles, como geralmente é característica dos padrões narrativos⁴¹. Segundo Eggins e Slade (1997, p. 237), “o ponto é a recontagem e compartilhamento de avaliações sobre o evento por parte do falante”.

⁴¹ Segundo Eggins e Slade (1997), o padrão conversacional de tipo narrativo envolve uma experiência problemática do protagonista que deve ser resolvida. Por isso, ele segue uma dinâmica de Complicação ^ Avaliação ^ Resolução. A dinâmica da recontagem de eventos é Recontagem ^ Reorientação.

Partindo do contexto da conversa iniciada na análise 2, o coordenador, nos turnos 1 e 3, começa a refletir com Pedro sobre o porquê de Camila querer que Roberto saísse do bar. O coordenador mobiliza aí um jogo de posicionamento a partir da aliança positiva que ele começa a fazer, referendando a posição de Camila, ou seja, ele faz vínculo com Camila, aceitando a legitimidade da vontade dela. Pedro começa a produzir significados avaliativos de Camila, contando que “Ela não dá um pingão de importância pra ele⁴² [estica as duas mãos para a frente]”, “Ela faz assim [estala os dedos da mão direita] e ele tá lá cheirando os pés dela”. Por meio de Processos Materiais, Pedro constrói as ações de Camila, que, por sua vez, é caracterizada como aquela que “não dá um pingão de importância”, ou seja, Camila avalia negativamente seu marido por meio de um julgamento de sanção social negativo. Nas orações “Ela faz assim [estala os dedos da mão direita] e ele tá lá cheirando os pés dela”, Pedro usa o Modo semiótico “estalar os dedos”, que tem significado potencial latente e de origem relacionado com chamar a atenção de alguém de forma indelicada, muitas vezes numa situação hierárquica de mando. Os significados latentes desse gesto podem ser corroborados pela oração seguinte – “e ele tá lá cheirando os pés dela” –, ou seja, o gesto é a expressão de uma relação hierárquica em que Camila manda em Roberto.

Roberto é caracterizado por meio de Processos Relacionais Atributivos Intensivos como “trabalhador” e “honesto”. Pedro começa a produzir significados avaliativos de Roberto a partir de julgamentos de sanção social positivos, relacionados com elogios de seus atributos: trabalhador e honesto. Roberto faz ação material de “jogar” sinuca e truco e, no momento em que é representado assim, Sérgio sorri e Augusto sorri para Sérgio, num gesto de canal de resposta compondo configurações vinculares que referendam a produção de significados que está acontecendo.

Pedro continua a recontagem de eventos falando que, no dia em que Roberto “tomou uma tacada” de Camila, ele nem viu o que tinha acontecido, e que depois “contaram” para ele. O grupo ri, em sinal de alinhamento, de compartilhamento de valores. Pedro reconta o que falou para Roberto: “Eu te avisei pra ir embora porque o bicho tava no corpo dela” e, nesse momento, o grupo ri novamente. Sérgio pergunta, em tom de ironia: “o bicho tava no corpo dela?”. Ele repete a atribuição que Pedro dá a Camila. O que chama a atenção aqui é a forma atributiva com que Camila é caracterizada – com um bicho no corpo –, o potencial de significado latente que, nesse caso, o item lexical “bicho” possui – equivalente a demônio, como mencionado na análise anterior – e a forma irônica de representação que é repetida por

⁴² “Ele” se refere a Pedro.

um integrante do grupo, produções de significado estas que, de forma orquestrada, posicionam Camila como violenta e perigosa. As configurações vinculares que estão desenhadas nesse momento, no grupo, fazem referência a sistemas de cumplicidade entre os participantes, que se alinham articulados a valores comuns, ou seja, todos concordam com o que está sendo dito.

No turno 6, Pedro avalia Camila como “fogo”, num julgamento de sanção social negativo, e acrescenta: “Ela é pequena, mas Deus que me perdoe”. Camila continua sendo posicionada como violenta e temível, e o grupo ri por duas vezes, para além de Augusto, no turno 7, repetir sorrindo e em tom de ironia as palavras de Pedro: “Deus que me perdoe...”.

No turno 9, o coordenador interfere na produção de significado que está sendo construída no grupo a partir de um Processo Mental Cognitivo, dizendo para Pedro que seria bom “ver o que está por trás desta história” de Camila e Roberto. Pedro tem fala sobreposta à do coordenador, dizendo que Camila “tem um ciúme doentio” de Roberto. “Ciúme doentio” é um item lexical atitudinal híbrido, no nosso entendimento, pois ele se refere tanto a um julgamento de sanção social negativo de tipo propriedade quanto a um afeto negativo de insegurança, no caso, de Camila. Nesse momento, o coordenador tenta questionar o que foi nomeado como ciúme doentio, alinhando-se à posição de Camila e perguntando: “Por que será que ela tá tão interessada que ele saia do bar e vá para casa?”. Pedro responde de forma propositiva: “João Paulo, minha irmã só fica com as pernas pra cima, sô” (turno 12). Usando um vocativo, ele busca intimidade, envolvimento e afiliação com o coordenador, e continua, numa reação avaliativa: “Fico até impressionado. Às vezes ela PAGA meu sobrinho ou minha sobrinha pra lavar umas vasilhas, umas coisa assim. DVD, ela pode abrir uma locadora. É o que mais tem na casa dela... DVD.” Aqui, Pedro usa gestos de ênfase e entonação marcada nas palavras transcritas em caixa alta. Tal *design* produz significados de vigor e impacto propositivo, e na FIG. 9 demonstramos os gestos de ênfase.

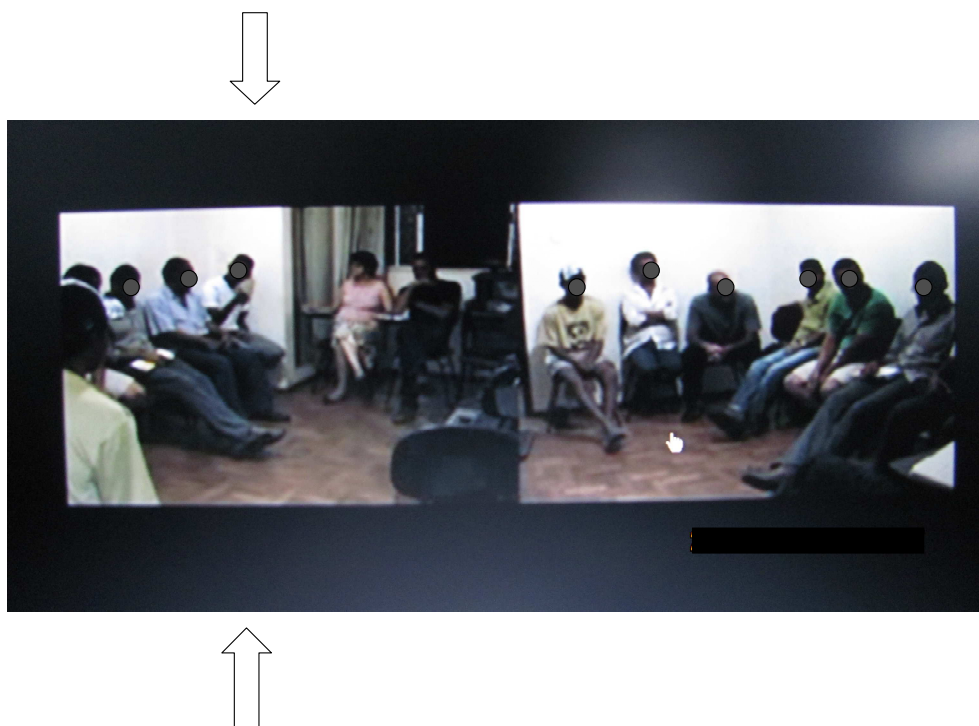


FIGURA 9 – Gestos de ênfase

Pedro continua produzindo significados negativos sobre Camila, nomeando-a como “uma péssima mulher” e afirmando que “pra {ser} dona de casa não vale nada”. Esses dois julgamentos de estima social negativos de tipo capacidade são valores socialmente compartilhados, que dizem respeito ao reconhecimento social de algo. Esse tipo de julgamento (de estima social) não é regulado por leis, mas é reforçado pelos valores culturais e, nesse caso, os valores tradicionais de gênero em que uma mulher é “péssima” se não cumpre “suas” tarefas domésticas com eficiência é veiculado aqui por meio desses julgamentos.

Em resposta aos questionamentos de Pedro – “Roberto, pelo amor de Deus, o que que é isso?” –, o cunhado responde “deixa pra lá, eu amo essa nega”. Representado como Participante de um Processo Mental Emotivo, Roberto é descrito como aquele que “ama essa nega”, Camila. O afeto positivo de felicidade “ama” é veiculado caracterizando o sentimento de Roberto, e logo Pascoal sugere: “Fala pra ele procurar a lei Mário da Penha”. Num tom de humor irônico, Pascoal acrescenta: “Tá vendo, vamos pensar o reverso da situação. Tá vendo, como é homem que apanha não acontece nada”. Buscando vínculos e se posicionando como liderança que mobiliza o grupo com o Processo Mental Cognitivo de “pensar o reverso da situação”, Pascoal introduz o Participante “homem que apanha”. Se, nas análises anteriores,

os homens apareceram como vítimas, aqui essa produção de significados é reforçada, em contraste com aquelas escolhidas para mostrar Camila, uma Participante Representada⁴³ que guarda referências com a categoria genérica mulheres, ou seja, é utilizada pelos membros do grupo como a imagem representativa das mulheres com as quais eles convivem e é alvo de avaliações negativas.

No Quadro 9, a seguir, sintetizamos a produção de significados veiculada neste recorte de análise.

Significados	Recursos Semióticos	Orquestração de Significados
Camila/mulher	<ul style="list-style-type: none"> - Processos Materiais + itens lexicais avaliativos negativos: <ul style="list-style-type: none"> • não dá um pingão de importância para o marido. - Processos Relacionais + itens lexicais avaliativos negativos: <ul style="list-style-type: none"> • com um bicho no corpo. • tem um ciúme doentio de Roberto. • uma péssima mulher. • pra {ser} dona de casa não vale nada. 	Posição de Camila e das mulheres nas relações de casamento: violenta, perigosa e sem as habilidades domésticas para ser reconhecida como “boa mulher”.
Roberto/homem	<ul style="list-style-type: none"> - Processos Materiais: <ul style="list-style-type: none"> • cheirando os pés de Camila. • joga sinuca e truco. - Processos Relacionais + itens avaliativos positivos <ul style="list-style-type: none"> • trabalhador. • Honesto. - Processo Mental + afeto positivo <ul style="list-style-type: none"> • amo essa nega. 	Posição de Roberto e dos homens nas relações de casamento: submissão e honradez.
Humor	<ul style="list-style-type: none"> - em forma de ironia. - riso grupal. 	Tensão na discussão; estratégia para reverter significado.
Ênfase	<ul style="list-style-type: none"> - esticar as duas mãos para a frente. - aumento da entonação. 	Realce que institui caráter de verdade nas proposições.
Cumplicidade/ Vínculo	<ul style="list-style-type: none"> - Vínculo do coordenador com a posição de Camila (legitimidade da vontade dela). - sorriso de um participante para o outro. - riso grupal. - participante liderando o processo reflexivo do grupo: “vamos pensar o reverso da situação”. 	Tentativa de articulação com valores de Camila e das mulheres; articulação dos membros entre si a partir do compartilhamento de valores comuns.

QUADRO 9 – Orquestração dos significados – análise 3

⁴³ De acordo com a gramática do Design visual (KRESS e VAN LEEUWEN, 1996, 2006), os Participantes Representados são os que figuram nas imagens, os personagens. Os Participantes Interactantes são os que interagem com elas, observando-as, ou seja, os observadores/leitores das imagens. Como tal termo técnico partiu da interação face a face, segundo esses autores, usaremos aqui o termo Participantes Representados como aqueles que não participam da interação.

Sintetizando esse recorte de análise, percebe-se que o significado construído nessa interação diz respeito ao que se passa em uma relação violenta a partir da recontagem de eventos mobilizada por um membro do grupo. Assim, podemos identificar a produção de um núcleo de significado a partir do desenvolvimento de dois outros: um sobre Camila – enquanto pessoa e, ao mesmo tempo, como representante da categoria mulheres – e outro sobre Roberto – enquanto pessoa e também como representante da categoria homens. Por isso, o estilo desse recorte faz referência à caracterização de duas pessoas: uma avaliada negativamente e outra avaliada positivamente.

Em relação à estética de tal produção de significados, verificamos que a caracterização desses dois atores sociais e, ao mesmo tempo, personagens de uma história, posiciona-os em lugares fixos e antagônicos. Assim, a política do estilo – a estética – se organiza por meio do arranjo valorativo que realça qualidades de um e defeitos de outro, posiciona um como alvo de julgamentos socioculturais positivos e o outro como desviante dessas normas.

As escolhas de representação e valoração, bem como o arranjo que elas assumem, de acordo com as estratégias de montagem dos participantes do grupo, indicam alinhamentos éticos que fazem referência à justificação e banalização da violência, conforme já foi salientado na discussão do recorte anterior. Vale ressaltar que tal sistema ético é alimentado por estratégias ideológicas de inversão e ocultamento da realidade gerando o significado de que onde todos são culpados não é possível encontrar responsáveis.

4.2.4 Análise 4 – Reflexão e responsabilização: “Não adianta eu dizer que eu não sou culpado”

Este recorte de análise ocorreu na abertura da reunião⁴⁴, aos 6 minutos do início, momento em que se comentava sobre a desistência e, conseqüentemente, o desligamento de um membro do grupo. Como foi explicitado na metodologia, neste programa de grupos, os participantes que faltam por dois encontros consecutivos e não apresentam justificativa são automaticamente considerados desistentes. A coordenação aproveita os comentários iniciais sobre o desligamento de um membro e inicia a conversa falando sobre a função do grupo.

Neste dia, comparecem dois membros que faltaram ao encontro anterior – Marcelo e Elias –, e Ricardo faltou. Nesta interação, participaram como falantes a coordenadora do grupo e os participantes Pascoal e Augusto. Os demais participantes, tais como o coordenador

⁴⁴ O recorte de análise pertence ao terceiro dia de gravação dos dados da pesquisa.

do grupo, Sérgio, Marcelo, Pedro, José, Édson, Elias e Miguel não tiveram fala neste momento, mas participam da interação com outros recursos multimodais. No Quadro 10, apresentamos a transcrição da interação, e no Apêndice E a microanálise dos dados, com a marcação de movimentos corporais e classificação de Processos e itens lexicais avaliativos.

Turno	Falante	Texto separado em orações
1	Coordenadora	(i) O grupo não faz milagre. (ii) Nós não somos pessoas que transformam a cabeça de outras pessoas. (iii) Na verdade as pessoas que estão aqui, né (iv) devem ter um mínimo de disponibilidade (v) de pensar algumas coisas, né? [[Augusto balança a cabeça concordando]] (vi) Pensar nas suas atitudes, (vii) pensar nas coisas que pensam, (viii) para que a gente possa = =
2	Pascoal	(i) rever as coisas, (ii) rever as nossas posições, né?
3	Coordenadora	(i) É, (ii) fazer alguma revisão, (iii) você falou uma coisa bacana, Pascoal.
4	Pascoal	Rever, É...(i) [pernas cruzadas] Eu tô fazendo uma auto crítica aqui, (ii) desde que eu cai aqui, (inaudível) (iii) já que eu cai aqui no grupo, (iv) já que eu cai nesta situação, (v) eu devo estar errado mesmo. [braços cruzados] (vi) e eu... quando eu bebo, [estica mão esquerda para a frente] (vii) eu esqueço de tudo. [gestos com as mãos] (viii) No dia que eu quebrei os 3 vidros da mulher [início de longa sequência de gestos rápidos com as mãos acompanhando a fala], (ix) que é o motivo de eu estar aqui, (x) eu não lembro de ter quebrado, não. (xi) Eu fui na delegacia (xii) e eles falaram: (xiii) você quebrou o vidro? (xiv) Eu falei: (xv) ó, eu não lembro não, (xvi) mas muita gente me falaram no outro dia (xvii) que eu quebrei, (xviii) eu acredito (xix) que eu tenha quebrado mesmo. (xx) Eu faço as coisas (xxi) e nem sei o que eu tô fazendo [gestos de mãos alternados para a frente e para trás em todo o período] [[movimentos nas cadeiras de Sérgio, José e Miguel. Miguel coça cabeça]] (xxii) Então quer dizer, eu, eu não sou... (xiii) não adianta eu dizer que eu não sou culpado, (xxiv) que eu não me lembro, (xxv) que eu tava tonto, (xxvi) mas antes de eu beber o primeiro gole (xxvii) eu sabia (xxviii) que se eu bebesse mais um gole (xxix) eu ia fazer besteira. (xxx) Então eu sou culpado (xxxi) por ter bebido antes (xxxii) não por ter feito o negócio depois (xxxiii) já que eu sei (xxxiv) que quando bebo (xxxv) eu faço besteira (xxxvii), então não bebo, [[Ricardo se mexe na cadeira e coça cabeça]] (xxxviii) então é arriscado eu fazer besteira, (xxxix) então eu não devo beber, né? ... [pausa 1s] (xl) Então eu tô pensando muito nisto, ultimamente
5	Coordenadora	(i) É, pois é, (ii) e mais do que você falar isto, né Pascoal, (iii) você tem que escutar isto, né?... [pausa 2s] [[os participantes olham para a coordenação. Augusto olha para Pascoal]] (iv) Você tá rindo, né?
6	Pascoal	(i) não, como assim?
7	Augusto	(i) ele entendeu, [[apontando para Pascal e olhando para coordenação]] (inaudível)
8	Coordenadora	(i) Mais do que falar isto, né... (ii) você tem que escutar (iii) o que você mesmo tá falando [[José olha para cima]]
9	Pascoal	(i) Eu tô lutando pra parar de beber, (ii) eu tô na igreja (iii) tentando parar [[José boceja em alto som]] (iv) Eu tô lutando pra parar, (v) este é o meu problema. (vi) A bebida era meu problema em geral. (vii) Eu sem bebida sou uma boa pessoa, (viii) na moral pode acreditar. A bebida é que me estraga.

QUADRO 10 – Transcrição da interação – análise 4

Neste recorte, um sujeito de pesquisa tem um longo turno de fala, e isto acontece porque ele dá um depoimento da reflexão que tem feito no curso do processo do grupo e reconta a história que o levou a ser denunciado nas instâncias judiciais. Segundo Eggins e

Slade (1997), o fato de haver uma narrativa pessoal em uma conversação denota que uma identidade social e um relacionamento interpessoal está sendo encenado. Este recorte, portanto, é menos interativo e mais autoral, na medida em que um sujeito de pesquisa negocia sua identidade, como veremos na análise a seguir.

Em termos de estrutura conversacional, a interação descrita aqui se inicia com uma fala da coordenação (turno 1) comentando sobre a função do grupo e dos diferentes posicionamentos dos participantes nesse espaço, ou seja, alguns refletem sobre seus atos violentos e outros não. Augusto concorda, balançando a cabeça, num gesto de canal de resposta. Antes de terminar a fala, a coordenação é interrompida com a tomada de turno de Pascoal (turno 2), que completa a oração iniciada pela coordenação, numa atitude de suporte e alinhamento. Em termos de configurações vinculares, os participantes se mostram empáticos com as proposições da coordenadora, propiciando um jogo de posicionamento em que eles se veem implicados a fazerem uma revisão sobre suas práticas violentas, ou seja, entram na posição de reflexivos.

A partir do turno 4, segue-se longa fala narrativa de Pascoal e, após pequenas intervenções da coordenação e de Augusto, ele fecha sua exposição no turno 9. A produção de significados que Pascoal começa a construir sobre sua experiência no grupo se inicia com uma ação material, ou seja, relata que, naquele momento, estava “fazendo uma auto-crítica” sobre sua participação no grupo, seguindo com outras representações materiais, tais como “cair aqui”, “cair no grupo” e “cair nesta situação”. As ações materiais denotam uma quantidade de energia produzida e que está relacionada com o fazer e o acontecer. Visto que uma das principais funções do grupo é propiciar reflexões sobre as práticas violentas dos participantes, a primeira representação material “fazendo uma auto-crítica” pode indicar um nível de comprometimento, identificação e pertencimento ao processo grupal, condizente com a postura desejável dos seus membros.

O fato de o participante representar a sua chegada ao grupo por quatro vezes como “cair aqui”, “cair no grupo” e “cair nesta situação”, usando também Processos Materiais, pode demonstrar sua percepção real de que o grupo não foi uma escolha ou um ato voluntário, pensado e desejado, mas uma circunstância na qual ele se viu envolvido. A percepção do fato desta forma tem a ver com a condição de encaminhamento para o grupo que acontece através de encaminhamento judicial, como foi explicitado na metodologia, ou seja, é um acordo firmado e que supõe comprometimento dos participantes.

Na oração v do turno 4, Pascoal continua sua exposição, dizendo que, como fruto de sua autocrítica, ele se julga “errado”. O item lexical “errado” é um julgamento de sanção

social negativo e que, neste caso, o participante atribui a si mesmo, a partir do Processo Relacional Atributivo Possessivo na oração “eu devo estar errado mesmo”. A partir dessa declaração, que vem acompanhada do modalizador “devo”, o participante inicia seu argumento explicativo, completando que “quando eu bebo, eu esqueço de tudo” (vi, vii, turno 4). O uso do Processo Material “beber” vem seguido do Processo Mental Cognitivo “esquecer”, indicando que, de acordo com a perspectiva representacional do falante, seus comportamentos, sob efeito de bebida alcoólica, não são lembrados por ele.

Pesquisas sobre violência doméstica apontam que, no momento das agressões, a maioria dos agressores está sob efeito do uso abusivo de álcool e drogas. No entanto, esse fato não pode ser lido como causa e efeito, pois há precisamente dois problemas que precisam ser explicitados, ou seja, dois níveis que precisam ser esclarecidos. O primeiro deles está relacionado com os potenciais violentos de determinados atores sociais, baseados em ideias, práticas, crenças e contextos em que sentem que podem e/ou devem usar violência. A autorização social e subjetiva faz com que o sujeito que pratica violência doméstica de forma reiterada se sinta livre e com o direito de assim o fazer. O segundo nível diz respeito ao uso abusivo de substâncias que alteram a consciência, problema social e de saúde pública de grandes proporções e que faz parte da socialização masculina tradicional, que tem em seus construtos de valores o incentivo ao uso sem limites e irresponsável de substâncias entorpecentes⁴⁵. Em outro recorte, em que os participantes falam do incentivo social para se ingerir bebidas alcoólicas, este ponto será mais explicitado. Por agora, o que precisa ficar claro é que nem todas as pessoas que usam e/ou abusam de álcool e drogas têm comportamentos violentos. Por isso, não há ligação de linearidade absoluta entre uso/abuso de substâncias e práticas violentas. No entanto, o participante Pascoal tentará construir um discurso baseado no senso comum de que a causa de seus atos violentos foi a bebida, como veremos a seguir.

Entre as orações viii e xix (turno 4), Pascoal reconta, num padrão conversacional narrativo, a história de violência que o levou a ser denunciado nas instâncias judiciais, dizendo que naquele dia estava alcoolizado e que não se lembra do que aconteceu. Nesta parte da interação, o participante usa gestos rápidos com as mãos, na medida em que narra o evento violento. Antes, sua postura corporal era mais quieta, com poucos movimentos e braços e pernas cruzados. O fato de haver mudança na postura corporal de um estágio menos movimentado (braços e pernas cruzadas) para outro mais movimentado (com longa sequência

⁴⁵ Este aspecto da socialização masculina será desenvolvido na análise 5.

de gestos rápidos, conforme FIG. 10) indica que o participante usa formas diferenciadas para representar coisas distintas. Assim, num jogo de posicionamento mais reflexivo sobre seu aproveitamento no grupo, ele passa a outro posicionamento, ao recontar e justificar a cena de violência, conforme veremos mais adiante.



FIGURA 10 – Movimentos com as mãos

Após o relato da cena de violência (turno 4, viii a xix), o que chama a atenção é a oração (xxii) “então quer dizer... eu, eu não sou...”, na qual o sujeito de pesquisa não completa a construção oracional, deixando o significado em aberto. A oração com o Processo Relacional “sou” é abandonada, e nenhum Valor ou Atributo referente a ele é concretizado neste momento. Esse abandono do significado identitário é seguido por um longo período com orações encaixadas: “não adianta eu dizer que eu não sou culpado, que eu não me lembro, que eu tava tonto, mas antes de eu beber o primeiro gole eu sabia que se eu bebesse mais um gole eu ia fazer besteira”.

De acordo com uma perspectiva dialógica considerada, principalmente, por autores como Bakhtin (2001), observamos neste excerto como a comunicação está organizada dinamicamente, de forma que o enunciado tem pelo menos duas vozes: a do sujeito de pesquisa (o eu) e de seus ouvintes (os outros). O abandono da oração xxii indica que o sujeito reformula seu discurso de acordo com os valores veiculados dentro do grupo. Ele sabe

implicitamente que uma construção contrastiva e de recusa/negação do tipo “então quer dizer... eu não sou culpado” provavelmente se seguiria a outra reação contrastiva dos seus ouvintes e, mais especificamente, da coordenação do grupo.

No longo período que se segue, após o abandono da oração xxii, o participante inicia seu argumento tomando como base o posicionamento ideológico e de valor da coordenação do grupo, quando afirma que “não adianta eu dizer que eu não sou culpado”. Produzindo o significado por meio de uma construção discursiva contrastiva e de negação, o participante se alinha aos valores do grupo, veiculados pela coordenação, buscando solidariedade e se antecipando a uma reação negativa da mesma.

Nesse conjunto oracional, dois itens lexicais avaliativos – “culpado” e “fazer besteira” – são representativos na construção discursivo-identitária do sujeito de pesquisa. Julgamentos negativos de sanção social, tais itens lexicais dizem respeito a conteúdos ético-morais de comportamentos sociais. Aqui, o primeiro conteúdo avaliativo vem organizado através do período “não adianta eu dizer que eu não sou culpado”, e o segundo está expresso em “eu sabia que se eu bebesse mais um gole eu ia fazer besteira”. Neste momento, Pascoal reflete sobre seus atos, julga a si mesmo com o termo “culpado”, de forma dialogicamente contrastiva, e classifica o que fez como “besteira”.

Nas orações seguintes (xxxii a xli), Pascoal retoma o mesmo tema, argumentando e justificando que “então eu sou culpado por ter bebido antes, não por ter feito o negócio depois”. Num jogo de posicionamento em que inclui uma reflexão sobre o que fez antes e o que fez depois, Pascoal tenta se eximir do julgamento de sanção social “culpado” para explicitamente se distanciar da responsabilidade sobre seus atos violentos. Atribuindo o ato violento a uma cadeia temporal de acontecimentos na qual o problema se localiza no ato de beber antes e não no fato de ter cometido violência depois, o falante fecha o turno com as seguintes declarações: “já que eu sei que quando bebo eu faço besteira, então não bebo, então é arriscado eu fazer besteira, então eu não devo beber, né? Então eu tô pensando muito nisto, ultimamente”.

Nessas afirmações, com vários contrastes negativos e presença marcante de heteroglossia, o falante endereça dialogicamente uma comunidade de valores ideológicos que postula o mal da bebida. Escolhendo representar seus atos pela via de Processos Materiais junto a polaridades negativas – “então não bebo” e “então eu não devo beber” – ele encena comportamentos desejáveis a uma audiência com a qual tem interesse em se alinhar ideologicamente.

Martin e White (2005) discutem que esses mecanismos de engajamento de tipo contrastivo, ou seja, com falas categóricas e com características de endosso propositivo, apresentam-se de forma complexa no discurso. De forma mais específica, os engajamentos discursivos que são processados através de negações necessariamente chamam ao diálogo sua contraparte, as posições positivas de tais proposições. Assim, podemos analisar a produção de significados deste sujeito de pesquisa como uma espécie de luta para se apresentar com uma identidade consciente, reflexiva, com ideais e metas. Importante notar que sua narrativa é extensa e que alguns membros do grupo demonstram uma atitude incomum durante sua fala, tal como coçar a cabeça. Outra expressão dos participantes que chama atenção é a movimentação em conjunto nas cadeiras, ou seja, todos se mexem ao mesmo tempo em um determinado momento. Os membros do grupo terão outras expressões multimodais que darão mais pistas sobre a percepção, a reação e avaliação deles sobre o discurso de Pascoal, como veremos mais adiante.

No turno 5, a coordenadora intervém no discurso de Pascoal, dizendo que “mais do que você falar isto, né Pascoal, você tem que escutar isto, né?”. Usando um vocativo e chamando a atenção do participante sobre a necessidade de ele operacionalizar o que foi dito por ele mesmo, a coordenadora do grupo usa o Processo Comportamental “escutar” para marcar uma postura, um comportamento, uma atitude desejável. Neste momento, todos os membros do grupo que se encontravam com relativo nível de dispersão, denotado, principalmente, pelas posturas corporais, olham para a coordenação. Pascoal sorri, e Augusto foi o único membro do grupo que viu tal comportamento do colega para além da coordenadora, que pergunta “Você tá rindo, né?”.

De acordo com o que observamos antes, o riso e as situações de humor dão visibilidade a pontos de tensão na relação interpessoal e indicam que um aspecto sério e outro não sério estão acoplados e sendo veiculados ao mesmo tempo. Neste momento do grupo, há uma espécie de confronto a partir da fala da coordenadora, que posiciona Pascoal como agente de mudança sobre si mesmo e suas práticas, mas ele procura se esquivar, numa atitude de não entendimento: “não, como assim?” (turno 6). Augusto aponta para Pascoal e, olhando para a coordenação, afirma: “ele entendeu” (turno 7). Se, no jogo de posicionamento, Pascoal tenta se esquivar da capacidade de agência sobre si mesmo, através das configurações vinculares do grupo e, mais especificamente através da intervenção de Augusto, ele é posicionado como capaz de operar mudanças, como agente social consciente e responsável.

Apesar deste jogo de fuga articulado pela cortina de fumaça que Pascoal tenta montar, a coordenadora, no turno 8, repete basicamente o que havia dito no turno 5 e, neste momento,

há uma expressão incomum no grupo, pois José olha para cima. Esse recurso semiótico não será analisado aqui, pois, seguindo a concepção de orquestração de significado, ele tomará sentido somente no momento seguinte.

No turno 9, Pascoal continua: “Eu tô lutando pra parar de beber. Eu tô na igreja tentando parar”. Representando suas ações com Processos Materiais e Relacionais, ele busca novamente a solidariedade de sua audiência e, neste momento, José boceja em alto som. O tom e altura do bocejo, o momento e o contexto em que ele é operado são indicativos de que José avalia negativamente a produção de significado que Pascoal está montando. Numa perspectiva de orquestração de significados, os outros membros do grupo já apresentavam comportamentos incomuns, dando forma a configurações vinculares com expressões de impaciência, dispersão e não aprovação da fala de Pascoal⁴⁶. Vale lembrar também que José olhava para cima antes de Pascoal iniciar o turno 9, e tal recurso semiótico, juntamente com o bocejo, tomam o significado avaliativo de descrédito e não autorização.

Ao final de sua exposição, Pascoal afirma que “Eu sem bebida sou uma boa pessoa, na moral pode acreditar” (turno 9). Veiculando um julgamento positivo de sanção social de “boa pessoa”, Pascoal usa o Processo Relacional Identificativo para designar a si próprio uma avaliação moral. Aqui, fica claro o quanto este participante chama para si a solidariedade do grupo, a qual começa a ser esboçada desde o início de seu discurso.

Nas interações, frequentemente encenamos identidades sociais a partir de nossos posicionamentos, valores, opiniões, visões, lógicas. No contexto de grupo, a busca de afirmação e *status* encontra-se realçada, pois este é notadamente um espaço de troca de ideias e valores no qual cada membro tem a oportunidade de se posicionar, propiciando, assim, o relacionamento e movimento dentro do grupo.

A produção de significados construída por Pascoal é permeada por ambivalência, pois ora ele se representa como culpado, ora se esconde atrás de um vício de bebida e justifica sua violência. Assim, ele afirma e nega sua culpa e seu erro, admite algumas ações concretas e, ao mesmo tempo, afirma que não se lembra do que fez.

Essas construções identitárias paradoxais provavelmente causaram certo desconforto nos outros membros do grupo, pois eles mostram sinais de impaciência, produzidos, principalmente, por posturas corporais e olhares dispersos. Esse clima fez com que o grupo

⁴⁶ Para nos eximir de problemas de interpretação, o restante do vídeo foi minuciosamente analisado, e todos os movimentos de José foram monitorados, no sentido de verificar se o bocejo seria proveniente de cansaço. José apresentou mais um bocejo nos 3 minutos subsequentes, mas sem som alto e de forma moderada e, no restante do encontro (cerca de uma hora e 50 minutos), o participante não mostrou mais bocejos, ou seja, formas de cansaço.

avaliasse negativamente Pascoal, com posturas corporais que vão desde o coçar da cabeça, o bocejar em som alto e, verbalmente, no confronto que Augusto faz, no turno 7, dizendo que Pascoal havia entendido o que foi dito a ele pela coordenação. Esses Modos semióticos têm significados avaliativos importantes na interação.

Esses jogos de posicionamento acabam por desautorizar o discurso de Pascoal, que buscava solidariedade com a coordenação e com os membros do grupo, a ponto de, ao final, ele se identificar como uma boa pessoa e, usando um Processo Mental, afirmar: “pode acreditar”. Enquanto um padrão conversacional narrativo que envolve a exposição de um problema (nesse caso, a experiência real do falante) e deveria conter (aos moldes das narrativas) a solução final da questão, verificamos que Pascoal não projeta um desfecho para sua questão, ou seja, ele não fecha completamente o ciclo estrutural da narrativa e, mais do que isso, tenta se esquivar da tarefa.

No Quadro 11, sintetizamos os significados produzidos nesta interação, bem como a orquestração de significados que eles formaram:

Significados	Recursos Semióticos	Orquestração de Significados
O grupo	Processos Materiais: cair no grupo, cair nesta situação. Processos Mentais: rever posições, pensar sobre posicionamentos.	Reflexão pessoal gerada a partir da inclusão no grupo. O grupo como inesperado.
Ações e Julgamentos sobre si mesmo	Léxicos avaliativos: <ul style="list-style-type: none"> • Errado. • Culpado. • (Fazer) besteira. • Boa pessoa. - Processos Relacionais conjugados com léxicos avaliativos. - Processos Materiais: beber, quebrar (os vidros), fazer (besteira), lutar (para não beber). - Processos Mentais: esquecer, não lembrar, não saber (o que está fazendo).	Construção paradoxal de significados identitários.
Dispersão e incômodo do grupo	- Olhar para cima. - Movimentos em conjunto nas cadeiras.	Impaciência.
Avaliações sobre o discurso de Pascoal	- Coçar a cabeça. - Bocejar em alto som. - Afirmação de colega: “ele entendeu”.	Desautorização, descrédito e confronto avaliativo.
Busca de solidariedade	- Heteroglossia: busca de alinhamento com valores da coordenação, sem confronto contrastivo. - avaliação positiva de si mesmo: boa pessoa.	Afirmação de identidade positiva

QUADRO 11 – Orquestração dos significados – análise 4

De forma geral, percebemos nesse recorte que o estilo desse sujeito de pesquisa, organizado por meio de um padrão conversacional narrativo, está relacionado com escolhas de representação e de avaliação sobre si mesmo de forma ambígua. Narrando um acontecimento problemático do passado, ele se avalia como errado, culpado e faz várias ações materiais, em sua maioria, beber e quebrar. Por outro lado, também se avalia como boa pessoa e se posiciona como alguém que está lutando para parar de beber. A estética de tais arranjos de significados não gera solidariedade no grupo, pelo contrário, os membros acabam por avaliar negativamente a produção identitária de Pascoal, provavelmente porque ele se apresenta de forma paradoxal e tenta justificar, numa matemática disforme, que ele fez algo (que admite), mas que não pode ser responsabilizado por isso.

O substrato valorativo que rege essa produção de significados, ou seja, o nível ético, tem a ver com um contexto de justificação, banalização da violência e não reconhecimento dos danos causados por ela, pois Pascoal reconhece, de forma modalizada, seus atos, mas não chega a responsabilizar-se por eles.

4.2.5 Análise 5 – A construção da masculinidade: “Pra ser homem tem que beber”

Esta interação aconteceu aos 25 minutos do início da reunião⁴⁷ e foi provocada pela coordenadora, pois o grupo iniciava um debate sobre o uso de álcool, a partir do relato narrativo de Pascoal (análise 4), que contava sua experiência. Além de Pascoal, Elias também era alcoolista e, naquele momento, estava em abstinência havia dois anos e trabalhava como coordenador de um grupo dos Alcoólicos Anônimos – AA.

Nesta interação, participaram como falantes a coordenadora e o coordenador do grupo e os participantes Pascoal, Augusto, Marcelo, Elias e Pedro. Os demais participantes, tais como Sérgio, José, Édson e Miguel, não tiveram fala nesse momento, mas participaram da interação com outros recursos multimodais. No Quadro 12, foi feita a transcrição da interação e, no Apêndice F, a microanálise dos dados, com a marcação de movimentos corporais e classificação de Processos e itens lexicais avaliativos.

⁴⁷ O recorte de análise pertence ao terceiro dia de gravação dos dados da pesquisa.

Turno	Falante	Texto separado em orações
1	Coordenadora	(i) Alguém aqui já passou pela situação, por exemplo, (ii) de uma pessoa virar e falar assim: (iii) e ai, você não vai beber não? (iv) Bebe ai, (v) dá uma relaxada. [[Pascoal e Elias levantam a mão. Marcelo estica o dedo indicador para a frente buscando turno.]]
2	Marcelo	(i) Eu já passei. [estica o indicador para a frente buscando o turno]
3	Pascoal	(i) Eu também já passei por isto.
4	Coordenadora	(i) Você é claro, né? [olha para Pascoal] [[todos riem e se movem nas cadeiras]] (ii) Elias também, né? [olhando para Elias] (iii) Todo mundo, né?
5	Pascoal	(i) Ô Cláudia, você é má, heim? [olha para coordenadora sorrindo]
6	Coordenadora	(i) O que? [olha para Pascoal sorrindo]
7	Pascoal	(i) Ficou vermelhinha, (ii) mas você é má, viu? (iii) Eu é claro? [sorrindo e reproduzindo parte da fala da coordenadora (é claro)]
8	Elias	(i) Beber... (ii) pra ser homem (iii) tem que beber. (iv) Bebe ai (v) pra você mostrar (vi) que você é homem. [i a vi – reproduzindo voz de outrem]
9	Coordenador	(i) Boa. (ii) Tem até competição: (iii) você não bebe nada... (iv) só eu que bebo aqui neste lugar, né? [iii e iv reproduzindo voz de outrem]
10	Marcelo	(i) Um homem deste tamanho tomando refrigerante [reproduzindo voz de outrem]
11	Coordenador	(i) Tomando refrigerante... [reproduzindo voz de outrem e repetindo o que foi dito no turno 10] (ii) Dá um copo de leite pra este cara aqui, garçon [reproduzindo voz de outrem] (iii) não é?
12	Marcelo	(i) Copo cheio! [reproduzindo voz de outrem]
13	Pedro	(i) Ou então fala assim: (ii) as meninas estão perguntando se você não bebe (inaudível) [reproduzindo voz de outrem e esticando a mão para a frente] (iii) às vezes você tá com a mulher (inaudível) (iv) ela pra aparecer (inaudível) (v) incentivando você a beber
14	Marcelo	(i) Pondo pilha, né? [estica mão para a frente]
15	Coordenador	(i) Aliás é isto né? [[Pedro se inclina para a frente e se mantêm com os cotovelos nas pernas olhando para baixo até turno 19]] (ii) Passa por isto... [[Miguel se ajeita na cadeira e logo depois Marcelo se ajeita na cadeira]] (iii) incentivar, né? (iv) Dar um ok, assim [2 seg]. (v) Beba [2 seg] [reproduzindo voz de outrem]
16	Marcelo	É. (i) Um empurrão: bebe ai pra você mostrar que é homem [reproduzindo voz de outrem]
17	Coordenador	(i) A sociedade incentiva, (ii) estimula
18	Pascoal	(i) Ô gente, o que que a bebida é (inaudível) o que a bebida é (inaudível) aquela reportagem no jornal, [braços e pernas cruzadas] (ii) o cara foi preso três vezes (iii) dirigindo embrigado de madrugada (iv) e passava no bafômetro, (v) três vezes ele foi acusado, (vi) só coisa séria. (vii) Uma vez ele foi correndo da polícia até em casa (viii) vestiu o pijama (ix) e quando a polícia prendeu ele (x) a mulher dele que entregou ele [descruza as pernas e começa série de gestos circulares com as mãos até xiv] (xi) não, ele chegou aqui em casa agora (xii) e vestiu o pijama. (xiii) É ele mesmo [xi a xiii reproduzindo voz da mulher] (xiv) Vocês não assistiram isto não? [[Sérgio e Augusto balançam as cabeças afirmativamente]]
29	Elias	(i) Eu vi
20	Augusto	(i) Semana passada
21	Pascoal	(i) Vocês viram? (ii) Sem vergonha. (iii) Não tomaram a carteira dele.
22	Marcelo	(i) Tomaram sim!
23	Augusto	(i) Tomaram sim!

QUADRO 12 – Transcrição da interação – análise 5

Esse recorte tem a predominância de Processos Materiais (41/63) que denotam ações e eventos concretos relacionados com a experiência de socialização dos membros do grupo, pois elas constroem acontecimentos com os quais eles estiveram ou estão envolvidos: o incentivo ao uso do álcool. Essa é uma experiência muito comum na socialização masculina, e aqui os participantes do grupo produzem significado sobre as pressões e os mandatos sociais que os identificam e caracterizam como homens por essa prática de beber bebida alcoólica. Nesse sentido, a segunda predominância de Processos é Relacional (13/63), que funciona atribuindo a característica “ser homem” e também identificando um sujeito genérico “homem” (turno 8) por um lado e, por outro lado, é usado para identificar a coordenadora como “má” (turnos 5 e 7).

No início dessa interação, a coordenadora pergunta se eles identificam a experiência de terem sido estimulados a beber álcool, e prontamente três participantes buscam o turno, levantando o dedo e esticando o braço para a frente. Marcelo e Pascoal respondem afirmativamente e, no turno 4, a coordenadora, em tom de ironia, fala para Pascoal e Elias “Você é claro, né? Elias também {passou}, né?”. Ela endereça os dois pelo olhar e através de vocativos, e o grupo ri, criando afiliação com o tom de humor proposto pela coordenadora. O riso é descontraído e acompanhado por movimentações dos participantes nas cadeiras.

Pascoal interpela a coordenadora com um sorriso, dizendo: “Ô Cláudia, você é má, heim?”, e ela responde com um sorriso, enquanto ele acrescenta: “Ficou vermelhinha, mas você é má, viu? Eu é claro?”. Em tom de humor, Pascoal avalia a coordenadora como má – julgamento de estima social negativo – por duas vezes, e registra a reação corporal dela de enrubescimento. Podemos verificar novamente um vínculo entre Pascoal e a coordenadora por meio do humor, característica essa que se repete à equivalência da interação discutida na análise 1.

No turno 8, Elias começa a produzir significado sobre a experiência de socialização masculina por meio de estratégias polifônicas, ou seja, usando uma espécie de discurso indireto livre, ele relata: “Beber... pra ser homem tem que beber. Bebe ai pra você mostrar que você é homem”. Nessas orações com Processos Materiais (beber, mostrar) e Processos Relacionais denotando identidade e característica de “homem”, o falante escolhe reproduzir uma experiência de socialização por meio do relato através da voz de outro, como se escutasse e reportasse essa voz externa.

Esta estratégia de organização de significado – por meio da evocação de múltiplas vozes – contando uma experiência de socialização masculina é apreciada como “boa” (turno 9) pelo coordenador, que acrescenta ainda: “Tem até competição: você não bebe nada... só eu

que bebo aqui neste lugar, né?”. Usando a mesma estratégia polifônica, o coordenador, por meio de dois Processos Materiais (bebe), continua a produzir significados sobre a experiência masculina de incentivo ao uso de álcool. Nesse momento, ele se alinha vincularmente ao grupo a partir de sua experiência pessoal de ser homem e ter vivido a socialização nos moldes da masculinidade tradicional. Nesse sentido, ele busca posição de horizontalidade no grupo, criando similaridade a partir da exposição de uma experiência pessoal de “ser homem”.

O grupo continua a produção de significados com a mesma estética, ou seja, organizando-o por meio de diferentes vozes: “Um homem deste tamanho tomando refrigerante... Tomando refrigerante... Dá um copo de leite pra este cara aqui, garçon. {Dê um} Copo cheio!” (turnos 10 a 12). Todas essas orações estão construídas por Processos Materiais e denotam ações e eventos concretos que os homens supostamente viveram nos seus contatos sociais.

No turno 13, Pedro inclui um outro Participante nas cenas que estão sendo recontadas pelo grupo: “as meninas estão perguntando se você não bebe (inaudível). Às vezes você tá com a mulher (inaudível) ela pra aparecer (inaudível) incentivando você a beber”. Essas orações contêm várias partes inaudíveis, mas produzem um núcleo de significado em que a mulher “incentiva” o homem a beber. A mulher passa a ser a Participante da ação, provocando um comportamento que deve ser seguido. Essa forma de organização discursiva em que as mulheres são as Participantes responsáveis pelas ações dos homens (de beber, de ser violento, etc.) é recorrente nos dados dos outros recortes, ou seja, a mulher diabólica, violenta, má. Os Modos semióticos de esticar a mão para a frente enquanto se fala produz ênfase e dá importância ao que está sendo denotado como pode ser visto na FIG. 11.



FIGURA 11 – Gesto de ênfase com as mãos

Entre os turnos 14 e 17, o grupo procura elaborar um pouco mais a experiência de “ser homem”, voltando à produção de significado sobre os mandatos sociais da socialização masculina – “Passa por isto... incentivar, né? Beba. É... {Dar} Um empurrão: bebe ai. A sociedade incentiva, estimula”. Novamente, todas as ações são materiais, à equivalência das outras produções de significados sobre esse núcleo, ou seja, a formas de socialização masculina.

No turno 18, Pascoal inicia a recontagem de um evento muito noticiado nos jornais locais: um homem bêbado provoca um acidente de trânsito, foge e é perseguido pela polícia, que o encontra em casa, de pijama⁴⁸. Essa recontagem de evento tem duas características que chamam a atenção. A primeira delas é que Pascoal avalia o fato como “coisa séria” – apreciação de tipo reação – e, logo depois, avalia o protagonista como “sem vergonha” (turno 21), atribuindo a ele um julgamento de estima social negativo. A outra característica que chama atenção é que uma mulher entra na cena recontada: “a mulher dele que entregou ele. Ele chegou aqui em casa agora e vestiu o pijama. É ele mesmo”. Por meio do Processo

⁴⁸ Há várias coberturas jornalísticas do caso no Youtube e, para referência, indicamos: <http://www.youtube.com/watch?v=LnQKNCr3fWE>

Relacional Identificativo Intensivo, a mulher identifica o homem que provocou o acidente e foi perseguido pela polícia. A mulher, portanto, faz a ação material de “entregar” o marido, e tal evento é recontado por Pascoal com a voz dela (da mulher), como se ela estivesse falando para a polícia, ou seja, denunciando o marido.

Esse evento é recontado por Pascoal por meio de Modos semióticos de ênfase, tais como o uso de gestos circulares com as mãos e movimentos de cruzar e descruzar as pernas. Tanto os gestos quanto os movimentos corporais fazem com que o que está sendo dito por Pascoal chame a atenção dos membros do grupo, criando, assim, vínculos de aliança, principalmente quando analisamos os gestos de canais de resposta que Sérgio e Augusto escolhem (balançam as cabeças concordando) no momento em que Pascoal pergunta: “Vocês não assistiram isto não?”.

Nos turnos seguintes, vários membros do grupo se manifestam sobre o fato que Pascoal reconta, escolhendo, por três vezes, expressar que sabem sobre o fato ocorrido por meio do Processo Mental Cognitivo “ver” – “Eu vi.” “{Vi} Semana passada”.

De forma resumida, os participantes produzem aqui um núcleo de significado sobre a experiência masculina de ingerir bebida alcoólica, experiência essa vinculada com a construção social da masculinidade. Segundo Welzer-Lang (2001), a experiência de tornar-se homem é vivida através de práticas relacionais de competição e hierarquia, em que os iniciados – os novos candidatos ao título de homem – são introduzidos por outros homens mais velhos – adultos – na dinâmica da chamada *casa dos homens*. Essa metáfora diz respeito aos jogos sociais entre homens, que incluem submissão a um modelo de masculinidade tradicional e, ao mesmo tempo, obtenção de privilégios do mesmo. As práticas de tornar-se homem incluem também sofrimento, pois é preciso aprender a padecer para ser um homem e, na interação discutida aqui, podemos identificar todos esses conteúdos: o uso de bebida alcoólica sendo estimulado através de tática de competição; os jogos de posicionamento hierárquico contrastando os que bebem e os que não bebem; a atribuição do lugar de poder ou submissão àquele que se acomoda ou não ao modelo tradicional.

No entanto, podemos identificar também que o grupo produz esse significado implicando as mulheres nesse processo, ou seja, elas incentivam os homens a beber. Corroborando os outros significados produzidos sobre elas nos recortes anteriores, as mulheres aparecem aqui como cúmplices e responsáveis pelas práticas da masculinidade tradicional.

No Quadro 13, a seguir, sintetizamos a produção de significados dos membros do grupo nesse recorte.

Significados	Recursos Semióticos	Orquestração de Significados
Ser homem	- Processos Materiais + polifonia: <ul style="list-style-type: none"> • “Beber... pra ser homem tem que beber. Bebe ai pra você mostrar que você é homem”. • “Tem até competição: você não bebe nada... só eu que bebo aqui neste lugar, né?”. • “Um homem deste tamanho tomando refrigerante... Tomando refrigerante... Dá um copo de leite pra este cara aqui, garçon. {Dê um} Copo cheio!”. 	Prática compulsória de ingerir bebida alcoólica de acordo com mandato da socialização masculina. Conteúdo heróico: ser provocado e responder afirmativamente ao desafio.
As mulheres	- Processos Materiais + polifonia: <ul style="list-style-type: none"> • “incentiva” o homem a beber. • “a mulher dele que entregou ele. Ele chegou aqui em casa agora e vestiu o pijama. É ele mesmo”. 	Mulheres atuando na disseminação de prática tradicional da socialização masculina.
A coordenadora	- Processo Relacional + vocativo + julgamento + humor: <ul style="list-style-type: none"> • “Ô Cláudia, você é má, heim?”. • “Ficou vermelhinha, mas você é má, viu?” 	Coordenadora, pelo humor, é identificada como má, à equivalência das outras produções de significado geradas nas outras análises sobre as mulheres.
Ênfase/Convencimento	- Uso de gestos circulares com as mãos e movimentos de cruzar e descruzar as pernas.	Recursos que potencializam as proposições, tornando-as convincentes.
Humor	- Uso de vocativos endereçando dois participantes do grupo para falarem de sua experiência.	Falar algo sério através de estratégia de humor.
Cumplicidade/Vínculo	- Buscar o turno com gestos de levantar o dedo. - Canal de resposta de balançar a cabeça em sinal de concordância. - Coordenador busca aliança com o grupo.	Participação e atenção nas discussões.

QUADRO 13 – Orquestração dos significados – análise 5

Em termos de estilo, nesse recorte de análise verificamos alta incidência de Processos Materiais organizando o significado central que está sendo discutido no grupo: a ação de ingerir bebida alcoólica enquanto uma prática estimulada na socialização masculina. Essas ações materiais estão arrançadas por uma polifonia explícita em termos estéticos, ou seja, várias vozes que comandam as práticas de masculinidade definindo-as e normatizando-as. Assim, em termos éticos, elas dizem respeito às normas de gênero que regem a masculinidade hegemônica.

4.3 Síntese da Discussão

Toda atividade semiótica tem lugar num tempo, num contexto e diz respeito a um processo. Isso significa dizer que, enquanto produção, um signo é fruto de mudanças e/ou transformações, e só pode ser entendido a partir de seu processo de articulação e interpretação. No contexto desta investigação, encontramos um signo construído pelos sujeitos de pesquisa e sobre o qual gostaríamos de tecer comentários: o homem vítima de violência.

O signo do homem vítima de violência na relação de intimidade aparece nesta pesquisa como aquele que é xingado, provocado, alvo dos ataques das mulheres. Ele é construído em termos antagônicos ao signo das mulheres, que, por sua vez, são demoníacas, más, opressoras. A forma binária e contrastiva de produção do signo do homem vítima é recorrente nos formatos interativos analisados aqui e aparece nas narrativas, na recontagem de eventos, nas interações com humor e, sobretudo, marcado, de forma opositiva, pelas avaliações negativas direcionadas às mulheres.

Tal signo é apresentado no contexto das relações de gênero dos sujeitos de pesquisa – marcadas por desigualdades e com ocorrência de violência –, invertendo as posições sócio-historicamente construídas e, ao mesmo tempo, esvaziando tal contexto, pois ele cria efeitos de uniformização e padronização igualitária, dando origem a um jogo relacional democrático. A construção desse signo por esse caminho de significação acaba por obscurecer, por um lado, a questão do exercício da violência no contexto de desigualdade de gênero e, por outro lado, é utilizado pelos homens participantes desta pesquisa para justificar seus atos violentos, pois eles afirmam que cometem violência por causa dos sofrimentos impingidos a eles pelas mulheres.

Diante desse signo, caberiam duas observações importantes. A primeira delas diz respeito à violência cometida por mulheres, fato verdadeiro na sociedade. Salientamos que a ocorrência de violência perpetrada pelas mulheres não é novidade no campo dos estudos sobre violência doméstica, apesar de ser pouco documentada, especialmente no Brasil. Algumas investigações apontam escores aproximados de vitimização e violência cometida entre homens e mulheres (HOURY *et al*, 2008), buscando criar tipologias de violência na relação de intimidade. As pesquisas também apontam, entre mulheres que cometem violência, alta incidência de abuso de álcool e drogas, depressão, histórico de tentativas de suicídio, histórias pessoais de abandono, práticas sexuais que aumentam a vulnerabilidade, risco elevado de

gravidez indesejada e outros (STARK, 2010; ROSS e BABCOCK, 2010). Esses dados revelam a vulnerabilidade contextual de pessoas que vivem em relações violentas, identificando ainda que as mulheres vítimas são cinco vezes mais vitimizadas que os homens, ao passo que mulheres que cometem violência nas relações de intimidade estão comumente reagindo e/ou respondendo à violência sofrida (HOURY *et al*, 2008).

Esses dados podem lançar mais luzes aos argumentos utilizados pelos sujeitos da pesquisa, de que as mulheres cometem violência, e, por isso, poderíamos entender a relação violenta como proporcional. Essa base argumentativa que sustenta a produção do signo do homem vítima deve ser relativizada, pois ela não inclui o contexto sócio-histórico das relações de gênero.

A outra observação importante sobre o processo de construção do signo do homem vítima de violência se refere ao argumento de que a violência, nos relacionamentos de intimidade, acontece porque os homens são provocados, subestimados, ou seja, ela tem uma justificativa. Quando ancoramos nossa reflexão em Arendt (2004, 2009), entendemos que a violência possui um caráter instrumental e se guia por orientação e justificação – e os homens afirmam esse ponto –; contudo, a autora salienta que a violência nunca é legítima. Verificamos que, para os sujeitos desta pesquisa, ao produzir o signo do homem vítima eles o fazem justificando seus atos violentos, ou seja, a violência é utilizada para barrar as mulheres que os agredem. No entanto, percebemos que parar os atos violentos das mulheres tem significados generificados e, nesse contexto, os homens se sentem socialmente autorizados a cometer violência. Nessa construção de significados na qual a violência é justificada e, ao mesmo tempo, autorizada, percebemos que os dois extratos separados por Arendt (2004, 2009) – justificação e legitimidade – encontram-se fundidos, ou seja, eles justificam e percebem o ato violento como legítimo.

O jogo de justificação e legitimidade autorizada da violência dos discursos dos sujeitos de pesquisa toma contornos mais radicais quando o casal Roberto e Camila aparece configurado: de um lado, Camila, uma mulher demoníaca, e do outro, Roberto, uma vítima. O casal cria um jogo de mudança de ordem de posicionamento naquele contexto do grupo, pois os homens que estão lá é que foram denunciados pelas mulheres por terem cometido violência contra elas e, por isso, são os que respondem pelos atos de violência cometidos, ou seja, são os agressores. A produção de significados em termos de inversão – articulada a conteúdos de

justificação e legitimidade – revela uma estratégia de ocultamento da questão, gerando o entendimento de que “onde todos são culpados ninguém o é”⁴⁹ (ARENDDT, 2004, p. 83).

Neste momento, gostaríamos de deslocar as discussões sobre quem usa a violência para entender como o signo do homem vítima é utilizado para preservar e estender as relações desiguais de gênero e, no contexto desta pesquisa, de que maneira a afirmação de que mulheres e homens são violentos é utilizada como estratégia para tornar opaca uma relação de desigualdade sócio-histórica. Nesse sentido, transbordamos a linha divisória que foi construída pelos sujeitos de pesquisa para explicar suas práticas violentas por meio da justificação e da legitimidade autorizada, pensando inevitavelmente nos efeitos performativos de tais produções de significado, que acabam por esvaziar o debate crítico da questão da violência doméstica. Devemos, portanto, salientar os efeitos performativos de desautorização da fala das mulheres – que figuram com várias ações verbais – e dos conteúdos de não reconhecimento que tais estratégias guardam

Vale a pena mencionar aqui comentários sobre dois outros conteúdos que se articulam à produção de significados no grupo: a caracterização do evento violento e as vozes do processo de socialização masculina. Sobre o primeiro, identificamos que o ato/evento violento é caracterizado como banal e sem repercussões danosas pelos sujeitos de pesquisa. As avaliações que eles fazem sobre si e sobre seus atos corroboram a construção do signo do homem vítima, distanciando-se da reflexão crítica e, conseqüentemente, de uma postura responsabilizante. Voltamos a Arendt (2004) e a sua proposta de articular responsabilização com o diálogo interno dois-em-um, ou seja, a concepção de que uma atividade plural, múltipla e, principalmente, dialógica do eu com o eu mesmo seria garantidora de reflexão e implicação.

Nesse sentido, verificamos que, nos dados desta pesquisa, os homens começam a ensaiar algumas reflexões sobre seus atos violentos (especialmente na análise 4) aos moldes do que poderíamos denominar de diálogo interno. No entanto, esse diálogo não se fecha na responsabilização, muito provavelmente porque está contingenciado pelas relações de gênero – desiguais e hierárquicas – e também relacionado com a construção social da masculinidade tradicional, orientada pela manutenção de uma hegemonia que, nesse caso, seria o lugar daquele que foi injustamente acusado, pois é uma vítima de violência.

⁴⁹ Arendt (2004) discute essa proposição justificativa a partir do conceito de culpa coletiva, veiculado pelo discurso de Eichman, que afirmava ser somente um mero dente da engrenagem quando respondia às acusações de ter matado milhares de judeus quando era oficial alemão.

Essa posição de pensar/não pensar na violência cometida pode se aproximar do que Arendt (2004) denomina o vazio do pensamento⁵⁰. Souki (2006, p. 119) comenta que, numa perspectiva arendtiana, o vazio do pensamento, ou seja, o contrário do ato de pensar reflexivo, “se acha sempre associado à banalidade do mal”, sendo ele (o vazio do pensamento) uma experiência humana artificial, pois é/está forjado pelas contingências. Nesse sentido, Souki (2006, p. 120) propõe perguntar: “a quais contingências pode-se atribuir o vazio do pensamento? E qual é o seu significado nesse contexto?”

Seguindo os conselhos dessa autora, identificamos que a contingência que cerca esse discurso reflexivo/não reflexivo dos sujeitos de pesquisa é o que denominamos aqui de *vozes do processo de socialização masculina*, o segundo conteúdo que guiou a produção de significado do grupo e que merece destaque aqui. Essas vozes, expressas principalmente na análise 5, perpassam todos os formatos interativos e dizem respeito à socialização masculina enquanto força, enquanto materialidade inescapável. Nessa moldura normativa do gênero, os homens se veem regulados por práticas que condicionam a inteligibilidade cultural do que os reconhece no lugar de “ser homem”. Essa regulação normativa do gênero é, segundo Butler (2004), um modo de disciplina e vigilância – seguindo as proposições foucaultianas – moderna, pois se constitui como uma operação de poder.

Da mesma forma, Connell (1995, 2005) argumenta que as práticas em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero devem ser entendidas e relacionadas com as dinâmicas de hegemonia, cumplicidade, subordinação e marginalização. No contexto da produção de significados deste grupo, o signo do homem vítima é proferido enquanto lugar hegemônico, articulado para ser reconhecido a partir do processo de cumplicidade que é amarrado todo o tempo no grupo, contrastado em termos de subordinação/marginalização com a posição das mulheres.

Ao final, perguntamos inevitavelmente se a maquinaria semiótica que produz o signo do homem vítima de violência modifica alguma dinâmica das relações de gênero sócio-historicamente construída. Para tal, deveríamos identificar o quanto ele subverte, revolve, altera as relações de poder e os posicionamentos ideológicos na estrutura e na dinâmica do gênero. Os dados desta pesquisa indicam que o signo do homem vítima de violência tem outros efeitos, e o principal deles é criar uma blindagem nos homens, para que eles não possam e nem precisem ser questionados sobre o lugar que ocupam nas relações de

⁵⁰ Souki (2006) afirma que a expressão *vazio do pensamento* está salpicada na obra de Arendt, aparecendo também como *ausência de pensamento, superficialidade e irreflexão*.

intimidade e conjugalidade sobre as quais eles respondem por terem se utilizado de práticas violentas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fim da pesquisa, e com a possibilidade de vislumbrar o seu processo de construção, nos deparamos com um longo caminho percorrido. Da primeira sensação e desejo sobre o que se gostaria de fazer – analisar uma interação em um grupo de homens – até o resultado final, foram muitas tentativas de formatação analítica, muitas perguntas e muitas dúvidas. Analisar uma interação humana nos garante um desafio particular, pois trata-se de examinar um microcosmo altamente complexo, ativo e inesperado. O trato com os dados, ou melhor dizendo, os momentos de ver e rever cada parte com minúcia foi tarefa demorada e repleta de desafios.

Um dos resultados da análise minuciosa dos dados foi a identificação de determinados padrões conversacionais (narrativas, recontagem de eventos, humor e avaliações de tipo atitude) que se agrupavam de forma dinâmica, constituindo o que nomeamos de formatos interativos. O primeiro formato interativo analisado – Negociando similaridades por meio do humor: “você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono” – tem a predominância do humor como estratégia interativa. Nele encontramos o humor combinado com um tom de desafio, misturado a expressões formulaicas e avaliações, principalmente as de tipo *juízo negativo*. Os Processos Verbais têm importância nessa interação, pois exercem a função de comandar (você falou, estou falando...) e se misturam ao tom de humor/desafio da produção de significados. Esse formato interativo foi o que apresentou a maior quantidade de avaliações de tipo *afeto*, conteúdos estes que foram acompanhados por Modos semióticos (posturas corporais de cruzar braços e pernas, por exemplo) que também produziam significados de afeto e emoção. Enquanto significados orquestrados, estas escolhas foram acompanhadas por fortes vínculos grupais, principalmente com a expressão de risos coletivos. Importante comentar que a forma de humor/desafio, combinada com expressões formulaicas de tipo xingamentos, denotam uma forma de interação bem peculiar e que possivelmente, pode fazer parte da experiência de vida do falante e dos outros membros do grupo, pois eles criam vínculos de afiliação e cumplicidade em vários momentos.

O segundo formato interativo analisado – Tensionando as relações de gênero: “uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente” – tem a predominância de avaliações do tipo *juízo negativo*. O principal tópico de discussão nesse recorte de interação são as relações de gênero vividas e avaliadas pelos participantes do grupo. Os significados são produzidos com Modos semióticos de ênfase (gestos), incômodos por se

discutir um tema delicado (movimentos nas cadeiras ao mesmo tempo) e a construção de vínculos de afiliação e cumplicidade entre os membros do grupo (risos, olhares de endereçamento e outros). A relação violenta entre homens e mulheres é vivida e significada como um jogo proporcional e democrático pelos participantes.

No terceiro formato interativo – Invertendo posições: “fala pra ele procurar a Lei Mário da Penha” – a recontagem de eventos é o principal padrão conversacional utilizado pelos membros do grupo. Nele está representado um casal, Camila e Roberto, Participantes que figuram articulados com Processos Materiais e Relacionais conectados com *juízos negativos* – Camila faz coisas e tem características consideradas reprimíveis – e Processos Materiais e Relacionais conectados com *juízos positivos* – Roberto faz coisas e tem características consideradas elogiáveis. Novamente o significado é construído com Modos semióticos de ênfase e com estratégias de coesão grupal mobilizadas por risos de afiliação e cumplicidade. O resultado é novamente – à equivalência do formato interativo dois – a produção de significados sobre a relação violenta.

No quarto formato interativo analisado – Reflexão e responsabilização: “não adianta eu dizer que eu não sou culpado” – a narrativa é o principal padrão conversacional utilizado. Um membro do grupo faz uma ação mental de “rever as coisas” e passa a narrar o conflito violento com a ex-companheira. Ele atribui a si mesmo *juízos negativos* (culpado, errado), mas modaliza seu discurso quando cria uma rede de justificação afirmando que cometeu o ato violento porque estava alcoolizado. Esta construção paradoxal de significados identitários é recebida com incômodo pelo grupo que utiliza de Modos semióticos avaliativos negativos (bocejo, dispersão do olhar, movimentos nas cadeiras).

No quinto formato interativo analisado – A construção da masculinidade: “Pra ser homem tem que beber” – o grupo produz significados sobre a socialização tradicional masculina por meio de relatos pessoais indiretos, ou seja, narrativas em terceira pessoa. Este padrão conversacional, com alta incidência de Processos Materiais (em sua maioria beber), produz significados sobre uma prática compulsória de construção social da masculinidade. Os significados são articulados com concordância dos membros do grupo (Modos semióticos de canal de resposta tais como balançar a cabeça concordando e outros) e com construção de vínculos hegemônicos em torno do significado.

A cadeia semiótica que os homens constroem nessas interações em grupo diz respeito às suas experiências de violência em uma situação de conjugalidade. Toda a interação é permeada por um signo, o do homem vítima de violência que, de acordo com nosso entendimento, cria determinado efeito, como argumentaremos mais abaixo. A despeito de

termos várias publicações e pesquisas (dissertações, teses, artigos científicos e outros) sobre a violência doméstica, especialmente aquela que acomete as mulheres, pouco se produziu sobre os discursos de homens que exercem violência contra elas. Isso se deve ao fato de esse campo de estudos ser relativamente novo e pela complexidade inerente a essas investigações. A complexidade se dá pela dificuldade de acesso a esse público e pelos desafios analíticos e metodológicos implicados numa investigação desse teor.

Com relação ao primeiro ponto de desafio – o acesso aos sujeitos de pesquisa –, esta investigação não contou com barreiras, pois partiu da prática profissional da pesquisadora, enquanto psicóloga social, que já tinha contato com o público, facilitando dessa forma a formalização da coleta de dados para a pesquisa. Quanto aos desafios analíticos e metodológicos, foi necessário fazer escolhas de enquadramentos teóricos específicos, deixando de lado importantes diálogos e possibilidades de análise. De fato, dentro de uma moldura linguístico-discursiva, temos acesso a diversas perspectivas e possibilidades de análise, e o que foi explorado aqui é uma pequena parte desse grande universo. Temos consciência das expansões analíticas que se processariam sobre as relações entre Participantes, Processos e Circunstâncias dos discursos dos sujeitos, apesar de elas não terem sido feitas em profundidade extrema, explorando todos os recursos do sistema de transitividade. Da mesma forma, o sistema de avaliatividade foi parcialmente explorado, pois escolhemos o componente atitudinal e deixamos de fora as análises de engajamento e gradação discursiva.

Tais escolhas analítico-metodológicas tiveram de ser feitas para que pudéssemos expandir as análises, buscando diálogos com a multimodalidade, campo pouco explorado e, ao mesmo tempo, com fervilhante produção. Esse caminho se mostrou totalmente novo e, de certa forma, com grandes possibilidades de experimentação. Por aí arriscamos mais: fizemos proposta de inclusão de enquadramentos analíticos proveniente da psicologia de grupos, utilizando o conhecimento e a prática profissional da pesquisadora. Entendemos que cabe agora aos linguistas críticos avaliar se tais expansões e propostas analíticas são úteis ao seu campo de estudos e intervenção social.

Uma investigação com o tema proposto também guarda seus desafios. Muito já foi dito e muito há para ser dito sobre a dinâmica das relações violentas e, no contexto desta pesquisa, procuramos elucidar as produções de significado sobre este tema a partir dos discursos de homens que exercem violência contra mulheres e que foram denunciados nas instâncias judiciais. Para tal, nos amparamos em um paradigma sócio-semiótico de investigação do significado, procurando identificar como ele foi articulado, por meio de quais

Recursos e Modos semióticos, ou seja, explorando seu processo de produção e significação no contexto de uma interação em grupo.

O resultado da investigação em questão foi a identificação da produção de um signo por meio do qual os sujeitos de pesquisa se reconhecem e se apresentam: o homem vítima da violência da mulher. Devemos argumentar que o processo de produção é feito por atores sociais que escolhem o que e como significar, segundo o que identificam como caminho/Recursos/Modos mais aptos e plausíveis. Assim, seguindo seus interesses, quem produz um signo cria uma relação motivada entre significante e significado e, portanto, gera signos motivados. Dessa forma, as análises críticas tematizam sempre quem produz, o que produz e como se produz.

Dados esses pressupostos analíticos, verificamos que tal signo produzido esvazia o contexto de desigualdade das relações de gênero sócio-historicamente construído, criando ainda uma espécie de blindagem dos homens e de suas ações violentas nesse contexto. Enquanto montagem, enquanto agenciamento, o signo do homem vítima não esclarece o que se passa em uma relação violenta, mas pasteuriza tal relação, torna-a ainda mais opaca e indiferenciada.

Como toda produção semiótica tem historicidade, podemos estar diante de um signo com o qual iremos nos deparar frequentemente daqui para a frente. Na verdade, podemos identificar que ele já levita em discursos acadêmicos e no ativismo social, curiosamente, criando o mesmo efeito que foi impresso pelos sujeitos desta pesquisa. O caso não é negar a existência e/ou veracidade de tal signo, pois a estrutura e a dinâmica do gênero estão apoiadas em relações contraditórias e cambiantes e, por isso, poderia comportar tal signo. De fato, quando tematizamos as relações de gênero, vemos sempre posicionamentos e forças diversas que se articulam numa maquinaria que sobrevive por meio de brechas e mudanças sociais. No entanto, é preciso ter cuidado com as semióticas que o signo do homem vítima gera e com o fato de que ele esvazia o debate crítico das desigualdades de gênero.

Quando comentamos esse fato, nos referimos aos potenciais de produção, reprodução e circulação de um signo e, no contexto desta pesquisa, abordamos esses planos contextualizados nas relações de intimidade e a partir da ótica dos sujeitos de pesquisa. Seria interessante abordar também o modo como esse signo entra nas análises das pesquisas teóricas, como ele é usado no ativismo social e que efeitos gera. Nesse sentido, um desdobramento possível desta pesquisa se daria por meio da investigação dos potenciais de reprodução e circulação do signo do homem vítima.

Caberia ressaltar, nas considerações finais desta pesquisa, o ambiente no qual os discursos de homens foram coletados e analisados: uma interação em grupo, que tem sido apontada como possível forma de intervenção, voltada para homens que exercem violência contra mulheres. A discussão dos dados revelou a alta complexidade desses ambientes e os variados Modos e estratégias utilizados pelos sujeitos de pesquisa para produzir significados. As formas como os significados circulam, como se juntam em núcleos, criando cadeias semióticas, também merece destaque. Em articulação com esse aspecto, chamamos a atenção, nas análises, para as configurações vinculares e os jogos de posicionamento que os significados suscitam, criam e modificam. Um terreno de muitas mobilidades, que exige atenção e olhar crítico dos profissionais que pretendem intervir num ambiente equivalente ou igual a esse, ou seja, no ambiente de grupo e, especialmente, aqueles compostos por homens com práticas violentas.

Importante frisar que, enquanto espaço de intervenção, os coordenadores de grupos de homens devem estar cientes de seus posicionamentos ideológicos e se guiar, preferencialmente, por uma perspectiva crítica e contextualizada da leitura do fenômeno da violência de gênero. Na nossa concepção, um dos aproveitamentos dos dados dessa pesquisa seria exatamente esse, ou seja, a partir da discussão e resultados desta pesquisa, os profissionais que estão nesse campo e aqueles que pretendem entrar nele possam potencializar suas leituras sobre as dinâmicas grupais e sobre as formas de produção de significados nesse ambiente, para além de fazerem análises críticas de tais aspectos.

Apesar de apontarmos a diversidade que envolve a produção de significados num ambiente de grupo, alguns aspectos encontrados não foram suficientemente explorados. Um deles se refere a um importante tópico de saúde pública que apareceu nos dados da pesquisa: o alcoolismo. O incentivo ao uso do álcool foi um significado produzido pelos participantes enquanto um mandato social que rege a construção da masculinidade tradicional. Os dados revelam as vozes sociais que materialmente estimulam os homens a ingerir bebidas alcoólicas. Esse ponto não foi suficientemente explorado e mereceria uma extensa pesquisa, qualitativa e quantitativa, que pudesse corroborar o que os participantes relatam, ou seja, os altos índices de ingestão de bebida com sentido de afirmação identitária masculina e as formas como este conteúdo simbólico se conjuga com as práticas violentas.

Outro aspecto que não foi suficientemente explorado nesta pesquisa se refere à própria forma e possibilidade de intervenção profissional direcionada para desconstruir os discursos e, conseqüentemente, as práticas dos sujeitos num ambiente de grupo. Uma investigação que focalizasse as estratégias utilizadas pelos profissionais que manejam grupos como esse seria

um importante tópico de pesquisa. Isso demandaria, obviamente, uma cobertura temporal mais extensa do processo do grupo, pois, enquanto experiência, o “estar no grupo” ou “participar do grupo” vai aos poucos modificando os vínculos (de resistentes e armados para mais confiantes e espontâneos), os posicionamentos (de mais artificiais e provocativos para mais autênticos e colaborativos), as ideias (de mais rígidas para menos rígidas), e, por fim, as formas de olhar a realidade e atuar no meio. Cada participante de um processo de grupo tem aproveitamento único e diferenciado e, por isso, outro desdobramento da pesquisa poderia ser o que focalizasse as trajetórias individuais e contrastasse com o processo do grupo como um todo.

Com relação a esse último aspecto relatado, cabe ressaltar que, nos dados desta pesquisa, alguns participante tiveram pouca participação e, portanto, foram pouco explorados nas análises. Em contrapartida, outros membros do grupo, por suas características extrovertidas, tiveram mais participação no processo grupal e, por isso, seus discursos foram mais explorados na discussão dos dados. Tal observação é feita aqui não propriamente para realçar limitações e/ou deformidades do processo de coleta e/ou discussão dos dados, mas mais no sentido de entender que essa é uma característica dos grupos que contemplam a diversidade e pluralidade de pessoas, atitudes e posicionamentos.

Por fim, gostaríamos de destacar que as investigações sobre o que se passa num grupo como o desta pesquisa são extremamente necessárias e podem potencializar as leituras sobre os discursos dos sujeitos, as estratégias utilizadas para se sustentarem em determinados lugares e, por fim, prover discussões práticas sobre o fenômeno da violência e as formas como ela é percebida e significada pelos homens que vivenciam práticas violentas em suas relações de conjugalidade.

REFERÊNCIAS

ADOLPHS, R.; CARTER, S. Linking the verbal and visual: new directions for corpus linguistics. *Language and People Special Issue – ‘Language, People, Numbers’*. n. 64, p. 275-291, 2008. Special Edition.

ALMEIDA, F. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIANA JR. O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. Capítulo 6, p. 99-112.

ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Responsabilidade e julgamento*. Tradução de Rosaura Einchenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Sobre a violência*. Tradução de André Macedo Duarte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de J. R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. Trabalho original publicado em 1951.

AUSTIN. How to do things with words. In: JAWORSKY, A.; COUPLAND, N. *Discourse reader*. London and New York: Routledge, 1999.

BANDEIRA, L. Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil: 1976 a 2006. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 24, n. 2, ago 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922009000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 9 de fevereiro de 2011. doi: 10.1590/S0102-69922009000200004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso: a problemática e definição. In: _____. *Estética da criação verbal*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BEDNARECK, M. *Emotion Talk and Corpora*. New York: Palgrave MacMillan, 2008.

BLEGER, J. *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2009.

BUTLER, J. *Bodies That Matter – On the Discursive Limits of Sex*. New York/London: Routledge, 1993.

_____. *Gender Trouble, Feminism and the Subversion of Identity*. London: Routledge, 1990.

_____. Violence, Mourning, Politics. *CLAGS News: The Center for Lesbian and Gays Studies, The Graduate Center, The City University of New York*, Winter, 2002, v. XII, n. 1, p. 3-6.

_____. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.

BUTT, D. *et al. Using Functional Grammar. An explorer's guide*. Sydney: Macquarie University, 2000.

CAMERON, D. *et al. Researching Language: Issues of Power and Method*. London and New York: Routledge, 1988.

CHAUI, M. A não-violência do brasileiro: um mito interessantíssimo. *Almanaque: Cadernos de Literatura e Ensaio*. Brasiliense, n. 11, 1980.

_____. Uma ideologia perversa. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 mar. 1999. Caderno Mais, p. 15.

CONNELL, R. W. *Masculinities*. 2nd ed. Los Angeles, California: University of California Press, 2005.

_____. Políticas da masculinidade. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20(2), p. 185-206, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London/New York: Continuum, 1994.

EGGINS, S.; SLADE, D. *Analysing Casual Conversation*. London: Equinox, 1997.

FOUCAULT, M. A vontade de saber. In: _____. *História da sexualidade*. 15.ed. São Paulo: Graal, 1988. v. 1.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1979.

_____. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GUARESCHI, P. A. Ideologia. In: MARLENE, N. S. *et al. Psicologia social contemporânea: livro-texto*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

GONDOLF, E. Theoretical and research support for the Duluth Model: A Reply to Dutton and Corvo. *Aggression and Violent Behavior*, 12(6), p. 644-657, 2007.

HABERMAS, J. Racionalidade do entendimento mútuo. In: *Verdade e justificação*. Ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004. p. 99-132.

HALL, S. *Representation: cultural representation and signifying practices*. London: Sage, 1995.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 3rd ed. Revised by Christian M. I. M. London: Matthiessen Arnould, 2004.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. London/Caugield East: Edward Arnold, 1995.

_____. *Explorations in the Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973.

_____. *Spoken and Written Language*. New York: Oxford University Press, 1989.

_____. *Language as Social Semiotics: The Social Interpretation of Language and Meaning*. Australia: Edward Arnold, 1978.

HERMAN, D. Word-Image/Utterance-Gesture: Case Studies in Multimodal Storytelling. In: RUTH, P. (Ed.). *New Perspectives on Narrative and Multimodality*. New York: Routledge, 2010. p. 78-98.

HIRATA, H. *et al. Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

HODGE, R.; KRESS, G. *Social Semiotics*. s.l.: Polity Press, 1988.

HOURY, D. *et al* Differences in Female and Male Victims and Perpetrators of Partner Violence With Respect to WEB Scores. *Journal of Interpersonal Violence*, August, 2008.

IEDEMA, R. Multimodality, Resemiotization: Extending the Analysis of Discourse as Multi-Semiotic Practice. *Visual Communication*, London, v. 2 (1), p. 29-57, 2003.

FRIEDMAN, D.; GILLES, M. *Teaching Virtual Characters: How to Use Body Language*. 2005. Mimeografado.

JAWORSKY, A.; COUPLAND, N. Introduction: Perspective on Discourse Analysis. In: _____. *The Discourse Reader*. London/New York: Routledge, 1999.

KNIGHT, N. K. Wrinkling Complexitiy: Concepts on Identity and Affiliation in Humor. In: BEDNARECK, M. & MARTIN, J. R. *New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity and Affiliation*. London, NewYork: Continuum, 2010. p. 35-58.

KRESS, G. *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. London: Arnold Publishers, 1989.

_____. *Multimodalidade e aprendizagem: novas perspectivas do conhecimento, representação e comunicação*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. Palestra proferida pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares em 14/8/2008. Disponível em: http://www.ufmg.br/ieat/index.php?option=com_content&task=view&id=374&Itemid=9. Acesso em 4/11/2008.

_____. *Multimodality: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication*. London and New York: Routledge, 2010.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London: Arnold Publishers, 2001.

_____. *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London/New York: Routledge, 1996/2006.

KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. Discourse Semiotics. In: VAN DIJK, T. A. (Ed.). *Discourse as Structure and Process*. London/Thousand Oaks/New Delhi: s.n., 1998/1997.

KRUG, E. G. *et al* (Eds.). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. Palgrave Macmillan, 2005

MATHIEU, N. C. Sexo e gênero. In: HIRATA, H. *et al* (Orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora Unespe, 2009. p. 222-231.

MENDEZ, L. B. Los varones frente al cambio de las mujeres Lectora. *Revista de Dones i Intertextualitat*, Cataluña, n.4, 1998.

_____. *Micromachismos: la violencia invisible en la pareja*. Jornadas sobre a violência de gênero na sociedade atual. Valencia, 1996. Mimeografado.

MINAYO, M. C.; SOUZA, E. R. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *Revista História, Ciência e Saúde*, Manguinhos, v. IV (3), p. 513-531, nov. 1997 – fev. 1998.

MORGAN, D. L. *Focus Group as Qualitative Research*. London: Sage, 1997. v. 16.

O'HALLORAN, K. L. Multimodal Discourse Analysis. In: HYLAND, K.; PALTRIDGE, B. (Eds.). *Companion to Discourse*. London, New York: Continuum, 2011. In press.

PAN, X.; GILLES, M.; SLATER, M. Male Bodily Responses Toward a Virtual Woman. Lectures notes in *Computer Science*, London, v. 5208/2008. p. 89-96.

DE PAULA, A. V. *et al*. *Mapeamento das características dos homens autores de violência intrafamiliar: apontamentos para intervenções psicoeducativas*. Belo Horizonte, 2006. Resumo completo. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/coloquio/horarios.php>

RAVELLI, L. J. Analysing Space: Adapting and Extending Multimodal Framework. In: UNSWORTH, L. *Multimodal Semiotics: Functional Analysis in Contexts of Education*. London and New York: Continuum, 2008. p. 15-33.

REHM, M. *et al*. *Multimodal Corpora: from Models of Natural Interaction to Systems and Application*. London: Ed. Springer, 2009. p. 138-159.

RODRIGUES, I. G. Comunicação não-verbal e filmes etnográficos: os movimentos do corpo como patrimônio imaterial. *Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC*, s.l., n. 3, p. 61-100, out. 2006.

ROSS, J. M.; BABCOCK, J. C. Gender and Intimate Partner Violence in the United States: Confronting the Controversies. *Behavioral Science*. Volume 62, Numbers 3-4, 2010. p. 194-200

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004a.

_____. Gênero e patriarcado – violência contra mulheres. In: VENTURI, G.; RECAMÁN, M.; OLIVEIRA, S. (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004b.

SANTOS, C.; IZUMINO, W. Violência contra as mulheres e violência de gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe*, Universidade de Tel Aviv, 2005.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul. – dez. 1995.

SCOTT, J. (Org.). *Sociologia: conceitos-chave*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros; consultoria técnica de Luis Fernando Dias Duarte. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SMITH, B. A.; TAN, S.; PODLASOV, A.; O'HALLORAN, K. L. Orchestration of Meaning in Multimodal Semiosis and Semiotics. *Social Semiotics*, 2009. (Submitted for publication).

SOUKI, N. *Hannah Arendt e a banalidade do mal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

STARK, E. Do Violent Acts Equal Abuse? Resolving the Gender Parity/Asymmetry Dilemma. *Behavioral Science*. v. 62, n. 3-4, p. 201-211, 2010.

STENGLIN, M. Interpersonal Meaning in 3D Space: How a Bonding Icon Gets It's 'Charge'. In: UNSWORTH, L. *Multimodal Semiotics: Functional Analysis in Contexts of Education*. London and New York: Continuum, 2008. p. 50-66.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. Great Britain: Arnold, 1996.

THORNBURY, S.; SLADE, D. *Conversation: from Description to Pedagogy*. New York Cambridge University Press, 2006.

_____. The Grammar of Conversation. In: NORTH, S.; COOK, G. (Eds.). *Applied Linguistics in Action*. USA and Canada: Routledge, 2010.

TONELI, M. J. F. *et al* (Orgs.). *Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino-americanas*. Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE, 2010.

VAN LEEUWEN, T. Space in Discourse. In: UNSWORTH, L. *Multimodal Semiotics: Functional Analysis in Contexts of Education*. London and New York: Continuum, 2008. p. 34-49.

_____. The Representation of Social Actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Eds). *Texts and Practices: Readings in Critical Discourse Analysis*. London & New York, 1996. p. 32-70.

VIAN JR., O. O sistema de avaliatividade e os recursos para gradação em língua portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Revista D.E.L.T.A.*, PUC-SP, v. 25, n. 1, p. 99-129, 2009.

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica*. Uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ZIMERMAN, D. E.; OZÓRIO, L. C. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1997.

WIEVIORKA, M. Violência hoje. *Revista Ciência e saúde coletiva*, Vol 11. Rio de Janeiro, p. 1147-1153, 2006

APÊNDICE A – CÓDIGOS UTILIZADOS NA TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS*

Símbolo	Significado
(i), (ii), (iii)	Marcação de orações
()	Comentários de transcrição
[]	Informação não verbal do falante
[[]]	Informação não verbal de outros participantes
... [2 seg]	Marcação de pausa
ÊNFASE	Aumento de volume ou ênfase
= =	Fala sobreposta
?	Entonação de incerteza, pergunta
!	Entonação de surpresa
,	Pausas, parcela de fala, tempo de respiração
{ }	Elipses de Processos recuperáveis pelo contexto

APÊNDICE B
ANÁLISE 1: MICROANÁLISE – TRANSITIVIDADE, ATITUDE, MODOS E
RECURSOS SEMIÓTICOS

**Negociando similaridades por meio do humor: Você vai embora daqui seu cachorro
excomungado sem dono**

Turno	Falante	Texto separado em orações	Ideacional	Interpessoal
			Processo/ classificação	Avaliatividade Atitude
1	Pascoal	(Enquanto a coordenadora ligava a câmera) (i) Ô Cláudia, você tá falando	Verbal	
		(ii) que eu não sirvo nem pra Papai Noel descruza os braços e cruza as pernas coordenadora estava de costas para o grupo	Material	
2	Coordenadora	(i) Não... serve, ué.	Material	
		(ii) Tô falando que serve, ué.	Verbal	
		(iii) Num tô, num tô...		
3	Pascoal	(i) Tá de gozação comigo, Cláudia descruza os braços José, Augusto e Sérgio tem conversa paralela inaudível	Material	
		(i) Tô falando que serve, ué. sorrindo coordenadora sai da sala e, em seguida, coordenador entra na sala	Verbal	
5	Coordenador	(i) E aí?		
		(ii) Como estão?	Relacional	
6	Ricardo	(i) {Eu estou} Normal. olha para colegas do grupo e sorri enquanto se ajeita na cadeira	Relacional Atributivo Intensivo	Normal: Julgamento de estima positivo – normalidade
7	Coordenador	(i) {Você está} Normal... [3 seg] representando a fala de Ricardo e manipulando as listas de presença Sérgio, Augusto e Miguel se ajeitam nas cadeiras. José passa mão pelo rosto. Miguel coça as costas	Relacional Atributivo Intensivo	Normal: Julgamento de estima positivo – normalidade
		(ii) Ricardo veio,	Material	

		(iii) Sérgio veio.	Material	
		(iv) Elias não veio	Material	
		(v) e não virá.	Material	
		(vi) Pascoal {veio}.	Material	
		(vii) Finalmente, {você veio} Pascoal. Pascoal sorri	Material	Finalmente: Apreciação reação
		(viii) Fiquei até com saudade de você, Pascoal.	Relacional Atributivo Intensivo	Saudade: afeto positivo – felicidade
8	Pascoal	(i) Ficou com saudade?	Relacional Atributivo Intensivo	Saudade: afeto positivo – felicidade
		(ii) Que {é} bom, que bom. abre os braços esticando-os para a frente coordenadora entra na sala	Relacional Atributivo Intensivo	Que bom: Apreciação Reação
9	Coordenador	(i) Pois é.		
		(ii) Olha só que beleza.	Relacional Atributivo intensivo	Que beleza: Apreciação reação
10	Pascoal	(i) A Cláudia não tá com saudade nenhuma não,	Relacional Atributivo Intensivo	Saudade: afeto positivo – felicidade
		(ii) porque semana passada ela me mandou embora. estica mão direita para a frente em direção à coordenadora e depois cruza braços e pernas ficando nesta posição até o turno 30	Material	
11	coordenadora	(i) Mas porque que eu te mandei embora?	Material	
12	Pascoal	(i) Ah fico com vergonha de falar.	Relacional Atributivo Intensivo	Vergonha: afeto negativo insegurança
		(ii) Deixa ficar quieto	Relacional Atributivo Intensivo	
13	Coordenadora	(i) Ah, você tinha que ter ficado com vergonha de fazer sorrindo grupo ri	Relacional Atributivo Intensivo	Com vergonha de fazer: apreciação reação
		(ii) e não de falar.	Verbal	
14	Pascoal	(i) Me mandou embora sem direito a nada... sem direito a nada.	Material	

		(ii) Você vai embora daqui seu cachorro excomungado sem dono. representando uma fala supostamente da coordenadora	Material	cachorro excomungado sem dono: julgamento de estima social negativo – propriedade
15	Coordenadora	(i) Foi assim que eu falei com você? grupo ri	Verbal	
16	Pascoal	(i) Não.		
		(ii) Foi com educação.	Relacional Atributivo Intensivo	Educação: julgamento de sanção social positivo – propriedade
		(iii) Me deu a mão.	Material	
		(iv) Eu lembro de tudo.	Mental Cognitivo	
17	Coordenadora	(i) Você lembra do quê?	Mental Cognitivo	
18	Pascoal	(i) Eu lembro	Mental Cognitivo	
		(ii) que eu falei assim:	Verbal	
		(iii) então me dá um abraço que eu vou embora. representando a própria fala	Material	
		(iv) Ai você falou:	Verbal	
		(v) então tá bom.	Relacional Atributivo Intensivo	Bom: apreciação reação
		(vi) Eu te dou um abraço	Material	
		(vii) e você vai embora. v a vii representando fala da coordenadora	Material	
		(viii) Ai eu dei um abraço	Material	
		(ix) e fui embora.	Material	
		19	Coordenadora	(i) Não foi?
20	Pascoal	(i) Foi,		
		(ii) foi com educação.	Relacional Atributivo Intensivo	Educação: julgamento de sanção social positivo – propriedade
21	Coordenadora	(i) Você foi muito bem tratado, não foi?	Relacional Atributivo Intensivo	Bem tratado: julgamento de sanção social positivo – propriedade
22	Pascoal	(i) Fui muito bem tratado.	Relacional Atributivo	Bem tratado: julgamento de

			Intensivo	sanção social positivo – propriedade
		(ii) Obrigado viu?		
23	Coordenadora	(i) Porque você ficou falando então	Verbal	
		(ii) que eu te mandei embora:	Material	
		(iii) vai embora cachorro... representando a fala de Pascoal	Material	
24	Pascoal	(i) Eu tô brincando,	Material	
		(ii) tô brincando,	Material	
		(iii) tô brincando,	Material	
		(iv) {É} de bobeira.	Relacional Atributivo Intensivo	
		(v) Você me tratou muito bem.	Material	Muito bem: julgamento de sanção social positivo – propriedade
25	Coordenador	(i) Alguém te fala assim?	Verbal	
		(ii) Alguém fala com você assim?	Verbal	
26	Pascoal	(i) A mãe da minha filha fala.	Verbal	
		(ii) A que me indicou todo neste lugar.	Material	
27	Coordenadora	(i) Tá vendo?	Mental	
28	Pascoal	(i) Fala assim comigo	Verbal	
29	Coordenadora	(i) Agora você imagina...	Mental Cognitivo	
		(ii) todo dia você tá desse jeito...	Relacional Atributivo Intensivo	
		(iii) é complicado, né?	Relacional Atributivo Intensivo	Complicado: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
30	Pascoal	(i) Se eu pedir ela um abraço	Material	
		(ii) ela bate em mim.	Material	

APÊNDICE C
ANÁLISE 2: MICROANÁLISE – TRANSITIVIDADE, ATITUDE, MODOS E
RECURSOS SEMIÓTICOS

Tensionando as relações de gênero: uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente

Turno	Falante	Texto separado em orações	Ideacional	Interpessoal
			Processo/ classificação	Avaliatividade atitude
1	Coordenadora	(i) E porque estas leis existem?	Existencial	
		(ii) Vamos pensar	Mental	
2	Pedro	(i) A criança e a mulher é o sexo frágil	Relacional Atributivo Intensivo	Sexo frágil: julgamento de estima negativo capacidade
3	Ricardo	(i) Pra ninguém maltratar ninguém, = =	Material	
4	Pedro	(i) eu acho assim,	Mental Cognitivo	
		(ii) a criança e a mulher são mais indefesas que o homem	Relacional Atributivo Intensivo	Indefesas: julgamento de estima negativo capacidade
5	Coordenadora	(i) {são} indefesas como?	Relacional Atributivo Intensivo	
6	Pedro	(i) ah, {são} mais frágil	Relacional Atributivo Intensivo	Frágil: julgamento de estima negativo capacidade
7	Coordenadora	(i) {são} mais frágeis como?	Relacional Atributivo Intensivo	
8	Pedro	(i) criança e mulher {são} indefesas demais ,	Relacional Atributivo Intensivo	Indefesa: julgamento de estima negativo capacidade
		(ii) mulher {é} da mesma forma	Relacional Atributivo Intensivo	
		(iii) mulher pode dar três socos no peito de um homem,	Material	
		(iv) se eu der um tapa na orelha dela	Material	

		(v) ela espalha no chão	Material	
9	Coordenador	(i) tem uma diferença ai, não tem?	Existencial	
10	Pedro	(i) tem, de agressão	Existencial	Agressão: julgamento de sanção social negativo – propriedade
11	Pascoal	(i) {tem} ignorância também	Existencial	Ignorância: julgamento de sanção social negativo – propriedade
12	Coordenador	(i) que nome a gente pode dar parecido com a ignorância? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 5px auto;"> movimentos nas cadeiras em todos os participantes </div>	Material	
13	Édson	(i) violência		Violência: julgamento de sanção social negativo – propriedade
14	Coordenador	(i) violência, o que mais?		Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
15	Pascoal	(i) preconceito?		Preconceito: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
16	Coordenadora	(i) É, (ii) Preconceito?	Existencial	Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
17	Coordenadora	(i) Preconceito move a violência contra negros.	Material	Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
		(ii) O que move, por exemplo, a violência de um homem contra uma mulher?	Material	Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
18	Pascoal	(i) Olha, realmente eu não sei,	Mental Cognitivo	

		(ii) porque eu quebrei três vidros da minha mulher, da casa dela,	Material	
		(iii) nunca bati nela	Material	
19	Coordenador	(i) Tá, você não bateu nela,	Material	
		(ii) mas isto é uma forma de violência	Relacional Identificativo Intensivo	Coordenador introduz léxico avaliativo 'violência'
20	Pascoal	(i) foi uma forma de violência,	Relacional Identificativo Intensivo	Violência: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
		(ii) mas assim, chegar a bater numa mulher,	Material	
		(iii) eu não gosto não.	Mental Emotivo	Não gosto não: afeto
21	Coordenadora	(i) Mas o que que move?	Material	
22	Édson	(i) sub-estima.		Sub-estima: afeto de insegurança
		(ii) Sub-estima provocada pelas reações de ambos <input type="text" value="gestos com as mãos"/>	Material	Sub-estima: afeto de insegurança
		(iii) O homem subestima a mulher,	Mental Emotivo	
		(iv) por ele achar	Mental Cognitivo	
		(v) o que você falou aqui: pela fragilidade dela <input type="text" value="aponta para Pedro à sua esquerda"/>	Verbal	Fragilidade: Julgamento de estima negativo – capacidade
		(vi) Só que quando ela tá,	Relacional	
		(vii) igual vc falou, (inaudível) do homem, <input type="text" value="aponta e olha para Pedro à sua esquerda"/>	Verbal	
		(viii) ela provoca	Material	
		(ix) pra aumentar esta subestima do homem para com a mulher	Material	Sub-estima: afeto de insegurança

		(x) ai gera... estica a mão para a frente em direção à coordenação		
23	Pedro	(i) eu acho estica dedo indicador para a frente buscando turno	Mental Cognitivo	
24	Coordenador	(i) quer dizer,	Verbal	
		(ii) olha só, subestima,	Comportamental	Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
		(iii) sub/estimar,	Mental	Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
		(iv) colocar lá embaixo,	Material	
		(v) estimar lá embaixo, né?	Mental Emotivo	Coordenação repete léxico avaliativo usado pelos participantes do grupo
25	Pascoal	(i) {quando} eu quis falar preconceito,	Mental Desiderativo	Preconceito: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
		(ii) eu quis dizer isto aponta o dedo indicador para a frente	Mental Desiderativo	
		(iii) subestimar...	Mental Emotivo	Subestimar: afeto de insegurança
		(iv) Achar que algo é menor,	Mental Cognitivo	Menor: Julgamento de estima social negativo – capacidade
		(v) achar que a mulher é menor que o homem Pedro estica o dedo para a frente buscando turno	Mental Cognitivo	Menor: Julgamento de estima social negativo – capacidade

26	Coordenador	(i) a gente pode falar inferiorizar?	Verbal	Inferiorizar: Julgamento de estima social negativo – capacidade
27	Pascoal	(i) Inferiorizar,	Mental Emotivo	Inferiorizar: Julgamento de estima social negativo – capacidade
		(ii) é isto que eu pensei. Pedro estica o dedo para a frente buscando turno	Mental Cognitivo	
28	Pedro	(i) Uma mulher tem mais capacidade de ofender um homem verbalmente.	Relacional Atributivo Possessivo	Capacidade de ofender um homem verbalmente: Julgamento de estima social negativo – capacidade
		(ii) O homem já não tem tanto esta capacidade. Pedro olha para Édson. Édson balança a cabeça concordando	Relacional Atributivo Possessivo	Capacidade: Julgamento de estima social negativo – capacidade
		(iii) Ela vai ofendendo verbalmente, verbalmente...	Material	
		(iv) ele vai aguentando, aguentando, aguentando	Material	
		(v) Ele fala uma palavra, estica rapidamente o braço direito para a frente e logo em seguida o recolhe	Verbal	
		(vi) ela fala dez, estica rapidamente o braço esquerdo para a frente e logo em seguida o recolhe	Verbal	
		(vii) ai... pratica violência pausa 2seg	Material	
		(viii) Agora invertendo a situação, João Paulo,	Material	
		(ix) minha irmã desce o cacete no meu cunhado olhar de endereçamento para o coordenador	Material	
		(x) Minha irmã.		
		(xi) Quebra o pau no meu cunhado pausa 2seg	Material	

29	Coordenador	(i) E ai, mas qual é a história dos dois?	Relacional Atributivo Intensivo	
30	Pedro	(i) Ah, não sei,	Mental Cognitivo	
		(ii) tudo é sem vergonha mesmo, é ué, <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content;"> balança o corpo para a direita até encostar no ombro de Édson. Todos os participantes do grupo riem </div>	Relacional Atributivo Intensivo	Sem vergonha: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
		(iii) porque fisicamente ele é mais forte que ela.	Relacional Atributivo Intensivo	Forte: Julgamento de estima social positivo capacidade
		(iv) Eu acho desde o início	Mental Cognitivo	
		(v) se ele tivesse cortado...	Material	
		(vi) Outro dia mesmo ela chamou ele no buteco:	Verbal	
		(vii) vão bora ((inaudível))	Material	
		(viii) eu não falo três vezes não <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content;"> imitando a voz da mulher que proferiu a sentença </div>	Verbal	
		(ix) Nó, falei com ele:	Verbal	
		(x) ô Roberto, sai quebrando,	Material	
		(xi) a Camila tá com o demônio. <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content;"> Todos os participantes riem </div>	Relacional Atributivo Possessivo	

APÊNDICE D
ANÁLISE 3: MICROANÁLISE – TRANSITIVIDADE, ATITUDE, MODOS E
RECURSOS SEMIÓTICOS
“Fala pra ele procurar a Lei Mário da Penha”

Turno	Falante	Texto separado em orações	Ideacional	Interpessoal
			Processo/ Classificação	Avaliatividade/ Atitude
1	Coordenador	(i) Então será porque que ele tava num bar	Material	
		(ii) e a gente pode entender	Mental Cognitivo	Apreciação reação
		(iii) que ela tava querendo	Mental Desiderativo	Apreciação reação
		(iv) que ele saisse do bar? ==	Material	
2	Pedro	(i) Mas tipo assim... == estica as duas mãos para a frente		
3	Coordenador	(i) Porque ela tava querendo isso? ==	Mental Desiderativo	
4	Pedro	(i) Pelo que eu vejo a convivência deles lá.	Mental Cognitivo	
		(ii) Ela não dá um pingão de importância pra ele estica as duas mãos para a frente	Material	Um pingão de importância: julgamento de sanção social negativo – propriedade
		(iii) Ele é um cara trabalhador	Relacional Atributivo Intensivo	Trabalhador: Julgamento de sanção social positivo – propriedade
		(iv) é um cara honesto.	Relacional Atributivo Intensivo	Honesto: Julgamento de sanção social positivo – veracidade
		(v) Ela faz assim estala os dedos da mão direita	Material	
		(vi) ele tá lá cheirando os pés dela.	Material	
		(vii) A única coisa que eu vejo ele fazer é isso:	Mental Cognitivo	
		(viii) jogar um truco	Material	
		(ix) e de vez enquanto jogar uma sinuca com os caras. Sérgio sorri. Augusto sorri para Sérgio	Material	
		(x) A única coisa {que ele faz} de folga dele.	Material	
		(xi) Ai neste dia que ele tomou uma tacada	Material	
		(xii) eu perguntei pra ele:	Verbal	

		(xiii) quem acertou você? (grupo faz comentário inaudível)	Material	
		levantando o queixo para cima. Olha para o grupo		
		(xiv) Ele falou comigo:	Verbal	
		(xv) vocês me contaram,	Verbal	
		Representando fala de Rodrigo		
		grupo ri		
		(xvi) ele falou comigo:	Verbal	
		(xvii) vocês me contaram que foi uma tacada	Verbal	
		Representando fala de Rodrigo		
		estica os braços para a frente		
		(xviii) Falei: pois é ué.	Verbal	
		(xix) Eu te avisei pra ir embora	Material	
		(xx) porque o bicho tava no corpo dela.	Relacional Atributivo Intensivo	
		representando sua própria fala e olhando para grupo		
5	Sérgio	(i) O bicho tava no corpo dela?	Relacional Atributivo Intensivo	
		grupo ri		
6	Pedro	(i) Minha irmã é fogo, cara.	Relacional Atributivo Intensivo	Fogo: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
		(ii) Ela é pequena,	Relacional Identificativo Intensivo	
		(iii) mas Deus que me perdoe.		
		grupo ri		
7	Augusto	(i) Deus que me perdoe...		
		grupo ri		
8	Pedro	(i) É ué.		
		(ii)Nó, sem brincadeira.		
		(iii) Se vocês conhecerem minha irmã...	Material	
		(iv) cê tá é doido	Relacional Atributivo Intensivo	Doido: Julgamento de sanção social negativo – propriedade
9	Coordenador	(i) Talvez seja bom né, Pedro,	Relacional Atributivo Intensivo	Bom: Apreciação reação
		(ii) ver o que está por trás desta história	Mental Cognitivo	

		(iii) porque a gente pegar só esta história ai que você trouxe: ah a minha irmã ... = = representando a fala de Pedro	Material	
10	Pedro	(i) Ela tem um ciúme doentio dele = =	Relacional Atributivo Intensivo	Ciúme doentio: Léxico atitudinal híbrido - 1 - julgamento de sanção social negativo – propriedade 2 - Afeto negativo
11	Coordenador	(i) Mas o que é ciúme?	Relacional Atributivo Intensivo	Ciúme: Léxico atitudinal híbrido - 1 - julgamento de sanção social negativo – propriedade 2 - Afeto negativo
		(ii) O que a gente tá dando o nome de ciúme?		Ciúme: Léxico atitudinal híbrido - 1 - julgamento de sanção social negativo – propriedade 2 - Afeto negativo
		(iii) O que tá por trás disso aí?	Relacional Atributivo Intensivo	
		(iv) Porque a gente pegar só essa história:	Material	
		(v) ah ela dá pancada nele. reproduzindo fala de Pedro	Material	
		(vi) Mas qual é a relação dos dois?	Relacional Atributivo Intensivo	
		(vii) Porque será que ela tá tão interessada	Mental Desiderativo	
		(viii) que ele saia do bar	Material	
		(ix) e vá para casa?	Material	
		(x) Será que nestas idas para o bar...	Material	
		(xi) é uma pergunta	Relacional Identificativo Intensivo	
		(xii) eu não sei, tá?...	Mental Cognitivo	Não sei: Apreciação reação
		(xiii) ele deixa de fazer algumas coisas	Material	
		(xiv) e ela fica sobrecarregada demais com algumas coisas	Relacional Atributivo Intensivo	Sobrecarregad a Apreciação –

				reação
		(xv) e ele tá lá no bar	Material	
		(xvi) não querendo saber de nada...	Mental Cognitivo	
		(xvii) e fala:	Verbal	
		(xviii) ah não tô querendo saber de você, não. reproduzindo a fala de Roberto	Mental Cognitivo	
12	Pedro	(i) João Paulo, minha irmã só fica com as pernas pra cima sô.	Material	
		(ii) Fico até impressionado.	Relacional Atributivo Intensivo	Impressionado Apreciação reação
		(iii) Às vezes ela PAGA meu sobrinho ou minha sobrinha estica mão esquerda para frente	Material	
		(iv) pra lavar umas vasilhas, umas coisa assim.	Material	
		(v) DVD, ela pode abrir uma locadora.	Material	
		(vi) É o que mais tem na casa dela...	Existencial	
		(vii) DVD.		
		(viii) Só que eu acho...	Mental Cognitivo	Apreciação: reação
		(ix) por isso que eu tô falando...	Verbal	
		(x) a situação foi ele que (inaudível).	Relacional	
		(xi) Ele que deixou ela ser uma péssima mulher para ele.	Relacional Atributivo Intensivo	Péssima mulher: julgamento de estima social negativo – capacidade
		(xii) Eu falo isso com ela:	Verbal	
		(xiii) você pra {ser} dona de casa não vale nada. reproduzindo fala dele	Relacional Atributivo Intensivo	Não vale nada: Julgamento de estima social negativo – capacidade
		(xiv) Simplesmente ele não pode tá conversando com ninguém.	Material	Simplesmente: Apreciação reação
		(xv) Eu falo com ele,	Verbal	
		(xvi) eu chamo ele:	Verbal	
		(xvii) Roberto, pelo amor de Deus, o que que é isso? representando fala dele	Relacional Atributivo Intensivo	
		(xviii) Ele fala:	Verbal	
		(xix) deixa pra lá,	Material	
		(xx) eu amo essa nega.	Mental Emotivo	Amo: afeto positivo – felicidade

13	Pascoal	(i) Fala pra ele procurar a lei Mário da Penha.	Material	
		(ii) Tá vendo,	Mental Cognitivo	
		(iii) vamos pensar o reverso da situação.	Mental Cognitivo	
		(iv) Tá vendo,	Mental Cognitivo	
		(v) como é homem que apanha	Relacional Atributivo Intensivo	Homem que apanha: julgamento de estima social negativo – normalidade
		(vi) não acontece nada.		

APÊNDICE E
ANÁLISE 4: MICROANÁLISE – TRANSITIVIDADE, ATITUDE, MODOS E
RECURSOS SEMIÓTICOS

Reflexividade e responsabilização: Não adianta eu dizer que eu não sou culpado

Turno	Falante	Texto separado em orações	Ideacional	Interpessoal
			Processo/ classificação	Avaliatividade atitude
1	Coordenadora	(i) O grupo não faz milagre.	Material	
		(ii) Nós não somos pessoas que transformam a cabeça de outras pessoas.	Relacional Atributivo Intensivo	
		(iii) Na verdade as pessoas que estão aqui, né	Relacional Atributivo	
		(iv) devem ter um mínimo de disponibilidade	Relacional Atributivo	
		(v) de pensar algumas coisas, né? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 5px 0;">Augusto balança a cabeça concordando</div>	Mental Cognitivo	
		(vi) Pensar nas suas atitudes,	Mental Cognitivo	
		(vii) pensar nas coisas que pensam,	Mental Cognitivo	
		(viii) para que a gente possa = =		
2	Pascoal	(i) rever as coisas,	Mental Cognitivo	
		(ii) rever as nossas posições, né?	Mental Cognitivo	
3	Coordenadora	(i) É,		
		(ii) fazer alguma revisão,	Material	
		(iii) você falou uma coisa bacana, Pascoal.	Verbal	
4	Pascoal	Rever, é...(i) Eu tô fazendo uma auto crítica aqui, <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 5px 0;">pernas cruzadas</div>	Material	
		(ii) desde que eu cai aqui, (inaudível),	Material	
		(iii) já que eu cai aqui no grupo	Material	
		(iv) já que eu cai nesta situação	Material	
		(v) eu devo estar errado mesmo. <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 5px 0;">braços cruzados</div>	Relacional Atributivo Possessivo	Errado: julgamento negativo de sanção social – propriedade
		(vi) e eu... quando eu bebo, <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 5px 0;">estica mão esquerda para a frente</div>	Material	
		(vii) eu esqueço de tudo.	Mental Cognitivo	

	gestos com as mãos		
	(viii) No dia que eu quebrei os 3 vidros da mulher, início de longa sequência de gestos rápidos com as mãos acompanhando a fala (viii a xxi)	Material	
	(ix) que é o motivo de eu estar aqui,	Relacional Identificativo Intensivo	
	(x) eu não lembro de ter quebrado, não..	Mental Cognitivo	
	(xi) Eu fui na delegacia	Material	
	(xii) e eles falaram:	Verbal	
	(xiv) Eu falei:	Verbal	
	(xv) ó, eu não lembro não,	Mental Cognitivo	
	(xvi) mas muita gente me falaram no outro dia	Verbal	
	(xvii) que eu quebrei,	Material	
	(xviii) eu acredito	Mental Cognitivo	
	(xix) que eu tenha quebrado mesmo	Material	
	(xx) Eu faço as coisas	Material	
	(xxi) e nem sei o que eu tô fazendo. movimentos nas cadeiras de Sérgio, José e Miguel. Miguel coça cabeça	Mental Cognitivo	
	(xxii) Então quer dizer, eu, eu não sou...	Relacional	
	(xxiii) não adianta eu dizer	Relacional Atributivo	
	(xxiv) que eu não sou culpado	Relacional Atributivo Intensivo	Culpado: julgamento negativo de sanção social – propriedade
	(xxv) que eu não me lembro,	Mental Cognitivo	
	(xxvi) que eu tava tonto,	Relacional Atributivo Circunstancial	
	(xxvii) mas antes de eu beber o primeiro gole	Material	
	(xxviii) eu sabia	Mental Cognitivo	
	(xxix) que se eu bebesse mais um gole	Material	
	(xxx) eu ia fazer besteira.	Material	Besteira: julgamento negativo de sanção social – propriedade

		(xxxix) Então eu sou culpado	Relacional Atributivo Intensivo	Culpado: julgamento negativo de sanção social – propriedade
		(xxxii) por ter bebido antes	Material	
		(xxxiii) não por ter feito o negócio depois	Material	
		(xxxiv) já que eu sei	Mental Cognitivo	
		(xxxvi) que quando bebo	Material	
		(xxxvii), eu faço besteira	Material	Besteira: julgamento negativo de sanção social – propriedade
		(xxxviii) então não bebo, Ricardo se mexe na cadeira e coça cabeça	Material	
		(xxxix) então é arriscado eu fazer besteira,	Relacional Atributivo Intensivo	Besteira: julgamento negativo de sanção social – propriedade
		(xl) então eu não devo beber, né? Pausa 2 seg	Material	
		(xli) Então eu tô pensando muito nisto, ultimamente	Mental Cognitivo	
5	Coordenadora	(i) É, pois é,		
		(ii) e mais do que você falar isto, né Pascoal,	Verbal	
		(iii) você tem que escutar isto, né?... Pausa 2seg Os participantes olham para a coordenação. Augusto olha para Pascoal	Comporta mental	
		(iv) Você tá rindo, né?	Comporta mental	
6	Pascoal	(i) não, como assim?		
7	Augusto	(i) ele entendeu, (inaudível) apontando para Pascoal e olhando para coordenação	Mental Cognitivo	
8	Coordenadora	(i) Mais do que falar isto, né...	Verbal	
		(ii) você tem que escutar	Comporta mental	

		(iii) o que você mesmo tá falando <input type="text" value="José olha para cima"/>	Verbal	
9	Pascoal	(i) Eu tô lutando pra parar de beber.	Material	
		(ii) eu tô na igreja	Relacional Atributivo Circunstancia 1	
		(iii) tentando parar. <input type="text" value="José boceja em alto som"/>	Material	
		(iv) Eu tô lutando pra parar,	Material	
		(v) este é o meu problema.	Relacional Atributivo Intensivo	
		(vi) A bebida era meu problema em geral	Relacional Atributivo Circunstancia 1	
		(vii) Eu sem bebida sou uma boa pessoa,	Relacional identificativo Intensivo	Boa pessoa- julgamento positivo de sanção social – propriedade
		(viii) na moral pode acreditar	Mental Cognitivo	

APÊNDICE F
ANÁLISE 5: MICROANÁLISE – TRANSITIVIDADE, ATITUDE, MODOS E
RECURSOS SEMIÓTICOS

A construção da masculinidade: “Pra ser homem tem que beber”

Turno	Falante	Texto separado em orações	Ideacional	Interpessoal
			Processo/ Classificação	Avaliatividade Atitude
1	Coordenadora	(i) Alguém aqui já passou pela situação, por exemplo,	Material	
		(ii) de uma pessoa virar e falar assim:	Verbal	
		(iii) e aí, você não vai beber não?	Material	
		(iv) Bebe aí,	Material	
		(v) dá uma relaxada. <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">Pascoal e Elias levantam a mão</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">Marcelo estica o dedo indicador para a frente buscando turno</div>	Material	
2	Marcelo	(i) Eu já passei <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">estica o indicador para a frente buscando o turno</div>	Material	
3	Pascoal	(i) Eu também já passei por isto	Material	
4	Coordenadora	(i) Você é claro, né? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">olha para Pascoal</div> <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">todos riem e se movem nas cadeiras</div>	Relacional Atributivo Intensivo	
		(ii) Elias também {passou}, né? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">olhando para Elias</div>	Material	
		(iii) Todo mundo {passou}, né?	Material	
5	Pascoal	(i) Ô Cláudia, você é má, heim? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">olha para coordenadora sorrindo</div>	Relacional Identificativo Intensivo	Má: Julgamento de estima social negativo
6	Coordenadora	(i) O que? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">olha para Pascoal sorrindo</div>		
7	Pascoal	(i) Ficou vermelhinha,	Relacional Atributivo Possessivo	
		(ii) mas você é má, viu?	Relacional Identificativo Intensivo	Má: Julgamento de estima social negativo
		(iii) Eu é claro? <div style="border: 1px solid black; padding: 2px; width: fit-content; margin: 2px 0;">sorrindo e reproduzindo parte da fala da coordenadora (é claro)</div>	Relacional Atributivo Intensivo	
8	Elias	(i) Beber...	Material	
		(ii) pra ser homem	Relacional Atributivo	

			Intensivo	
		(iii) tem que beber.	Material	
		(iv) Bebe ai	Material	
		(v) pra você mostrar	Material	
		(vi) que você é homem.	Relacional Identificativo Intensivo	
		i a vi – reproduzindo voz de outrem		
9	Coordenador	(i) Boa.		Apreciação reação
		(ii) Tem até competição:	Existencial	
		(iii) você não bebe nada...	Material	
		(iv) só eu que bebo aqui neste lugar, né?	Material	
		iii e iv reproduzindo voz de outrem		
10	Marcelo	(i) Um homem deste tamanho tomando refrigerante...	Material	
		reproduzindo voz de outrem		
11	Coordenador	(i) Tomando refrigerante... reproduzindo voz de outrem e repetindo o que foi dito no turno 10.	Material	
		(ii) Dá um copo de leite pra este cara aqui, garçon	Material	
		reproduzindo voz de outrem		
		(iii) não é?		
12	Marcelo	(i) {Dê um} Copo cheio!	Material	
		reproduzindo voz de outrem		
13	Pedro	(i) Ou então fala assim:	Verbal	
		(ii) as meninas estão perguntando se você não bebe (inaudível) reproduzindo voz de outrem e esticando a mão para a frente	Verbal	
		iii) às vezes você tá com a mulher (inaudível)	Relacional Identificativo Circunstancial	
		(iv) ela pra aparecer (inaudível)	Material	
		(v) incentivando você a beber	Material	
14	Marcelo	(i) Pondo pilha, né? estica mão para a frente	Material	
15	Coordenador	(i) Aliás é isto né? Pedro se inclina para a frente e se mantém com os cotovelos nas pernas olhando para baixo até turno 19	Relacional Atributivo Intensivo	
		(ii) Passa por isto... Miguel se ajeita na cadeira e logo depois Marcelo se ajeita na cadeira	Material	

		(iii) incentivar, né?	Material	
		(iv) Dar um ok, assim [2seg].	Material	
		(v) Beba [2seg] reproduzindo voz de outrem	Material	
16	Marcelo	É. (i) {Dar} Um empurrão: bebe ai reproduzindo voz de outrem	Material	
17	Coordenador	(i) A sociedade incentiva, (ii) estimula	Material	
18	Pascoal	(i) Ô gente, o que que a bebida é (inaudível) o que a bebida é (inaudível) aquela reportagem no jornal, braços e pernas cruzadas	Relacional Identificativo Intensivo	
		(ii) o cara foi preso três vezes	Material	
		(iii) dirigindo embrigado de madrugada	Material	
		(iv) e passava no bafômetro,	Material	
		(v) três vezes ele foi acusado,	Mental	
		(vi) só coisa séria.	Relacional Atributivo Intensivo	Coisa séria: apreciação reação
		(vii) Uma vez ele foi correndo da polícia até em casa	Material	
		(viii) vestiu o pijama	Material	
		(ix) e quando a polícia prendeu ele	Material	
		(x) a mulher dele que entregou ele descruza as pernas e começa série de gestos circulares com as mãos até xiv	Material	
		(xi) não, ele chegou aqui em casa agora	Material	
		(xii) e vestiu o pijama.	Material	
		(xiii) É ele mesmo xi a xiii reproduzindo voz de outrem	Relacional Identificativo Intensivo	
		(xiv) Vocês não assistiram isto não? Sérgio e Augusto balançam as cabeças afirmativamente	Mental Cognitivo	
19	Elias	(i) Eu vi	Mental Cognitivo	
20	Augusto	(i) {Vi} Semana passada	Mental Cognitivo	
21	Pascoal	(i) Vocês viram? (ii) {Ele é} Sem vergonha. (iii) Não tomaram a carteira dele	Mental Cognitivo Relacional Atributivo Intensivo Material	Sem vergonha: Julgamento de estima social negativo
22	Marcelo	(i) Tomaram sim!	Material	
23	Augusto	(i) Tomaram sim!	Material	

